

*Recebeo
Bahia
21
Jingall*

OBRAS COMPLETAS

DE

ALMEIDA GARRETT

III

VOLUMES DE QUE SE COMPÕEM AS
OBRAS COMPLETAS DE ALMEIDA GARRETT

- I — **Retrato de Venus — Historia da Pintura —**
Fragmentos de poemas ineditos.
- II — **Lyrica** — Vol. 1.^o «Lyrica de João Miasmo» — «Faba-
las e Contos» — «Sonetos» — «Odes anacronicas».
- III — **Lyrica** — Vol. 2.^o «Flores sem fructos» — «Folhas ca-
hidass».
- IV — **Canções**, poema em dez cantos.
- V — **D. Branca**, poema em dez cantos.
- VI — **Adozinda — Romances reconstruidos.**
- VII — **Romanceiro** — Vol. 1.^o «Romances da tradição oral».
- VIII — **Romanceiro** — Vol. 2.^o «Romances da tradição oral»
— «Romances com forma litteraria».
- IX — **Theatro** — Vol. 1.^o «Catião».
- X — **Theatro** — Vol. 2.^o «Merope» — «Imromptu de Cin-
tra» — «Corcunda por amor».
- XI — **Theatro** — Vol. 3.^o «Auto de Gil Vicente» — «Phi-
lippa de Vilhenas».
- XII — **Theatro** — Vol. 4.^o «Alfageme de Santarem» — «Tio
Simplicio».
- XIII — **Theatro** — Vol. 5.^o «Falar verdade a mentirs» — «As
Prophecias do Bandarra» — «Um noivado no Dafundo»
— «O Camões do Rocio».
- XIV — **Theatro** — Vol. 6.^o «Frei Luiz de Sousa» — «A So-
brinha do Marquez».
- XV — **Arco de Sant'Anna** — Chronica portuense. — Ma-
nuscripto achado no convento dos Grillos, no Porto,
por um solo ido do corpo academico. — Vol. 1.^o
- XVI — **Arco de Sant'Anna** — Vol. 2.^o
- XVII — **Helena** (Fragmento de um romance).
- XVIII — **Viagens na minha terra** — Vol. 1.^o
- XIX — **Viagens na minha terra** — Vol. 2.^o
- XX — **na educação** — «Cartas dirigidas a uma senhora il-
lustre, encarregada da instituição de uma joven prin-
ceza».
- XXI — **Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua
portugueza — Outras escriptos — Impres-
sões e viagens.**
- XXII — **Memorias biographicas.**
- XXIII — **Portugal na balança da Europa** — «Do que
tem sido e do que ora lhe coovem ser na nova ordem
de coisas do mundo civilizado».
- XXIV — **Politica** — «Reflexões e opusculos» — «Corresponden-
cia diplomatica» — Vol. 1.^o
- XXV — **Politica** — «Reflexões e opusculos» — «Corresponden-
cia diplomatica» — Vol. 2.^o
- XXVI — **Discursos parlamentares.**
- XXVII — **Cartas intimas.**
- XXVIII — **Garrett e a sua obra**, por Theophilo Braga.

OBRAS COMPLETAS

DE ALMEIDA GARRETT

Edição revista, coordenada e dirigida pelo Pr. Theophilo Braga

III

3

LYRICA

VOLUME II

FLORES SEM FRUCTOS — FOLHAS CAHIDAS

EDIÇÃO ILLUSTRADA



LISBOA

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA

TYPOGRAPHIA

95 RUA AUGUSTA, 95 | 45, RUA IVREZ, 47

1904

LYRICA

III

ADVERTENCIA

Das poesias lyricas do auctor de *Camões* e de *Dona Branca*, o público pouco mais possui do que a collecção impressa anonymamente em Londres em 1829 com o titulo de *Lyrica de João Minimo*. Ou não a conhecia, ou não lhe conhecia o auctor, a *Revista Estrangeira* de Londres quando, em 1832, lamentava não ter visto os ensaios poeticos do nosso insigne escriptor, a quem principalmente avaliou como a critico e historiador litterario. ¹

Achando-se extincta, ha muito, aquella edição, tratámos de a reproduzir conforme o promettido no programma d'estas obras; e tendo recorrido ao auctor, que a reviu e augmentou, e coordenou mais regularmente pela ordem dos tempos, houemos d'elle juntamente a presente collecção, que é o

¹ *The Foreign Quarterly Review*, october 1831, pag. 467.—Ahi é censurado o collector Fonseca por não ter inserto no PARNASO LUSITANO algumas das primeiras composições do Sr. Garrett, cujo *Resumo da Historia litteraria de Portugal* vem á frente d'aquella collecção, Paris 1826.

complemento e continuação d'aquell'outra; pois que a *Lyrical de João Minimo* é a escolha das composições lyricas do Sr. Garrett desde seus mais tenros annos, começa em 1815, termina em 1823, isto é, dos dõze aos vinte, vinte e um annos do nosso auctor; e o presente livrinho comprehende tudo o que elle julgou dever deixar publicar do que tem escripto no mesmo genero d'aquelle anno em diante.

Feita esta preciosa aquisição, pareceu-nos que os desejos do público seriam melhor satisfeitos começando por ella a imprimir desde logo, e deixando a collecção antiga, já mais conhecida, para o depois.

Resta-nos dizer que, pela nova e melhor ordem que agora levam as collecções, duas ou tres peças que andavam, por incorrecção de datas, na *Lyrical de João Minimo*, tiveram de passar para a presente collecção, assim como n'aquell'outra se foram collocar muitas que lá faltavam.

Lisboa, 10 de Junho
1844

FLORES SEM FRUCTO

Em quanto fui poeta affrontei-me que m'o chamassem; hoje tenho pena e saudade de o não poder já ser. Era uma viciosa vergonha a que eu tinha, porque não ha melhores nem mais nobres almas que as dos poetas: agora o conheço bem, desde que o não sou, e que sinto as picadas das más paixões e dos acres sentimentos da baixeza humana avisarem-me que está commigo a idade da prosa; — como ao que teve folgazan e solta mocidade o avisam os primeiros latejos da gotta de que lhe está a velhice a entrar em casa.

Dieta, regularidade e moderação prolongam a juventude do corpo; mas quando a alma chegou a enrugar-se, não ha hygiene que a desfranza. A minha está velha; e a todos os achaques da velhice, junta essa fatal e matadora saudade do passado. Quanto dera eu por ver e sentir como via e sentia quando pensava pouco e sentia muito! Quem me dera ser o louco, o doido, o poeta que eu tinha vergonha de ser! E de que me serve a reflexão, a experiencia, a razão como lhe chamam, senão é para ver de outro modo as illusões da vida, para as ver do lado feio, torpe, baixo e vulgar, quando eu as via d'antes esmaltadas de todas as côres do Iris, bellas de toda a poesia que estava na minha alma, grandes de todas as virtudes que eram no meu coração!

Ora pois! não sou já poeta: podem-me fazer «almotacé do meu bairro», quando quiserem. Forte semsaborão ganhou a patria! E custou: que levaram muito tempo e muito trabalho para me despoetizarem; foram precisos annos de rudés luctas, centos de desenganos, milhares de desapontamentos para me fazerem conhecer o mundo tal como elle é, os homens, como elles são. Cheguei emfim a isso, e deixei portanto de ser poeta. O meu horto de flores tam queridas e mimosas, que não davam fructo, mas alimentavam a vida com seus aromas de benefica e nutriente exhalção, que eram como aquelloutras flores de que disse Camões:

Contam certos auctores
Que, junto da clara fonte
Do Nilo os moradores
Vivem do cheiro das flores
Que nascem n'aquelle monte:

o meu horto vou plantal-o de luzerna e be-
arrabas. E arranquemos estas *flores sem
fructo*, não as veja algum utilitario que me
condemne de relapso, a ir, de carocha e
sambenito poetico, arder n'algum auto-da-fé
que por ahi celebrem em honra de Adam-
Smith ou de João Baptista Say, ou dos ou-
tros grandes homens cuja sciencia é como a
do Horatio de Shakespeare que não vê «mais
coisa nenhuma entre o céu e a terra do que
as que sonha a sua philosophia.»

Não as colhi pois, arranquei-as, estas po-
bres flores que aqui enfeixo n'uma triste e
última capella para deixar depêndurada na
minha cruz; e ahi murche e seque ao suão

ardente do deserto em que fica, até que me venham enterrar ao pé d'ella, aqui onde eu quero jazer junto das ultimas recordações poeticas da minha vida, dos ultimos sonhos que sonhei acordado, e que valem mais do que todas as realidades que depois tenho visto.

E não cuides, amigo leitor, que eu quero dizer n'isto que não fiz senão versos atégora, que não farei senão prosas d'aqui em diante. Por meus peccados, fiz mais prosas que versos, e ajudei a gastar com ellas a mocidade da minha alma e a frescura do meu coração; baixei de sobejo ao mundo das realidades, quando tinha azas para me remontar ao ideal, e pairar-me pelas regiões onde viçam as eternas flores do genio. Fiz, quando não devia, fiz prosa em annos de versos. Quem sabe se a stulta vaidade que m'o fez fazer então, me não levará tambem para o diante a fazer versos em annos de prosa?

Não é minha tenção, mas não o juro; que isto de ser poeta é como ser embarcado; um dia aperta a vontade, comem os desejos por tal modo que se vae um homem por esses mares fóra, e só no meio do temporal se lembra de que já não é para semelhantes folias.

Isto porêm que nasce espontaneo d'alma, que vem, como ejaculação involuntaria de dentro, quando trasborda o coração de jubilo ou de pena ou de admiração; isto que é o falar do homem para Deus n'aquellas phrases incoherentes, inanalysaveis pelas grammaticas humanas, porque são reminiscencias da lingua dos anjos que elle soube

antes de nascer; isto que se entôa e se canta no coração, antes e muito mais bello do que o repita a lingua, d'esses versos não tornarei eu a fazer, porque não posso, porque era mister que Deus fizesse o milagre de me remoçar a alma: e não o fará.

São pois estas quasi absolutamente as últimas coisas lyricas que, por vontade e auctorisação minha, se publicarão d'entre tantissimas que fiz e que, pela maior parte, tenho destruido. Não faltará quem diga talvez que melhor fôra que o fizesse a todas. Mas não é essa a opinião nem a vontade das maiorias que consultei. E já se vê que, segundo a moda dos tempos, eu consultei as minhas maiorias, e não fiz caso das outras: ás quaes todavia — e não á moda do tempo — deixo o direito salvo para ralhar livremente e como quizerem.

Já se vê bem assim o porque ponho este titulo de FLORES SEM FRUCTO á pequena collecção de poesias que aqui vac. Nem todas são de primavera estas flores; ha de várias estações: fructo é que nenhuma deu. Deixariam de ser flores poeticas se o dessem.

O nosso Miguel Leitão chamou á sua *Miscelanea*, *Ensalada de várias hervas* — e esse principe allemão que é tanto moda, e que escreve com tam desgarrada elegancia, pôs a uma das suas collecções de rhapsodias criticas o titulo italiano de *Tutti-frutti*, que significa o mesmo quasi. E não cuidem que este principe que cito com ser principe prussiano tambem, é o aventureiro que aqui andou ha dous annos a rabiscar semsaborias a respeito da nossa terra, mettendo para o

sacco toda quanta calumnia e mentira lhe deram os estrangeiros e estrangeirados que nos devoram e detestam, para as espalhar depois pela Europa, afim de que o mundo diga: «Muito favor lhe fazem os oppressores d'aquelle bruto e estúpido Portugal em o governarem a pontapés e lhe tirarem o último cruzado novo de que elle não sabe usar!»

Bem dita seja a nobre e generosa princeza que tratou o bandoleiro como elle merecia, e que não tolerou deante de si o calumniador de sua familia e da nação que a adoptára! Assim fizessem os outros!

Não senhor; *Semi-lasso*, auctor de *Tutti-frutti*, é outra casta de principe: talvez o tratassem mal aqui se elle cá viesse. E não me peja de seguir o seu exemplo de longe, escolhendo o titulo que escolhi para esta miscelanea de reminiscencias poeticas.

Mas nem sómente são de várias estações, são tambem de várias e mui desvairadas especies estas flores. Aopé do acantho da lyra antiga, vae o trevo e o goivo que enramavam o alahude romantico; o nardo, a mangerona e a mesma rosa da Palestina ousaram crescer entre o loto e os myrtos da Attica: e não em jardim symetrico, riscado a regua e compasso como os do seculo passado, mas de paizagem livre em que se aproveitaram os descuidos e accidentes da natureza e do terreno.

Algumas poucas peças politicas leva esta collecção; e d'ellas ha que nem eu já entendo bem; tanto mudaram em tam poucos annos, circumstancias e pessoas que a inspiraram. Mas não as podia tirar de um livro em

que vae consignada a maior ou melhor parte das minhas sensações poeticas em toda uma epoca, e essa a mais aventureosa, a mais cheia e mais importante da minha vida.

Novembro 3—1843.

FI ORES SEM FRUCTO

LIVRO PRIMEIRO

I

HYMNO Á POESIA

Præsidium et dulce decus meum.
BORAT.

Oh meu amparo, oh doce gloria minha,
Tu com quem me achei sempre,
Na desgraça, na mágua e nos pezares
Para me consolar;
Que me dás voz, suspiros, desaffôgo
Quando a ventura é tanta
Que pésa n'alma—e o coração é cheio
A estalar se não fala!
Como te invocarei, que santo nome,
Filha do céu divina,
Te heide eu dar, ó Poesia, encanto, affago
Da minha juventude?
Nunca te chamo, que benigna, amavel
Não desças do céu puro
A mãos-cheias trazendo as magas flores
Que te viçam eternas
N'esses jardins de gloria e formosura
Vens—mas tam vária sempre!
E ora te vejo, no extasi sublime,
Nymppha ligeira e bella,
Como as despidas graças, nua, ingenua,
De azues, rasgados olhos
Que ou já scintillam, vivos do desejo
As ardentes faiscas,

Ou serenos co'a posse, em gôso languido
 Meigos, tranquillos brilham.
 Ora, cahidas pelos hombros niveos
 As longas, longas tranças
 Te vão fluctuando sôltas. . Nas choréas
 Que em dança alegre travas
 Com os alados hymnos que te cercam,
 E ao som da arguta lyra,
 Formas, sem arte, desvairados passos,
 Ou já rasteiros, lentos,
 Ou tam altos que zephyro te espalha
 As raras, leves roupas.
 Já, accordando em modo altivo e nobre
 A cythara canora,
 Dos deuses, dos heroes ergues louvores
 Aos sublimados astros;
 Já maviosa, em canto mais singello,
 Os dons da natureza,
 Os tranquillos prazeres da virtude,
 Os mimos da innocencia
 E os serenos gosos da amizade
 Suavemente entôas.
 Já, no extasi d'amor, no raptô ardido
 De amante enthusiasmo,
 Sopras a chamma que a belleza atêa,
 E avivas as delicias
 Que o deus dos corações infundiu n'alma
 De um par que elle juntára. . .
 Como timida então pedes, supplicas
 E com languido accento
 Tenue favor imploras suspirando!
 Mas logo ousada. . . roubas
 D'entre o virgineo, recatado seio
 Acre beijo que ha pouco
 Mal inda ousavas supplicar modesta
 Para o colhêr dos labios!
 Toda és jubilo então. - Mas quantas vezes
 Os olhos enturvados,
 Pallida a frente, desgrenhada, em pranto,
 Anciando de amargura,
 Ais de angústia e de morte soluçando,
 Gemes co'a lyra e choras!
 Negras suspeitas, aridos ciúmes,
 Desleaes inconstancias
 Te andam d'emtórno esvoaçando em uivos.

E não és menos bella,
 Menos gentil então! Das faces pallidas
 As lagrimas, a fio,
 A fio deslisando, caem, batem
 A espaços compassados
 Na cava lyra—e uns ais sumidos, mortos,
 De harmonia divina,
 Vêm traspassar o coração de mágoa...
 Mágoa!... prazer dos céus.

1823.

II

A JULIA

Seele runn in Seele.
 SCHILLER.

I

OH, que suave foi este momento
 Que dormir tam feliz, tam descuidado!
 Andou me o pensamento
 Voando nas delicias do passado,
 Nequintando o mais puro
 Dos gosos que me deste,
 Para formar esp'ranças de um futuro
 Mais divino e celeste.

II

E tu, Julia querida, não dormiste?
 Insensível caíste
 N'essa tristeza de doçuras cheia,
 Que as almas como a tua
 Tam brandamente enleia
 Em acordados sonhos de ventura.

III

Ambos fomos ditosos.
 E' só dado aos amantes venturosos
 Dormir somnos tam doces:
 Vêm depois os prazeres despertal-os;
 Co'a alegre travessura
 Amor vem acordal-os.
 Elle te chama, suspirada amante,
 Pela voz da ternura,

Deixa a melancholia:
 São tranquilllos demais seus tennes gosos.
 No seio da alegria,
 Nos braços da ventura,
 Vem commigo folgar por estes bosques.
 Por entre esta espessura.

IV

Dêmos de mão a serios pensamentos,
 Em quanto o sol dardeja
 Para longe de nós raios de fogo,
 Aqui, onde veveja,
 Às escondidas d'elle, a primavera
 Com tam frescos verdores,
 Gozemos nossos placidos amores.

V

As dryades sensiveis,
 Que dentro d'esses troncos nos escutam,
 Oçam nossas conversas apraziveis,
 As expressões amantes
 De dois peitos constantes
 Em suas verdes cortiças escrevendo.
 Como ellas vão crescendo,
 Cresçam nossos amores:
 E quando, pelas cópas remoçadas,
 Brotarem novas flores
 Nas árvores lembradas
 De tam doces momentos,
 Serão mais lindas as suas lindas côres,
 Serão mais engraçadas

VI

Talvez que a mão de algum amante as colha
 Para adornar o seio
 Do seu querido enleio;
 E esse amante dirá:—Julia a formosa,
 Julia, tam adorada,
 Aqui foi venturosa:
 Seja feliz como ella a minha amada!—

VII

Assim dirá; e as dryades lembradas
 Rirão do voto uffano:
 Que ellas bem sabem como o deus tyranno
 Jurando promettêra
 Que tanto, tanto amor como ao meu dera
 Não o poria mais em peito humano.

18r...

III

O MAR

He seized his harp which he at times could string...
 While flew the vessel on her snowy wing.
 CHILD HAROLD.

I

Doce esperança, numen bemfazejo,
 Vem enxugar-me as lagrimas saudosas
 Que em fio d'estes olhos me deslisam:
 Co'a ponta do alvo manto a meiga face
 Que o acre ardor do pranto me há crestado,
 Vem consolar-me, vem; alenta o peito
 C'um fagueiro sorrir d'esses teus labios,
 Manda-me um raio teu de luz serena
 Que o resfriado coração me aqueça.
 Oh! dos amigos, do meu bem não quero
 Que me apagues suavissima lembrança:
 Dize-me só que tornarei a vê-los,
 Que dos p'rigos que em tórno me circumdam
 Heide inda a salvo descançar com elles,
 E já sem medo recantar fadigas
 De procellas, de calmas acintosas,
 Duras rajadas, furacões tremendos
 E quantos hora me rodeam males
 Que olhos fitos em ti, vou supportando.

II

Vem, ó deusa, da vista ennevoadas
 Sopra-me a cerração d'atra saudade:
 Deixa-me olhar pela extensão dos mares
 E ver no immenso das ceruleas ondas
 Affigurar-se a imagem do infinito.

Oh! como é grande a mão da natureza!
 Que vastos plainos d'ante mim se estendem,
 E vão em de redor nos horisontes
 Topar co'as bases da celeste abobada!

III

Vae-se acclarando agora o firmamento,
 E azulando-se o mar co'a luz nascente
 Do primeiro, tenuissimo crepusculo.
 Eil-a que assoma, despontando apenas
 C'os roseos dedos, a formosa aurora
 Vem brandamente a desparzir no polo
 As roxas, lindas flores, rociadas
 Do matutino, bemfazejo orvalho,
 Talvez por mãos dos zephyros colhidas
 Nos jardins ulyseos, nas brandas veigas
 Ao remanso do placido Mondego...
 Talvez hontem ainda a minha amada
 Lhe respirasse o lisongeiro aroma...
 Oh! recolhei-as, amorosas filhas
 Do placido Nereu, ide nos collos
 Dos Tritões namorados, ide ao Tejo
 E ao manso rio que engrossaram prantos
 Da malfadada Ignez, ide, levae-lh'as
 Aos do meu coração, o amigo, a amante:
 Dizei-lhes que eu, eu sou que vos envio,
 Que depóz vós o coração me foge,
 E que só vivo nas memorias d'elles.
 Ide ligeiras, sim, correi, ó nymphas...
 Mas oh! do patrio meu Douro sombrio
 Ail não, não vades demandar as praias...
 Amargosa e cruel me veda a sorte
 Recordal-o sem dor... Ferreas angústias
 Lá misero soffri... lá n'este peito
 Verteu perversa mão do deus dos males
 Quanto fel espremeu do peito ás furias,
 Quanto veneno lhe escumou dos labios.
 A ingrata... Ah! nunca mais me lembre o Douro;
 Suas riquezas para si que as guarde,
 Suas aguas turvas impetuoso as role
 Por entre as calvas penedias brutas
 Que a lobrega torrente lhe comprimem:
 Vá, que a mim saudades não m'as deixa:
 Só tormentos me deu não posso amal-o...

IV

Esqueçamos memórias que afadigam,
E o espectáculo augusto contemplemos
D'esse nascente dia. Com que pompa
Se ergue das ondas o astro luminoso,
Como nos raios se aviventa o lume!
Vae crescendo o fulgor á luz nascente,
Douram-se em de redor os horisontes,
O mar se espelha e reverbera o brilho...

V

Salve, imagem do Eterno! ólho do mundo
Que a doce vida no universo esparzes!
Ao teu assômo as delicadas flores
Vão na hástea humilde endireitando as frentes.
Já pela côpa ás árvores frondosas
Os fechados botões se desabrocham,
Pulla na terra germinando e cresce
A encerrada semente, esp'rança e fito
Do lavrador cançado. O' terra, e quantos
Quantos encobres ávida mysterios
Que nos teus penetraes obram seus raios!
E mais - por muito tempo a nós vedal os
Não o imagines, não: vês essa deusa,
Pallido o rosto, os olhos encovados,
C'os ferros curvos que em teu seio embebe
Rasga, franqueia?—E' a sordida cubiça
Que por tuas entranhas laceradas,
As ricas veias dos metaes sangrando,
Lá vae cavar os crimes e flagícios
Que hãode infezar a triste humanidade...

VI

Oh! sol! quanto é sublime n'essa esphera
A magestade tua! com que imperio
Dardejas fogo nos aquosos plainos!
Tua vista so no coração cortado
Do triste viajante alenta a esp'rança.
E eu, pela espalda de viçoso outeiro
Não te vejo surgir, nem brandamente
Ir-se co'os raios teus dourando as messes,
Prateando o arroio, os campos esmaltando..

Não oiço pelos floridos raminhos
 Modular philomena as doces queixas,
 Nem pastora gentil vejo no prado
 Ir conduzindo os alvos cordeirinhos.
 Nada, nada descobres a meus olhos...
 Só tu e o vasto mar... e a saudade.
 Mas ha n'esta solidão tambem prazeres:
 Para quem?... para o sabio?—O sabio préza
 O fasto apparatuso das sciencias:
 Não vêm soar-lhe aqui da fama os brados,
 Nem tanger-lhe os clarins que os évoç ganham.
 O ambicioso? o avaro? — A todos esses
 Esteril é de gôso a soledade.
 Quem te ama pois, ó solidão dos mares?
 O coração singelo, e nunca hervado
 Do veneno do crime, nem pungido
 Do assacalado espinho dos remorsos.
 Por essa immensidão de céus e de águas
 tua alma se dilata e desaffoga;
 Doce dos olhos lhe devolve o pranto
 Co'a lembrança dos candidos amigos,
 Prazeres que gosou recorda, e folga,
 Novos medita, e em medital-os gosa:
 No seio se reclina á natureza,
 E deixa ás vagas disputar-se o espaço.

VII

Insondavel mysterio ! eu curvo a frente
 Húmilhosa ante o Sêr que te governa,
 O' mar, alto pregão da voz do Eterno.
 Teus rugidores sons na tempestade
 Acclamam seu podêr; e o teu silencio
 Na mudez magestosa testimunha
 Sua grandeza immensa. O homem se perde
 No arcano de tuas leis: e os seculos passam,
 Correm os annos, dias se appressuram,
 Fogem as horas, os instantes, vômam,
 E em de redor do circulo dos tempos
 Suam, no curto espaço da existencia,
 Um depóz outro, humanos sabedores
 Sem o menor colhêr de teu segredos.

VIII

Qual te imagina o pae d'este universo
 Que, agglomerando multiformes masas,
 Lhe deras sêr primeiro; qual... — Mas onde,
 Fraqueza de homens, não levaste o homem
 Quando, luctando a mesquinhez do engenho
 Co'a immensidão dos sêres, o desvaira!
 E's élo da cadeia da existencia,
 Pensador animal! a altiva fronte
 Sôbre o pó do teu nada abate e humilha;
 Vive essa vida, saborêa o favo
 Que na vida te deu a natureza:
 No instincto do teu bem segue a virtude,
 Dentro do coração lá tens um livro;
 N'esse cumpre estudar, esse apprendel-o...

IX

Que manso vae co'as vellas infunadas
 Do amigo sôpro do galerno vento,
 O ligeiro baixel, varrendo as ondas!
 Não cobre o manto azul do céu sereno
 Nem o pardo menor de nuvem fusca;
 E mal encrespa a superficie ás aguas
 De amena viração doce bafejo.
 Folgam d'entôrno os mudos nadadores,
 Em quanto sequioso o marinheiro
 Ou no traidor anzol lhe esconde a morte,
 Ou no farpão certo lh'a dardeja
 E elle que mal vos fez? a natureza
 Não lhe deu como a vós tambem a vida!
 Oíço que me responde o despeitoso
 Brado fatal do rispido britanno: *
 —E teu estado, ó natureza, a guerra...—
 Cumpre a destruição ás leis da vida;
 E na longa cadeia da existencia
 Convêm... Que intentas desvairada musa?
 Os que a divina mão sellou mysterios
 Queres sondal-os? Apoucado e breve
 Se estende além de nós o vasto mundo;
 E mui perto os limites escaceam
 Dos humanos curtissimos sentidos...

* Hobbes.

X

Como está leite o mar! Não, mais serenas
 As namoradas vagas não folgavam.
 Quando a meiga, bellissima Erycina
 Do espumeo germen resurgiu formosa.
 Mar, do teu seio a deusa dos amores
 Veiu adoçar os fados do universo,
 Dar a vida ao prazer, prazer á vida,
 E o dulcissimo favo do deleite
 Espremar, derramal-o na existencia.

XI

Que, mal a frente airosa ergueu das ondas
 E as descuidadas tranças mal enxutas
 Pelos hombros de neve debruçadas
 Arredou co'alva mão dos olhos negros,
 Do seio lindo voluptuosas chammas
 Subito os máres rapidas lavraram:
 Corre o fogo divino e delicioso,
 E o reino inteiro de Neptuno abraza.
 As bonançosas, accalmadas ondas,
 Beijando as curvas praias, vem na terra
 O incentivo depôr de ethereos gosos.
 Voa a flamma subtil ao céu e aos astros;
 Não sabido prazer no Olympo os numes
 Sentem no coração banhar lh'o em gosto.

XII

Nasceu Venus gentil, folgae: com ella
 Vêm os amores e as despidas graças,
 As rosas do deleite desparzindo
 Na alvoraçada sphaera. Em bando alegre
 Jocos, risos brincões d'entorno a cercam,
 Avidos beijos, lúbricos revôam,
 Correm alados soffregos desejos;
 E as verdes roupas desprendendo ao vento,
 D'alva amendoeira coroada a frente,
 Ante elles toda a Esperança os guia.
 Ferve o granizo das douradas settas
 Que aligeros frecheiros vão tirando.
 Nuvem de corações corre a entregar-se,
 E nos laços gentis prender contente
 A mui pesada, inutil liberdade.

XIII

Oh ! que banhar de gosto delicioso !
 Que affogar de prazer homens e numes !
 Como derrete o géllo da indifferença
 Ante a divina abraçadora chamma !
 Como se espraia pela vida o gosto !
 Como á existencia os vinculos se estreitam !
 Como nos élos da cadeia eterna
 O sêr se allonga, reproduz e aviva !
 Mar ! que venturas te uão deve o mundo . .

XIV

Filha das ondas, Cytheréa bella,
 Maga deusa de amor, oh ! não consintas,
 Oh ! não consintas que o teu vate anceie,
 Sofra em teu reino despregados Euros
 Torcer-lhe o rumo, desvairar-lhe a proa,
 E cravar-lhe d'entôrno as grossas vagas.
 E' teu imperio o mádido oceano.
 E no mundo que ha que teu não seja?
 Tu c'um sorriso as furias lhe assocegas,
 C'um só fagueiro olhar as iras cruas
 Lhe quebras docemente e lh'as abrandas:
 Que esse que outr'ora pelo virgem pégo
 Ousou primeiro confiar-se aos ventos
 Teu amparo o salvou, teu meigo auxilio
 Lhe abonançou as cérulas campinas...

182...

IV

BELLEZA E BONDADÉ

(DE SAPHO)

QUANDO ávida contemplo a formosura,
 Tam breve é meu prazer que foge co'ella;
 Mas bondade e lisura,
 Mas a innocencia, oh ! essa é sempre bella.

V

O SACRIFICIO

(DE SAPHO)

VEM, Athis, coroar de infantes rosas
 Essa frente engraçada, — e as tranças moveis
 De teus aureos cabellos, deixa-as sôltas
 Pelo collo de neve.
 Oh! que amavel pudor te anima e córa!
 Vem, colhe com teus dedos melindrosos
 Frescas boninas, doces violetas
 De suavissimo aroma;
 Que a victima de flores coroada
 Sempre é mais grata aos deuses. Vem: teremos
 Estas selvas sisudas por altares,
 Onde a minha ventura
 Me hade elevar aos numes soberanos.
 Enlaça emtôrno a mim essas grinaldas,
 Reclina-te em meu seio, os olhos bellos
 Para os meus olhos volve...
 Que linda córas! que formosos labios!
 Essa pulida tez não cede ás flores:
 Não, que a viveza de sua côr brilhante
 O esplendor não te offusca.

182...

VI

A LYRA

(DE ANACREONTE)

DE gôsto cantára Atridas,
 E a Cadmo erguêra louvor;
 Porêm as cordas da lyra
 Só sabem dizer amor.

Ha pouco, mudando-a toda,
 Novas cordas lhe assentava,
 E de Alcides os trabalhos
 A cantar principiava;

Mas, contra as minhas tenções,
Em vez de marciaes furores,
De teimosa e como a acinte,
Sempre vae soando amores.

Adeus, heroes! adeus, glória!
Adeus guerreiro furor!
As cordas da minha lyra.
Só sabem dizer amor.

181. . .

VII

GOSO DA VIDA

(DE ANACREONTE)

DE loto e de murtas
N'um leito virente,
Bebendo contente,
Me vou recostar:

E os côpos alegres
Me venha Cupido,
De gala vestido,
Aqui ministrar.

Qual roda de coche
No giro apressada,
A edade açodada
Nos vòa a fugir.

Desfeitos os ossos
Em van cinza leve,
Iremos em breve
Na campa jazer.

Porque hão de os sepulchros
Em vão ser ungidos,
E esses dons perdidos
A terra sorver?

Dá-me antes em vida
As c'roas de rosas,

E essencias cheirosas
Para eu me tocar.

Ou traz' me uma bella
Que com seus amores,
—Em quanto aos horrores
Do Orco não vou—

Me venha estes gostos
Dobrar melhorados,
E os negros cuidados
Todos dissipar.

182...

VIII

A FORÇA DA MULHER

(DE ANACREONTE)

Ao touro deu corneas pontas
A prósida natureza,
Deu á lebre a ligeireza,
E a dura pata ao corcel.

A voar ensina ás aves,
A nadar ao peixe mudo,
E deu ao leão sanhudo
O dente destruidor;

Aos homens deu a prudencia;
A mulher não pôde dal-a. . .
Acaso quiz desherdal-a,
Ou então com que a dotou?

Por armas e por defeza
Deu-lhe as fôrmas engraçadas
Que o ferro, o fogo, as espadas,
Que tudo podem vencer.

1823.

IX

A ROSA

(DE ANACREONTE)

A rosa a amor consagrada
 A Lyeu associemos;
 Co'as folhas da linda rosa
 Nossas frentes coroemos,
 Entre os copos a brincar.

A rosa é a honra das flores,
 E o amor da primavera,
 E' dos numes o deleite;
 E o menino de Cythera,
 Quando aos côros vae das Graças,
 Leva sempre as tranças bellas
 Com delicadas capellas
 De lindas rosas toucadas.

Eia pois! tu me corôa
 Se me queres, ó Lyeu,
 Cantando no templo teu
 Doces hymnos a entoar.
 Irei, de rosas coroado,
 Com gentil Jonzella ao lado,
 Eu mesmo as tuas corêas
 C'o sacro thyrso guiar.

1823.

X

A POMBINHA

(DE ANACREONTE)

De onde vieste,
 Amavel pombinha,
 Gentil avezinha,
 Aonde é que vás?

De d'onde trouxeste
 Arôma tam brando
 Que esparzes, voando,
 Por todo esse ár?

— Foi Anacreonte
Que ao seu bem amado
Com meigo recado,
Aqui me mandou:

Seu bem, que reparte
Dos lumes divinos
Ao mundo os destinos
N'um languido olhar.

Da maga Cythera
O cego menino,
A trôco de um hymno.
Ao vate me deu:

Sou de Anacreonte
Agora o paquete,
E' d'elle o bilhete
Que vou entregar.

Prometteu-me cedo
De dar-me alforria,
Que eu antes queria
Sempre escrava ser...

Que gosto é no mato
Andar pelas fragas,
Viver só de bagas,
Nos ramos dormir?

Da mão de meu dono
Como alvo pãozinho,
E só bebo vinho
Do que elle me dá.

Às vezes alegre
Saltando, esvoaço,
E sombra lhe faço
Co'as azas a dar;

Ou quando me sinto
De somno pesada,
Na lyra doirada
Me deito a dormir.

Adeus ! que me fazes
 Ser mais palradeira
 Que a gralha grasneira
 Com o teu perguntar.

1823.

XI

O GENIO DE PINDARO

(DE HORACIO)

QUEM atrevido quer lutar com Pindaro,
 Fia-se em azas que pegou com cêra
 A arte dedálea—e hade ir dar seu nome
 Ao vitreo pégo.

Como esse rio que engrossou co'a cheia'
 E vem do monte, as ribas alagando,
 Tal ferve e corre da profunda bôcca
 Pindaro immenso.

Sempre dos louros appollineos digno :
 Ou dithyrambos cante em novos termos,
 E livre entôe numerosos versos
 L'e regra soltos;

Ou cante os numes, ou reis sangue d'elles
 Que justa morte deram a Centauros,
 E horridas chammas apagar poderam
 De atra Chymera;

Ou vá coroadando com os dons das musas
 Os que, vencendo na corrida ou lucta,
 Ricos das palmas d'Elide que cingem
 Aos céus se elevam;

Ou sôbre a espôsa abandonada chore
 A quem roubaram o marido joven,
 E aureos costumes e a virtude exalte,
 Pragueje o inferno.

É forte a aura que, em subindo ás nuvens
 O dirceu cysne, lhe propelle os vôos.
 Eu, meu Antonio, como a abelha humilde
 Que afadigada

Por bosque e prados, ás ribeiras humidas
 Colhe do Tibur os tomilhos gratos,
 Assim a custo meus lidados versos
 Componho tímido. .

1823.

XII

GLYCERA

(DE HORACIO)

MANDA a mãe dos amores,
 Da thebana Semele ordena o filho,
 E a lasciva licença,
 Que a já findos amores volva o ânimo.
 De Glyceria que brilha
 Mais pura do que o marmore de Paros
 A nitidez me inflamma;
 Grato me inflamma o garbo desenvolvido,
 E aquelle gesto lindo,
 Tam tentador, tão lubrico de vêr-se.
 Chypre desamparando,
 Vem toda Venus sôbre mim de golpe:
 Nem já cantar de Scythas
 Nem do Partho esforçado e cavalleiro,
 Que no corcel voltado,
 Fugindo e plejando, se retira...
 Nada que seu não seja,
 Nada já me consente.—Aqui, mancebos,
 Trazei-me aqui verbenas,
 E ponde-me em altar de toiças vivas
 I aças de vinho, incensos;
 Que a victima será depois mais branda.

1823.

XIII

O HYNVERNO

(DE ALCEU)

JUPITER chove, pelo céu se enturva
 Fremente o ár;
 Turgidas crescem as torrentes grossas
 Da agua a jorrar.
 Frigido inverno! morra nas fogueiras
 Do roxo lar.
 Corra-nos vinho, franco, de mão larga,
 Vamos, virar!

Beba-se, e já; porque a luz havemos
 Ainda esperar?
 Rapido é o dia, lentos são pezares,
 Maus de acabar:
 Deu-nol-o, o vinho, de Semele o filho
 Para os matar.
 Válidos copos, um a um, cá dentro
 Se vão juntar;
 E aspeza lucta travam na cabeça,
 Que hãode quebrar.
 Agua?... mostrar-lh'a: duas vezes vinho
 A tresdobrar!

1823

XIV

A ESPADA DO POETA

(DE ALCEU)

EU coroarei de myrto a minha espada,
 Como a de Harmódio, honrada,
 E como a de Aristógiton, o forte,
 Quando ao sevo tyranno deram morte,
 E Athenas libertada
 Foi á egualdade antiga restaurada.

Tu não morreste, Harmódio, oh não! tu gosas
 Nessas ilhas ditosas
 Serena vida c'os heroes que ahi moram,
 E onde, cremos, demoram
 Diomedes, o valente,
 E Achilles, o veloz, eternamente.

De myrto a minha espada
 Trarei como Aristógiton c'roada,
 E como Harmódio o forte
 Que á vingança a reserva,
 Quando, nos sacrificios de Minerva, ¶
 Ao tyranno Hypparcho deram morte.

Em prezada memoria
 Viverá para sempre eternamente,
 Harmódio, a tua glória,
 E a tua, Aristógiton valente,

5896-2

Universidade de Brasília

BIBLIOTECA

Que o tyranno matastes,
E á liberta cidade
O usurpado direito restaurastes
Da primeira egualdade.

1823.

XV

OSCAR

(IMITAÇÃO DE OSSIAN)

I

ARIDA emtôrno a mim a natureza
Só descalvadas penedias brancas,
Só crespô, alvo regêlo me descobre:
Dorme a vegetação nos troncos seccos,
Morre no leito congelado o rio...
Toda repousa em lugubre silencio
A vida do universo,—em frio espasmo
Da existencia parou cansada a máchina.
Desabrida estação! quanto a minha alma
Se embebe na mudez de teus horrores!
Todo o vigor se me acolheu, do corpo,
Ao coração no peito;—a alma compressa
Resalta e pula ás regiões ethereas

II

Veloz imaginar, nas azas tuas
Eis-me libradol pelos áres vago
E espaços vingo de alongados máres,
Desço na terra e poiso... Oh! qual me cerca
Enrevezada cerração confusa!
É mundo isto que vejo, é terra ainda
Esta que piso?... Não descobrem olhos
Mais que nuvens e horror, trevas e cahos..
Lá se adelgaça um pouco a névoa grossa:
Vejo ouriçar-se ponteagudas penhas
Hirtas de abrolhos a alvejar c'oa neve...
Lá cae de chofre em catadupa, e soa

Horrendamente, com fragor tremendo
Torrente immensa na soidão do valle;
Eil-a sombria se devolve e espraia
Pela extensão de um lago...

III

...D'além vejo

Vir pelos topos dos fronteiros montes
Grave e pausado silencioso velho
Em vagaroso passo caminhando.
Longa dos hombros ao talar lhe desce
Alva, comprida tunica; na dextra
Traz uma hâstea de lança farpeada,
E pendente da esquerda, uma harpa antiga
Onde o vento resôa em oucos eccos.

IV

Gemeu de os escutar o ancião dos tempos,
E de profunda mágoa lhe soluça
O peito descarnado. Eil-o que a toma
Nas mãos trementes, e lhe apalpa as cordas
Esbambeadas do vento, e desmontadas
Do longo correr de annos. Já se affina,
Já troa altivos sons em modo lugubre
Mas desusado e novo. Oh, que de Thura
É este o vate, Ossian este é por certo.

V

Não me enganei; era de Ossian a sombra,
E assim cantou:

—Oscar, Dermid são mortos.

No florecer de esperançosos annos,
Ceifou amor cruel tam caras vidas
Garuth é pae de Oscar, Caruth os chora,
E a morte dos mancebos infelizes
Conta ao filho de Alpin.—Porque, diz elle,
Porque abrir-me de novo a fonte ao pranto,
Porque outra vez o peito me laceras?
Filho de Alpin, porque a pedir-me volves

A triste narração d'aquella morte?
 Oscar, Oscar, meu filho!.. Ai, d'estes olhos
 Já se affogou a luz no mar de lagrimas:
 Só a memoria das desgraças minhas
 Dentro no coração inda não morre!
 Como heide eu outra vez voltar minha alma
 Aquella historia funebre... a essa morte
 Do maior dos heroes?—Chefe dos bravos,
 Nunca mais te verei, Oscar, meu filho?

VI

Ah, desapareceu de sôbre a terra,
 Qual no meio de horrenda tempestade
 O astro da noite, como o sol brilhante
 Quando pejada cerração de nuvens,
 Que das aguas se elevam, se condensa,
 E as crespas, fuscas rochas d'Ardanider
 Co'o negro manto pallida rebuça.
 E eu triste, eu só no solitario alvergue
 Definho, a pouco e pouco, em mágoa e sécco,
 Qual orme antigo da escabrosa Mórven
 Que arido vento despojou dos ramos,
 E que, ao mais leve sussurra do norte,
 Nuasi vacilla e cae.—Chefe dos bravos,
 Nunca mais te verei, Oscar meu, filho?

VII

Não cae, filho d'Alpin no campo o bravo
 Como a herva do campo; a sua espada
 Fuma primeiro, do inimigo sangue;
 Antes de succumbir, tremendo rompe
 Co'a morte ao lado, os batalhões cerrados
 Das hostes orgulhosas. Mas, ó filho,
 Mas tu, meu caro Oscar, mas tu morreste
 Sem que inimigo algum fosse, a teus golpes,
 Na região da morte annunciar-te.
 Tinta no sangue a tua lança, oh triste!
 Do teu amigo foi...

Um só nos peitos
 Oscar, Dermid um coração só tinham:
 Juntos iam ceifar da guerra aos campos

E sua estreita amizade era mais forte
Que o aço da armadura que os vestia.
Entre ambos sempre unidos nas batalhas,
Marchava a morte sempre; juntos ambos
Cahiam de rondão sôbre o inimigo,
Quaes dois rochedos que dos topos d'Arven
Se despegam e caem na terra e jazem.
Suas espadas fumegavam sempre
Do sangue dos mais fortes gotejando,
E só de ouvir seus nomes, enfiavam
De pallido terror bravos guerreiros.
E quem, senão Dermid, a Oscar semelha,
E quem, senão Oscar, Dermid eguala?

VIII

Dargo, o valente Dargo, a quem na guerra,
Ninguém nunca jámais não viu as costas,
Dargo a seus golpes succumbiu trem endos.
Como o dia a nascer, mais bella ainda,
Era do morto heroe a bella filha,
Doce como o brilhar da branca lua.
Tinham seus olhos o iuzir de estrellas
Que através de chuvosa nuvem fulgem;
Na primavera o suspirar da brisa
Mais suave não é que o seu bafejo;
Recem-geada nas manhans a neve,
Que se ondea alvejando nas estevas,
De seu candido seio é froixa imagem,
Viram-n'a os dois heroes, e ambos a amaram;
Adorava-a cada um como a sua gloria,
Possuil-a ou morrer ambos queriam.
Porém da bella o coração rendido
A Oscar ficou, a Oscar toda se entrega:
Já cega beija a mão que o pae matára
E não vê n'essa mão de Dargo o sangue.

IX

E Dermid disse a Oscar: — Ouve-me; eu amo,
O filho de Caruth, amo essa bella.
Sei que o seu coração por ti só bate,
Mas a minha paixão nem isso a apaga:

Oscar, rasga esse peito, ó meu amigo,
 Seja a tua espada que me livre d'ella.
 «Quê! tingir no teu sangue a minha espada!
 —E quem se Oscar não for ha-de atrever-se,
 E quem é digno de tirar-me a vida?
 Morrendo por tua mão, morro com glória,
 E eu quero a morte, amigo, mas honrada.
 «Pois bem, cruel Dermid, empunha o ferro,
 E ás mão de seu amigo Oscar expire.

X

De Branno junto ás margens combateram,
 Tingiu lhe o sangue as ondas fugitivas,
 E sangue a relva que lh'as borda emtórno.
 Dermid cahiu... n'um último sorriso
 De morte o doce amigo saudando.
 «Filho de Diaran — Oscar bradava:
 Fui eu que te matei, Dermid, eu, impio!
 Tu que no mais ferido das pelejas
 Não succumbiste nunca, agora, amigo,
 Heide-te eu vêr assim morrer sem glória!...

XI

Disse, e a mágoa quebrou-lhe a voz no peito;
 Vagaroso se affasta, e ao triste objecto
 Vae do seu triste amor; ella no rosto
 Lhe leu a intensa dor que o atormenta,
 E disse: — «Oscar, que nuvem tam pesada
 Escurece a tua alma?»

«A minha fama
 Perdi-a hoje, apagou-se a minha glória.
 Sabes, filha de Dargo, a nomeada
 Que eu tinha entre os archeiros: ouve agora
 De erguido tronco suspenido o escudo
 Estava de Gondur, Gondur o bravo
 Que n'um combate minha mão prostrára.
 Tentei de o traspassar com minhas frechas.
 E em vãos esforços se me foi o dia
 —«Pois bem! tental-o-hei eu?» lhe volveu ella.
 Sabem as minhas mãos tambem vibrál o
 Esse arco destruidor da tua glória.



Que doce é ser mãe

Muitas vezes meu pae folgou de vêr-me
Sempre certas cravar as frechas no alvo.

XII

Partem. Traz do broquel Oscar se occulta.
Rápida a setta sibilando vóa
Das mãos da bella para o seio amante.
—«Arco ditoso!» moribundo exclama
Já todo em sangue o campeão dos montes:
«Oh adorada mão! eu te agradeço.
Quem fôra digno de enviar-me ás sombras,
Ao filho de Caruth quem se atrevêra
Senão a filha do valente Dargo?
Ah! seja inteiro este favor, querida!
Leva-me ao pé do meu amigo e deixa me,
Que morrerêi em paz.» — Oscar, responde
A donzella: e eu não sou filha de Dargo?
Eu sei tambem morrer como tu. — Disse,
E o bello seio atravessou n'um ferro:
Corre o sangue... ella treme e caiu morta.

XIII

Juntos descançam do ribeiro á margem:
Cobre-lhe a campá a movediça copa
De um alemo frondoso. Ao meio dia
Desce o gamo fugaz do alto monte
E ahí vem pascer á sombra, em quanto as chammas
Ardem no firmamento, e todo envolto
Nas alvas, longas roupas o Silencio
Em derredor dos proximos outeiros
Reina em toda a mudez da natureza.

XIV

Assim cantava o caledonio vate:
E de seu canto as derradeiras notas
Ainda em meu ouvido resoavam
Quando um raio do sol de luz creadora
No aposento me entrou — e a nevoa toda
De Escocia dissipou, — libertou-me alma

De não sei que oppressão, e me devolve
Aos doces climas da risonha Elysia.

152...

XVI

A DOMINGOS SEQUEIRA

SAHINDO DE PORTUGAL

Fuge litas avari
Virg.

FILHAS da natureza, Artes divinas,
Que douraes a existencia,
Que o mimo sois da vida, o doce affago
Que abranda nossas penas,
Nem vós, candidas virgens, nem vós mesmas
Dos grilhões escapastes
Com que amarrou, aos argolões do averno,
A tyrannia, a terra.
O sópro crestador do Despotismo
Vos murchou graça e flores;
Da escravidão o bafo pestilente
Da face pura e ingenua
Vos destingiu a candidez e o pejo;
A çáfara lisonja,
Co'a torpe mão, no rosto macerado
Vos pôs fingida máscara.
Trasmudadas assim vos viu o mundo
Erguer com servil dextra
Padrões inglorios ao coroado vicio,
Monumentos á infamia.
Tal o cinzel que lavra insigne estátua
A Catões e a Titos,
Corta o busto de Nero e de Caligula;
Taes as divinas tintas
Que as augustas feições eternizaram
De Socrates, de Phócion,
No adulador pincel perdendo a glória,
De torpes Heliogábalos
Rosto envergonhador da humanidade
Criminosas conservam...

Bem vindo sejas, ó Sequeira illustre,
D'essa terra maldita
Onde crucificou a Liberdade
Povo de ingratos servos.
Tu que os louros de Vasco e de Campello
Reverdecer fazias
Por aquelle maninho preguiçoso
Que foi terra de Lysia,
Filho de Raphael, bem vindo sejas
A este asylo sancto.
Com o nobre pincel, não polluido
No louvor dos tyrannos,
Aqui celebrarás antigas glórias
Da que foi nossa patria,
Ou gravarás em lamina prophetica
O supplicio tremendo
Que a seus crueis algozes tem guardado
O Deus da Liberdade.

XVII

A CAVERNA DE VIRIATHO

Yet come there the morrow
That shines out, at last, on the longest dark night.
T. Moore.

I

Sobre os eternos gelos
Que os picos annuviados
Do alto Herminio corôam,
Penteava a Aurora os fulgidos cabellos,
E dos anneis ondados
As auras matutinas
Sopravam brandamente
Viollas e boninas,
Que para lhe tocar a rósea frente
Colhêra a Noute nos jardins do Oriente.

II

Da precursora estrella
Alva amortece a luz languidamente,
Qual nos olhos expira
Da rendida donzella,
Quando em braços do amante amor lh'os cerra,
O espirito da serra,
Cujo é o sceptro das horridas montanhas,
D'essa luz indignado
Que seu throno de nuvens lhe dispersa,
O véo despregado
Co'as azas fuscas bate.

III

Sobre as aguas pairou do morto pégo
Onde vivente fol'go não demora,
E c'um sorriso negro,
Semelhante ao que ri na fatal hora
O anjo do mal á cabeceira do impio,
Contempla na voragem
As antênas quebradas, rotas quilhas,
Tributo de homenagem
Que o genio lhe enviou da tempestade,
Por vias não sabidas de ôlho humano,
Dos sottopostos reinos do Oceano.

XVII

L'ANTRE DE VIRIATHE

TRADUCTION DE M.^{LLE} DE FLAUGERGUES

I

Sur les éternelles glaces qui couronnent les cimes neigeuses du haut *Herminio*, l'aurore avait déroulé ses cheveux éclatans, et dans ces ondoyans anneaux les brises matinales se jouaient, caressant de leur souffle amoureux les violettes et les amaryllis que, pour orner ce front vermeil, la nuit avait cueillies dans les célestes jardins de l'Orient.

II

De l'étoile son avant-courrière, l'aube amortissait la lueur qui s'éteignait languissamment. Ainsi s'éteint le jour aux yeux de la jeune beauté attendrie dont l'amour ferme la mourante paupière dans les bras frémissans d'un époux. Le génie de la *Serra*,¹ le génie à qui fut donné le sceptre de ces monts agrestes, furieux de voir cette lumière qui déchire et disperse le trône de vapeurs où menaçant il siégeait, le génie de la *Serra* déploie son vol, et, de ses noires ailes, i bat les airs dans son courroux.

III

Il plane sur les eaux du mort Océan, d'où jamais souffle vivant ne s'exhale. Il contemple l'horrible abîme et rit d'un rire semblable à celui qui, à l'heure fatale, agite les lèvres de l'ange du mal au chevet de l'impie. Le génie du mont contemple l'abîme avec joie; il voit flotter brisés et confondus les nefes, les quilles, les mâts, les vergues. C'est un tribut que le génie des tempêtes lui offre et lui envoie des empires sousmarins par des routes aux humains inconnues.

¹ Chaîne de montagnes. Le mot espagnol est *Sierra*.

IV

Qual a seta desferida do arco d'ebano
 Do archanjo da morte,
 Desce de golpe o espirito da serra,
 E mergulhou nas aguas. Treme a terra,
 Os subjacentes máres
 De abobada em abobada gemendo,
 Do boqueirão tremendo
 Mandam horrído som que estruge os áres.

V

Mas já co'a doce luz do sol infante
 As nuvens accossadas
 A frente da alta serra destoucavam.
 Sobre a relva, no calice das flores,
 Qual indico diamante,
 Góttas acrysoladas
 Do puro orvalho brilham multicóres;
 E as plantas acordadas levantavam
 Para saudar a luz a hástrea pendida
 Do esfriado relento.
 A toda a natureza
 Vem do astro creador amigo alento,
 Que remoça, que alegre e expande a vida.

VI

Glória dos altos montes,
 Magnifico Herminio, a quem saúda
 A portuguez loquella
 Co'o gentil nome da formosa Estrella
 Com que tua frente a topetar se atreve;
 Nunca manhan mais bella
 Por teus broncos penedos,
 Tuas humidas grutas,
 Teus altivos, giganticos rochedos,
 Catadupas sonoras,
 Torrentes gemedoras,
 Viçoso, ameno prado
 Jamais raiou no Oriente apavonado.

VII

Salve, berço do nome lusitano!
 Nesta manhan solemne,
 Que, em volver de anno e anno,

IV

Rapide comme le trait lancé par l'arc d'ébène de l'archange de la morte, le génie des montagnes descend et se précipite dans les flots. La terre frémit. Les mers inférieures gémissent, et du fond du gouffre ébranlé envoient de voûte en voûte¹ des sons horribles qui troublent les airs.

V

Mais déjà à la douce lumière du soleil naissant, les nuées se dispersent et découvrent le front de l'altière Serra. Sur la verdure, dans le calice des fleurs, les gouttes limpides de la rosée brillent et multiplient leurs lumineux reflets comme le diamant indien. Les plantes éveillées redressent, pour saluer le jour, leurs tiges penchées sous les vapeurs humides de la nuit.

VI

Gloire des monts altiers! superbe *Herminio*! toi que le langage portugais salue du nom de brillante Étoile que ton front ose toucher, superbe *Herminio*, jamais tes cimes brisées, tes humides cavernes, tes sourcilleux et gigantesques rochers, tes cascades sonores, tes mugissans torrens, tes charmantes prairies, ne virent une matinée plus belle colorer le radieux orient.

VII

Salut, berceau du nom lusitain, salut! J'aime à te

¹ Abobada

Jamais acabará que a apague o tempo
 Da saudosa memoria;
 N'esta manhan de glória
 A ti venho, a ti venho, asylo santo
 Da lusitana antiga liberdade.
 Tuas lobregas cavernas
 Me serão templo augusto e sacrosanto,
 Aonde da Razão e da Verdade
 Celebrarei a festa.
 Ouça-me o val, outeiro,
 Escute me a floresta
 Aonde do seguro azambujeiro
 Seus cajados cortavam
 Os pastores de Luso,
 Que a defender a patria e a liberdade
 N'esses tempos bastavam
 De honra e lealdade.

VIII

Hoje! . . . — Meu sacro rito
 Aqui celebrarei n'esta caverna.
 Teu sanctuario é toda a natureza,
 Potestade superna,
 Deus do homem de bem, Deus de verdade,
 Immensa magestade
 Que do nada tiraste a redondeza.

IX

Ouve-me, ó Deus, recebe
 Meu puro sacrificio.
 No torpe maleficio
 Da traição não manchei
 Minhas mãos innocentes,
 Nem sacrilego ousei,
 Teu altar profanando,
 Queimar o incenso vil da hypocrisia
 Com a dextra parricida gotejando
 Sangue da patria, lagrimas fraternas,
 Suor da viuva e do orpham.
 Escuta, ó Deus, nas regiões eternas
 Minhas acções de graças n'este dia,
 Dia que a resgatar-nos
 Do captiveiro odioso
 Estendeste o teu braço poderoso;
 E a razão, liberdade,

saluer en ce jour solennel, dont jamais la suite des années n'effacera la mémoire regrettée

Dans ce jour mémorable, je viens, je viens vers toi, asile saint de l'antique liberté portugaise! Tes cavernes profondes seront le temple auguste et sacré où je célébrerai la fête de la raison et de la vérité. Que les monts et les vallées m'entendent! Qu'ils écoutent ma voix, les bois où jadis les pasteurs de la Lusitanie coupaient leurs rustiques houlettes, en ces temps où, pour défendre la liberté et la patrie, il suffisait de l'honneur et du courage!

VIII

Aujourd'hui!... Eh! bien! je célébrerai mes rites sacrés en cette caverne. Ton sanctuaire n'est-il pas toute la nature, ô puissance suprême! ô Dieu des hommes vertueux! Dieu de vérité, majesté éternelle qui tiras du néant l'universalité des choses!

IX

Entends-moi, Dieu très-haut, et reçois mon pur sacrifice! La vile et infâme trahison ne souilla jamais mes mains innocentes. On ne m'a point vu, sacrilège et impie, profaner tes autels en y brûlant l'odieux encens de l'hypocrisie. Ce n'est point moi qu'on a vu lever vers toi des mains dégouttantes du sang de la patrie, des larmes de la veuve et de l'orphelin, de la sueur d'agonie de mes frères... Oh! ce n'est pas moi!

Ecoute-moi donc, ô Dieu des régions éternelles, écoute et reçois mes actions de grâces! Qu'elles montent vers toi en ce jour ou, pour nous délivrer d'une servitude odieuse, tu étendis ton bras puissant! en ce jour où tu daignas rendre à l'humanité si long-temps opprimée la liberté et la raison, ces dons sacrés que tu fis à l'homme et que l'homme avait perdus!

Dons teus, do homem perdidos,
Restituiste á oppressa humanidade.

X

Mas que sinto! — Desvairam-me os sentidos?

E'stas cavernas tremem . . .

Emtôrno os áres fremem . . .

D'ecco em ecco medonhos estampidos

Reflectem pavorosos!

Do extremo fundo lá d'esse antro surde

(Visão estranha é esta)

Espectro, sombra . . .

— Manes gloriosos

Sois vós de algum heroe? — A lança, o escudo

Embraça, empunha: aos pés Aguias romanas

Prostradas! . . . oh! Viriatho

És tu, somèra magnanima . . .

XI

Tua caverna é esta:

De tua glória e teu nome é cheio ainda

O val, monte e floresta,

Libertador da antiga Lusitania,

Das regiões da morte

Vieste vêr raiar a doce aurora

Da nova liberdade

Sobre teus patrios montes?

Esconde, esconde a face, ó varão forte,

Volve ao tumulo: a raça trahidora

Não acabou no vil que a preço indigno

Te vendeu aos tyrannos do universo:

O sangue d'esse monstro

Em quantos corações bate hoje á larga!

São mil por um perverso;

Covardes todos. — Ferros que empunhas tu

Os Lusos teus para salvar a patria,

Adagas de sicarios se tornaram

Em mãos de Portuguezes. . .

XII

Patria! . . . não temos patria . . .

Oh! não ha para nós tam doce nome.

Grilhões, escravos, carcere e algozes,

De quanto outr'ora fômos,

Isto só nos restou, só isto somos.

X

Mais qu'entends-je ! .. Mes sens se troublent. .
 Ces antres sombres mugissent. . l'air autour de
 moi, l'air frémit. D'écho en écho se répètent des sons
 mystérieux. Du fond de la caverne obscure, quelle
 vision se lève ? quelle ombre ? .. Mânes glorieux,
 êtes vous ceux d'un de nos héros ? Mais la lance est
 dans sa main terrible, son bras soutient un bouclier,
 ses pieds triomphans foulent les aigles redoutables
 de Rome. . . C'est toi, ô Viriatho ! ô guerrier magna-
 nime ! c'est toi ! . . .

XI

Cette caverne est la tienne, ton sauvage palais.
 Le mont, la plaine, les vallons, sont encore remplis
 de ton nom et de ta gloire. Libérateur de l'antique
Elysia, des régions de la mort tu reviens pour voir
 briller sur tes monts paternels la douce aurore de
 la liberté nouvelle. . Détourne, détourne ton front
 auguste, ô noble guerrier ! Recouche-toi dans ton
 sépulcre ! Elle n'est point anéantie la race perfide de
 ceux qui, pour un honteux salaire, te livrèrent, te
 vendirent aux tyrans de l'univers. Le sang de ces
 monstres, ce sang infâme, hélas ! dans combien de
 lâches cœurs ne circule t-il pas aujourd'hui ? Pour
 un pervers, on en compte mille. Lâches, ils le sont
 tout. O' Portugais ! les glaives que vous saisites pour
 sauver la patrie, se sont changés dans vos mains en
 poignards tels qu'en aiguissent de lâches sicaires de
 la tyrannie.

XII

La patrie ! . ah ! nous n'avons plus de patrie ;
 pour nous n'existe plus un nom si doux. Des fers,
 des esclaves, des cachots, des géoliers, de tout ce
 que nous fûmes jadis, voilà ce que nous sommes

XIII

A SOMBRA DE VIRIATHO

«Não! sois mais que isso. O dia da justiça
Do Eterno chegará. Sua hora tarda,
Mas infalível, soará n'altura;
E os eccos da planície hão de annuncial-a.
Os impios buscarão onde esconder-se,
E a terra negará couto a seus crimes.
Mares de sangue cobrirão a terra,
E a morte folgará sobre as ruinas.

XIV

«Mas quem, quem desprendeu as cataractas
Do sangue, do castigo?
O impio que blasphemou
E de dizer ousou
Nô tredo coração:
—*Não ha Deus; abusemos*
Affoite os de seu nome
Para avexar os povos; escudemos
Co'esse phantasma vão nossos embustes.—

XV

«Cegos! nadae no pelago dos males,
Luctae com a ancía da morte: não ha tábua
Para vós, não, de salvação, de espr'ança.
—Uma arca só por esses mares voga,
Arca de alliança nova,
Santa, e sagrada é esta! . . .
Pacto de Deus co'os povos. Liberdade
Só restara do universal diluvio:
Da raça dos tyrannos,
Da fraticida guerra
Que ateára a oppressão entre os humanos.
Nem a memoria ficará na terra.»

XIII

L'OMBRE DE VIRIATHO

«Non ! vous êtes, vous serez quelque chose de moins indigne, Portugais ! il arrive le jour de la justice de l'Éternel. L'heure tardive mais infaillible va sonner sur les hauts lieux. Les échos de la plaine proclameront l'heure terrible. Alors les impies voudront cacher leur visage et leurs œuvres, mais la terre refusera de les soustraire aux regards et de couvrir leurs crimes. Une mer de sang couvrira au loin le sol tremblant. La mort planera sur des montagnes de ruines.

XIV

«Qui attirera ces torrens de vengeances, dites, qui fait mugir ces cataractes de sang ? Le tyran impie qui blasphéma, le monstre qui osa dire dans son cœur pervers : *Il n'y a point de Dieu ; c'est un vain nom dont nous nous servons pour asservir les nations. C'est un fantôme que nous offrons aux peuples abusés pour leur dérober les pièges que nous dressons sous leurs pas.*

XV

«Aveugles vous-mêmes ! niez Dieu maintenant ! surnagez, si vous pouvez, sur cet océan de maux que vos crimes ont enflé ! LutteZ contre la mort ! . . . vous luttez en vain. Pour vous, désormais, point de planche de salut, point de secours, point d'espérance !

«Une nef solitaire vogue sur les grandes eaux ; c'est une arche sainte et sacrée, l'arche d'une alliance nouvelle.

«C'est le gage du *pacte immortel de Dieu avec les peuples*. Liberté, céleste Liberté, seule tu survivras à ce naufrage universel. Et de la guerre fratricide que le despotisme alluma, et de la race des tyrans, aucun souvenir bientôt ne restera plus sur la terre.»

XVIII

O ANNO VELHO

Amara lenis
Temperat risu.
HORAT.

V

AE-TE, anno velho, vae-te, e nunca volvas

Dos seculos no giro;

Sumido sejas tu nas profundezas

Da immensidão do nada,

Anno parvo e poltrão, chôcho e sem prestimo,

Inutil como um conego.

Quem fez caso de ti? Nem praguejado,

Nem bemdito morreste,

Sem deixares legado ou testamento

A' desherdada historia.

Foram teus dias, dias de rotina,

Como as lições sabidas

Da encebada, suja caderneta

De um lente de Coimbra;

Tuas horas, as horas *marianas*

Da velha abbadessa

Que ha quarenta annos tem no mesmo sitio

O babado registo

Do santo favorito.—Vae-te, some-te,

Carunchoso anno velho:

Trague-te o olvido inteiro; mais memoria

De ti não fica á terra

Do que deixa um abbade de Bernardos,

Da Academia um socio.

1824

XIX

A TEMPESTADE

Cecco carpitur igni.
VIRGIL.

I

S

OBRZ um rochedo

Que o mar batia,

Triste gemia

Um desgraçado,

Terno amador.
Já nem lhe cáem
Dos olhos lagrimas;
Suspiros fêrvidos
Apenas contam
Seu triste amor.

II

Ondas, clamava o misero,
Ondas que assim bramaes,
Ouvi meus tristes ais!
Horriavel tempestade,
Medonho furacão,
Não é mais agitado
Do que o meu coração,
O vosso despregado,
Horrisono bramar!
Ancia que atropella
Meu languido peito,
É mais violenta
Que o tempo desfeito,
Que a onda encapella,
Que agita a tormenta
No seio do mar.

III

Mas, ah! se o negrume
O sol dissipára
Calmára,
Seu nume
O horror do tufão.
Assim á minha alma
A calma
Daria
De Armia
Um sorriso:
Um raio de esp'rança
Do paraizo
Traria
A bonança
Ao meu coração.

XX

TRONCO DESPIDO

Sine nomine corpus-
V. g.

QUAL tronco despido
 De folha e de flores,
 Dos ventos batido
 No inverno gelado,
 De ardentes queimores
 No estio abrazado,
 De nada sentido,
 Que nada elle sente...
 Assim ao prazer,
 A' dor indifferente,
 Vão-me horas da vida
 Comprida
 Correndo,
 Vivendo,
 Se é vida
 Tam triste viver.

1858.

XXI

SOLIDÃO

Alonguei-me fugindo e vivi
na soedade.
ASRAES - DO PEALM.

1

SOLIDÃO, eu te saúdo! silencio dos bosques,
salve!

A ti venho, ó natureza; abre-me o teu seio.

Venho depôr n'elle o pêso abhorrecido da exi-
stencia; venho despir as fadigas da vida.

Quero pensar só commigo; quero falar a sós com
o meu coração.

Os homens não me deixam; amparae-me vós, so-
lidões amenas, abrigae-me, ó solidões deleitosas.

Franqueia-me, ó soledade, o thesouro das tuas
selvas; abre-me o sanctuario das tuas grutas

Eu perguntarei aos troncos pelas edades que viram correr; e os troncos me responderão, meneando as suas ramas: — Ellas passaram. —

Eu contarei aos prados os meus amores; e as boninas abrirão o calix para me dizer: — Tambem nós amámos. —

Interrogarei os penhascos pelos eccos das vozes dos homens; e os penhascos mudos não ousarão repetir-me os sons falizes d'essa voz.

Eu direi ás ruínas: — Que é das mãos que vos construíram, que é das raças que vos habitaram? —

E as ruínas se calarão; mas a pedra de um sepulchro falará por ellas.

A pedra do sepulchro dirá: — A morte passou, e as suas pègadas ficaram impressas no caminho dos seculos. —

Solidão, eu te saúdo! silencio dos bosques, salve!

II

Que doce não é fugir dos homens para viver com as plantas!

Que prazer não é deixar essas habitações alinhadas pelo prumo de sua pequenez; e vir no desalinho dos campos folgar em liberdade com a natureza!

Nascentes que rompeis do seio das rochas! vós não sois comprimidas nos estreitos canaes que fabricou a arte:

Livres surgis da terra, livres jorraes das penhas; e livres correis dos montes a cobrear nos prados por entre o matiz das flores.

Arvores frondosas, vegetae sem medo; a foice do jardineiro não vos despojará da rama para o monotonno prazer do luxo contrafeito.

E vós, rochedos magestosos, repousae tranquillos nas elevações da terra: que não virá o cinzel do estatuario roubar-vos as fórmas da natureza:

Para transmittir ao neto degenerado as feições do avô ambicioso.

Solidão, eu te saúdo! silencio dos bosques, salve.

III

Solidão, eu venho a ti; já me não quero senão no teu seio.

Trago o coração opprimido; uma mão de ferro m'o aperta.

O espinho da dor está cravado no meio d'elle; a angustia o torce sem piedade.

O affôgo lhe travou das arterias; todo o pêso da desgraça está em cima d'elle.

O meu sangue já não tem vida; e circula de mão grado pelas veias froixas.

Arde-me não sei que fogo no intimo do peito; queria chorar e não tenho lagrimas.

Travam-me na bôcca os azedumes do passado; a aridez do futuro secou os meus olhos.

O que foi e o que hade ser anda-me esvoaçando pela phantasia; são pensamentos de azas negras como o corvo agoureiro.

O momento que é desapparece no meio d'elles; porque não é nada.

O homem não tem senão o passado e o futuro; o passado para chorar, o futuro para temer.

O presente não é nada; e é só o que elle sabe.

Já se esqueceu do passado, e o futuro não lh'o disse Deus.

Eu vivo no futuro por uma esperança mais tenue que o fio da aranha; existo no passado porque ainda se me não foi o amargor dos tragos que bebi.

O presente está no meio, como o ponto no centro do circulo; mas a sua existencia é chymera.

Os raios que partem para a circumferencia são reaes: tal é a minha vida.

D'aquelle ponto imaginario tiro linhas verdadeiras para o que fui e para o que heide ser; todas vão parar na desgraça.

Eu tive coração, amei; ainda o tenho, e amo.

Mas o meu amor fadou-o a desventura; hafejou-o o sôpro do mal.

Fui planta que só lagrimas a regaram; o sôl da felicidade não se riu para ella.

Deu flores outoniças que não desabrocharam: o granizo as crestou, e a geada lhes queimou os germes.

Não houve esperança de fruto; só o prazer, mas tam louco! — de as colher sem ella.

Por isso está triste a minha alma; triste até á morte.

E os homens cuidam que eu sou feliz; e eu régo e noite o meu leito com as lagrimas dos olhos.

Porque a noite fez-se para chorar, quem tem
que chorar; de dia o avisado mente e ri.

Por isso eu não quero viver mais com os homens;
porque quero chorar de noite e de dia.

A cidade é para mim o deserto; a solidão é a mi-
nha patria.

Solidão, eu te saúdo ! silencio dos bosques, salve!

LIVRO SEGUNDO

I

A VICTORIA NA PRAIA

Ἐν δακρυῶν παραδονα πολυφλοισβοῖο δακρυῶν
Ἡλλά δ' ἐπιτ' ἀπνεῖα κίου κραθ... .

Do mar ruidoso as praias mudo estava
E em taes imprecacões desobafava
ILÍAD. A.

I

PELAS vagas azues do largo oceano,
Co'as pandas azas ao galerno vento,
Vae nobre armada; — desdobrando ufano
O verde pavilhão nas altas pôpas
Treme ao sôpro da brisa; e a cento e cento,
O ecco repetido,
Reflecte pelas aguas o estampido
De cem canhões que trôam.
— E morre pouco e pouco o som nas vagas;
E a praia é só. A praia — onde inda eccôam
A celeuma dos nautas e o zumbido
De multidão confusa — só, calada,
Erma ficou; e nas alpestres fragas
Apenas se ouve a bulha compassada
Da ressaca, gemendo e murmurando,
Com que a maré das praias se despede,
Foge e volta queixosa recuando;
Qual amante em custosa despedida,
Que adeus já disse e adeus — e retrocede,
Nem partir sabe, que é partir co'a vida.

II

E a praia é só. — Não só: n'esse penedo
Que emtórno tapeçou alga ramosa,
Um vulto vejo ainda; mudo, quêdo,

C'os olhos longos na planície aquosa;
Disseras que o feriu c'o mago dedo
De Harpocrates a sombra misteriosa,
Que n'uma estátua sua o transformára,
E só a vida nos olhos lhe deixára.

Como que lhe caiu desfalecida
A esquerda sobre uma harpa desmontada,
E, com a dextra longa e estendida
Para o extremo horisonte, aponta á armada
Que a velas cheias singra, e desferida
De amigo vento, corre empavezada:
Debuxa o rosto magoado peito,
De extranho menestrel é o traço e aspeito.

III

Mas lá se move, e em pé sobre a alta roca,
Como inspirado subito
De espirito fatidico,
Com a trémula mão nas cordas toca
Da harpa, que em sons responde inda mais trémulos.
Que, alto e alto crescendo, agudos vibram,
E entre pena e saudade e glória e mágoas,
Assim coavam nas frementes aguas:

I

«Alva pomba de esperança,
Voga na arca mysteriosa;
Que no dia da bonança,
Quando a enchente procellosa
A' voz do Eterno parar,
Penhor da nova alliança,
Tu a nós hasde voltar.

Sobre a lodosa voragem
Que inda cobre meio mundo,
Deixa o corvo negro immundo
Sua sêde de carnagem
Em cadaveres faltar.

Para a pombinha mimosa
Hade chegar o seu dia;
E quando a flor da alegria

Na oliveira despontar,
 C'o raminho de esperança
 Penhor da nova alliança,
 Tu a nós hasde voltar.

II

«Mas que altivo baixel vae singrando
 Pelo esteiro da armada leal,
 Nem as Quinas do Luso arvorando,
 Nem a Cruz do paiz de Cabral?
 Que annuncia esse infausto pendão,
 Estandarte de morte aziago?
 Foge, foge, ó Maria, á traição;
 São as côres da nova Carthago.
 Não o vês de cruor salpicado
 Tremular co'essas nódoas fataes?
 É o sangue á traição derramado,
 É o sangue dos teus mais leaes.
 —Não se lavam do Nilo na glória
 Essas manchas de opprobrio e de horror;
 E emmudece o clarim da victoria
 Da Terceira ao gemido clamor.

III

«Carthago desleal, embalde atrôam
 Teus Hannonis, teus Amilcares traidores
 O incredulo fóro que povôam
 Turba de vis, venaes declamadores,
 E á tua plebe estúpida os pregôam
 Da republica os fortes defensores:
 Essa nódoa jamais hasde laval-a,
 E o universo em seu dia hade vingal-a

«Seu dia hade chegar: já desvendados
 Se espantam do tam longo soffrimento
 Os povos opprimidos e ultrajados;
 Já seguem com o ancioso pensamento
 Ao Scipião do oriente, alvoraçados
 O invocam contra Hannibal fraudulento,
 E folga o mundo ao contemplar presago
 Nas ruinas de Byzancio as de Carthago.»

IV

Assim cantava o peregrino vate
Nos rochedos do exilio; e as ermas praias
Da inhospita Carthago resoavam
C'os respeitosos sons que n'harpa trôa
Fremente indignação. Medonha emtanto
Em derredor a cerração crescia,
E as grossas gôtas raras que despedem
As tumescentes nuvens, os lampejos
Que a mais e mais, de perto e perto ameudam,
Annunciavam tremenda tempestade
Que a instantes vae desabar no pégo.

V

Eis subito, onde as nuvens mais opacas,
Mais peçadas do fluido se mostram
Que so a Frânklin subjugar foi dado,
Rompe e em golpes de luz no céu fulgura
Raio, que segue horrisono estampido
De trovão, d'ecco em ecco reboando
Por céus e mares, longo e longo... Os seios
Das nuvens se rasgaram; e entre o vívido,
Fluctuante clarão de mil relampagos,
Do atonito vate avulta aos olhos
Assombrosa visão. Num corcel branco
Da côr da lactea-via lhe apparece
Um cavalleiro ancião; lucidas armas
De espelhado brilhante ferro o vestem;
Descem lhe as alvas, venerandas barbas
Té ao peito, onde a cruz de ouro, pendente
Do equestre collar, sobre o aço fulge;
Na esquerda o Real pendão de Ourique ostenta,
E ponderosas chaves traz na dextra,
Que aperta, e cuidadoso olha e segura.
Tal ás margens do Tejo iria outr'ora
A Toleão em briososa romaria
Da lusitana lealdade o symbolo;
Tal Martim-de-Freitas nos figura
O vivo imaginar, aspecto e forma.

VI

«Suspende as notas do despeito iroso,
Brada o celeste cavalleiro ao vate:

«Cessa o funebre canto doloroso,
 E n'harpa lusitana os sons antigos
 Acorda da victoria;
 Hymnos entõa de triumpho e gloria
 Inda ha sangue do meu por essas veias
 Da gente portugueza; extincto ainda
 Não foi o santo amor da liberdade
 Que os lusitanos peitos incendia,
 Nem o timbre da honra e lealdade
 Que entre os povos da terra os distinguia.

«No meio d'esse pégo (e co'a bandeira
 Apontou para o ultimo occidente)
 Numa isolada rocha, que a fogueira
 Das subterraneas furnas sempre ardente
 De continuo rescalda, a derradeira
 Leal phalange intrépida e valente
 Com sangue inimigo e seu tinge o oceano,
 E a nodoa lava ao nome lusitano.

VII

«Olha, e verãõ teus olhos o alto feito,
 A alta gloria dos teus. — Disse, e brandindo
 Na dextra a lança, para Oeste accena:
 No concavo do escudo as ferreas chaves
 Deram tremendo som. O ecco dos mares
 O repetiu, e a negra tempestade
 Emmudeceu ante elle; as nuvens fogem,
 Os brados do trovão sumidos morrem,
 E a derradeiro lampejar dos raios,
 Como elles, des'parece o cavalleiro,
 Um sulco d'alva luz té o horisonte
 Descrevendo nos céus: — e qual nas scenas
 Subito corre a tela, e ostenta aos olhos,
 Por feiticeira maravilha de arte,
 As terras longes e apartados povo
 Que além mares, que além desertos jazem,
 Tal aos olhos do vate deslumbrados
 O magnifico aspecto se descobre
 De uma ilha vicejante e pampinosa,
 Que ante elle, qual Delos, se offerece,
 Ou qual ao domador das iras cruas
 Do fero Adamastor a dos Amores.

VIII

Alcantis bravos derredor a cercam;
E nos erguidos cumas pictorescos
De seus montes vegeta em morna cinza,
De mal extinctas crateras emtôrno,
Todo o luxo de Flora e de Pomona,
Que ao lourejar de Ceres dá realce
E c'os thyrsos de Baccho se mistura.
O tempestuoso Atlantico lhe quebra
Nas ouriçadas pontas dos rochedos
Que em orla a cingem, onde em amplo seio
Mais á larga lhe é dado entrar na praia,
Sôbre a pallida areia em rolos bate
E em alva franja se desfaz de espuma.

IX

A espaços, e uns sobre outros torreando,
Baluartes avultam, e alto ondeia
A matutina brisa, n'hástea erguido
Das nobres Quinas o estandarte antigo.
Para nebrina cobre em parte o resto:
E á sombra d'ella, empavezada fróta
Vae na enseada penetrando a furto...
— Quinas tambem arvora; mas infame
Quebra de bastardia a meio parte
O glorioso escudo; e o sangue fresco
Na alvura da bandeira lhe resumbra...
— Que sudario de mortos a disseras
N'uma armada de sombra defraldado
O aziago vento nos pègões da Styge.

X

Deu sinal a atalaja n'alta torre,
E as negras boccas dos canhões romperam
O crebro fuzilar; os áres cortam,
Cruzam-se as pélas que de morte silvam;
E os eccos das pacificas montanhas
Pasmam dos sons de guerra que repetem.
Nas náos desaba o rapido granizo
Do saltante peloiro: e o crebo estalo
Da palpitante, trépida, granada
Ferve de terra e mar.

XI

Mas já baixando das erguidas pôpas
 Das alterosas náos, leves esquifes
 Armadas lanchas n'agua vão poisando,
 E a enseada povóam: lentas descem
 As phalanges dos bravos, que mal soffrem
 Ir ao feito traidor co'as mesmas armas
 Que leaes nos campos de Coruche e Prado
 Tanta gloria ganharam... Instam cabos,
 Blasphemos centuriões, a infames brados
 De ameaças, os pungem... Cede á força
 O soldado fiel, mas n'alma leva
 A tenção fixa de lavar a injuria
 No sangue vil do chefe que o deshonra.
 Movem-se os remos; e, entre o fogo e a morte
 Audazes penetrando, á praia abicam;
 E braço a braço, peito a peito, encontram
 O cidadão c'o escravo; — trava a lucta
 Da perjura traição c'o'a lealdade,
 E investe a escravidão co'a liberdade.

XII

E quem são esses nobres defensores,
 Que, em poder tam pequeno, fixos, quedos
 Aguardam seus terriveis aggressores,
 E immoveis sobre as pontas dos rochedos
 Parecem desafiar seus vãos furores?
 Ri-lhe a victoria já nos olhos ledos,
 Não bate o coração, tranquilla é a alma;
 E a sorte esperam que lhes tragá a palma.

A desmedida fôrça do inimigo
 Não parecem contar; ou, se a contaram,
 Suppõe-se cada qual n'este perigo
 Que o ânimo ou os braços lhe dobraram;
 A injúrias taes e tantas dar castigo
 Os piedosos destinos lh'outorgaram
 E só contam, só vêem co'a longa esp'rança
 As delicias da proxima vingança

XIII

Quaes injúrias, que affrontas? Inda eccôa
 Do disperso senado nas abobadas

Calumniosa voz que altiva sôa,
 E de insultos cobriu a escolha impavida
 Da lusa mocidade,
 Que armas em vão pediu, e ás armas corre
 Que lhe vedam traidores,
 Combate, vence, onde não vence, morre,
 E ensina a seus covardes detractores
 Que é mais fiel o cidadão que o escravo,
 E que no peito do liberto bravo
 A antiga lealdade
 Remoça e cresce mais co'a liberdade

XIV

Tu o dize, ó magnanimo guerreiro,
 Gloria da patria, em cuja nobre espada
 Da afflictta Lysia o amparo derradeiro,
 A derradeira esp'rança está firmada:
 Dize-o tu, Villafior, quando primeiro
 Assomaste na altura alcantilada,
 Que assombros de valor, de patriotismo,
 Que milagres não viste de heroismo !

XV

Qual, através de insolito perigo,
 Vae de soccorro a Diu o Castro forte,
 Tal, entre a densa esquadra do inimigo,
 O árdido Villafior, sem medo á morte,
 Villafior, dos rebeldes o castigo,
 E a quem domada não resiste a sorte,
 Nas praias de Angra impavido surgira,
 E com elle a victoria que o seguira.

E que pensaveis, desleaes traidores ?
 Encontrar só valor ?—Têm chefe agora
 Da patria liberdade os defensores:
 Na tenda imbelle por Briseis não chora
 O Achilles portuguez, e seus furores
 Muito sangue leal inulto implora;
 Não ha comvosco Heitor que vos defenda,
 E Páris foge da marcial contenda.

XVI

Eil-os' eil-os, que estólidos correndo,
 Cegos se appressam a encontrar seu fado :
 —Matae, não deis quartel! com gesto horrendo
 O chefe canibal brada ao soldado.
 •Perdoae, perdoae; crime tremendo
 •É o d'elles; (do heróe tal era o brado)
 Mas não sigaes o exemplo do tyranno,
 Poupae, poupae o sangue lusitano »

Trava a peleja: quaes leões feridos
 Os renegados chefes accommettem,
 E blasphemando em horridos bramidos,
 Instam c'os seus, despojos lhes promettem;
 De affrontosos supplicios, que aos vencidos
 O vencedor prepara, lhes repetem
 Fábulas mil com que o soldado excitam,
 E a combater, mão grado seu, o incitam.

XVII

Mas não descança a espada que tempéra
 Fogo que ardeu no altar da liberdade;
 Nos gumes lhe poisou a morte fera,
 F nas mãos da briosa mocidade
 É raio que fulmina e reverbera,
 Raio de honra, valor, de heroicidade,
 Que nos rebeldes campeões desfeixa
 E em negras cinzas sobre a praia os deixa.

XVIII

Um por um cáem na contenda ingloria,
 Deshonrados cadaveres,
 Trophéo ignobil que desdenha a gloria,
 Que á corda do pitibulo
 Roubou com pejo a espada da victoria.
 Soprae do oceano tumido,
 Soprae, ó ventos, derramae nos áres
 Cinzas que a mão do algoz devia aos mares.

E vós, illusas victimas
 Da tyrannia perfida,
 Vinde, acolhei-vos ao amparo amigo

Da bandeira leal;
 Soldados! já não ha mais inimigo,
 Bradae:—Real, Real!
 Por Maria, bradae, de Portugal!
 «Viva Maria e viva a liberdade!»
 Com lagrimas responde e a brados clama
 O soldado corrido e envergonhado.
 Nas fileiras da antiga lealdade
 A' voz se uniram do heroe que os chama,
 E bemdizendo a mão que os ha salvado,
 Lavar promettem a manchada fama
 No sangue d'esse monstro de maldade
 Que a patria c'o roubado sceptro opprime
 E involuntarios os forçou ao crime.

XIX

Vencidos, vencedores, abraçados,
 Todos triumpham na ganhada gloria;
 Da mesma causa todos são soldados,
 E unidos cantam a commum victoria:
 Os seculos por-vir lerão pasmados
 Prodigio tal na lusitana historia..
 O ecco dos máres que repete o canço
 Nas vagas se ouve murmurar de espanto.

XX

Sonoros rufam trémulos tambores;
 Os bravos batalhões, de Ourique entoam,
 Em côro marcial, leaes clamôres;
 E as alternadas coplas, que resôam
 Como em respostas, se unem aos clangores
 Das trompas,—dos clarins que agudo soam;
 Brande-se a espada inda sanguenta e nua,
 E a bandeira real no ar fluctua.

CÔRO DOS SOLDADOS

Real! real! real!
 Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ

Repita a Terceira as vozes de Ourique,
 Que ao throno elevaram o filho de Henrique,
 E a filha de Pedro ao throno alçarão.

CÔRO

Maria proteje a Constituição.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade!
Miguel é tyranno,
Feroz, deshumano,
Que reinar não hade.

CÔRO

Real! real! real!
Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ

Victoria cantemos, victoria, victoria!
Maria triumpha:— seu nome é de gloria,
Seu nome, que adora a luza nação...

CÔRO

Defende, protege a Constituição.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade!
Miguel é tyranno,
Feroz, deshumano,
Que reinar não hade.

CÔRO

Real! real! real!
Real por Maria de Portugal!

UMA VOZ

Sua mão delicada bordou a bandeira
Que altiva tremula na heroica Terceira:
Cantemos, alcemos o invicto pendão.

CÔRO

Maria protege a Constituição.

ALGUMAS VOZES

E viva Maria, viva a liberdade!
Miguel é tyranno
Feroz, deshumano,
Que reinar não hade.

CÔRO

Real ! real ! real !
Real por Maria de Portuga

Lond. 1839.

II

O JURAMENTO

CANTO PATRIOTICO

Posuisti nos opprobrium vicinis nostris...
Exurge, quare obdormis, Domine ?

PSALM. XLIII

I

DEUS, que ouviste o juramento
Do teu Povo lusitano,
Oh rei dos reis soberano,
Ouve-o, que a ti vem bradar !
Nós jurámos : santa jura
Que ninguem fará quebrar.

II

Nossas armas humilhadas
Que abandonou a victoria,
Estes pendões já sem gloria
Depomos no teu altar.
Mas juramento que demos
Ninguem nos fará quebrar.

III

Já tua mão omnipotente
Sobre nós luz co'a esperanza,
Já vem o Iris da bonança
No horisonte a raiar.
Juramento que lhe demos
Ninguem nos fará quebrar.

IV

Do nosso Libertador,
De dous mundos maravilha,

Eis do grande Pedro a filha
 Que sobre nós vem reinar.
 Juramento que lhe demos
 Ninguém nos fará quebrar.

V

Nas tenras, ungidas mãos
 A paterna magestade
 Pôs a nossa liberdade
 C'o proprio sceptro a guardar.
 Juramento que lhe demos
 Ninguém nos fará quebrar.

VI

Nós, invocando o seu nome,
 E o teu nome, ó Deus de Ourique,
 Do filho do grande Henrique
 O pendão vamos hastear:
 Jurámos— e o juramento
 Ninguém nos fará quebrar

VII

São também teus inimigos
 Os crus inimigos seus,
 Que renegaram de Deus
 Antes de a patria negar.
 Nós, a jura que fazemos,
 Ninguém nos fará quebrar.

VIII

Vamos, a esses traidores
 Que a tua lei desprezaram,
 Que a lei do povo calcaram,
 Vamos, senhor, castigar.
 Este santo juramento
 Não nol-o deixes quebrar.

IX

Confunda-os, Senhor, tua ira,
 Desarme-os teu braço eterno;

Manda a confusão do inferno
 Suas hostes baralhar:
 Que nós jurámos—e a jura
 Ninguém nos fará quebrar.

X

Jurámos livrar a patria,
 A patria libertaremos;
 F, no throno que lhe erguemos,
 A rainha hade reinar.
 Jurámos, sim; e ésta jura
 Ninguém nos fará quebrar.

1839.

III

NO ALBUM DE UM AMIGO

Nos valles do destêrro são colhidas
 Estas singelas, desmaiadas flores
 Que por mãos da saudade vão tecidas
 C'os acerbos espinhos de suas dores:
 Mas doce esp'rança as leva offerecidas
 Ao casto altar dos conjugaes amores;
 E ahí, morta a Saudade na ventura,
 Os espinhos cahirão—Amor o jura.

Lond. 1831.

IV

NÃO CREIO N'ESSE RIGOR

Não creio n'esse rigor
 Que nos olhos se desmente:
 E' traidor
 O deus d'amor,
 Mas em teus olhos não mente.

Deixa pois tanto rigor,
 E na verdade consente:
 Que é traidor
 O deus d'amor
 E nos olhos te desmente.

Lond. 1831.

V

O RAMO DE CYPRESTE

À EL.^l SR.^a D. ANNA LEITE DE TEIVE

A esta frente desbotada
 De angústias e dissabores
 Não cabe o louro da glória
 Nem as rosas dos amores:
 A triste fado votada,
 Sem renome, sem memoria,
 Nem terá piedosas flores
 Sobre a campa abandonada.
 Sei que do negro cypreste
 Só me toca a palma obscura.
 Mas nem essa rama escura
 Que por tuas mãos colheste,
 Nem essa quiz a ventura
 Que me viesse coroar...
 Tam cruel é minha estrella.
 Tam funesto é meu desar.

A' mão innocente e bella
 Que o triste ramo colheu,
 Por mui alto para meu,
 Volta pois o dom fatal;
 Mas fica, esse sim, o agoiro
 Que prophetiza o meu mal.
 — Oh! quando faminta espada
 Ou sibilante peloiro
 Houver emfim terminada
 A amarga, penosa vida...
 Ao menos — se, assim pedida,
 Mercê tal é de outorgar —
 D'esses teus olhos divinos
 Uma lagrima sentida
 Venha piedosa os destinos
 Do proscripto vate honrar.

VI

FLOR SINGELA

NO ALBUM

De S. A. A. S. S. I. D. A. J. M.

LINDA flor que nos jardins
Fôrça de arte cultivou,
Tem dobrada a folha, o cheio
Mas de fructo se privou.
Passa abelha diligente,
E admirou tanto primor;
Mas para os favos o nectar,
Vae buscál-o a outra flor.

Singelinha de tres folhas
Co'a musqueta deparou,
E em seu calix meio-aberto
Oh que thesouro encontrou!

Como a abelha diligente
Que busca a singela flor,
Um singelo coração
Tambem só procura amor

Paris, 1833

VII

RAMO SECCO

NO ALBUM DE UMA SENHORA BRASILEIRA

I

No paiz doce de Cabral nascida
Afeita áquella eterna primavera
Que perpetúa a vida
Na folhagem vivaz que não se altera,
Nem conhece as fadigas e a pobreza
De nossa lenta e velha natureza,
Porque, filha mimosa
Da Atlantida formosa,

Porque tam tarde vens, nos tristes dias
 De nosso feio inverno,
 Visitar estas praias tam sombrias,
 Estas devezas horridas e frias,
 Só povoadas pelo gêlo eterno?

II

Beu te quero brindar, que és boa e bella;
 Mas confuso e corrido
 Venho co'as mãos vazias,
 Que por esse vallado desabrido
 Nem bonina singela,
 Que offertar-te, despona...
 A queimada vergonta
 Da combatida estêva
 Açoita o furacão; o alvor que neva
 Pende entre os ramos sêcos do arvorelo
 E escarnece com perfido arremêdo
 Os seus mortos amores
 Que tarde—ai, tardel— volverão co'as flores.

III

E que culpa tenho eu que, espedaçada
 Em dons comtigo e com teu doce clima,
 Tam pouco me deixasse a natureza,
 Tam pouco e minguado?
 —Vês: o pobre poeta estropeado,
 Velho no coração, velho na rima,
 Não tem, na sua pobreza,
 Com que te pôr aqui outra memoria
 De sua boa amisade,
 Mais do que um sêco ramo de saudade,
 Sem flor, sem folhas... todo o viço e gloria
 Se lhe foi com o inverno d'esta idade,
 Velhice d'alma... Oh! tam desconsolada,
 Tam peor que a do corpo!—descontento
 Perenne, tam pesado e sem confôrto,
 E em que, por mór tormento,
 Sente a alma ainda—e o coração é morto.

VIII

NUNCA MAIS

E o meu contentamento
 Que eu cuidava que era meu,
 Deu-me depois tal tormento
 Qual nunca me deu.

CRISFAL.

I

NÃO, não creio nos teus olhos:
 — Se eu já sei o que elles mentem!
 Se conheço á minha custa
 Que o que dizem não sentem!
 Oh! quem me dera ignorá-lo
 Para ser feliz ainda...
 Era feliz com mentira;
 Mas se a mentira é tam linda!

.....

II

Uma vez — ha quanto tempo!
 Seis lentos giros no céu
 A lua inteiros volveu,
 E aquelle instante divino
 Na memoria de contino,
 Inda me não esqueceu!
 — Uma vez, teu braço trémulo
 No meu braço repousava,
 De tua bocca celeste,
 Anjo do céu que então eras!
 Aquella voz desprendeste,
 Que sumida e vacillante
 Aceitou meu voto amante...

— Mal o labio a proferiu,
 Mal o ouvido a sentiu;
 Mas ouviu-a o coração...
 — Não que a ventura não mata,
 Por isso ali não morri:
 Mas foi peor do que a morte,
 Mais fatal... — endoudeci

III

Lembra-te ? Foi longa a noite ..
 Longa aos outros pareceu:
 A mim vôou-me entre glórias,
 Como os instantes do céu.
 Lembra-te ? — O resto da noite,
 D'esses olhos eloquentes
 Que expressões tam vehementes
 Sahiram de amor, de fé !

.....
 Vivi um seculo inteiro
 N'essa noite de ventura,
 Vivi na illusão, no engano;
 Mas êrro tam lisongeiro
 Oh, porque inda não dura !

IV

Da cor da aurora que nasce,
 Entre roxo e côr de rosa,
 Vestida essa fórma airosa
 Inda a vejo, que balança
 Nos vagos giros da dança
 Que ante mim se confundia !
 E eu desvairado, eu sem tino,
 Eu que a ti — a ti só via...
 Hoje ainda, ainda agora
 Vejo em teu rosto divino
 Aquelle brilhar de aurora
 Que tanto me prometia...
 Oh ! mas a aurora mentiu;
 Que veiu importuno dia
 E de nuvens se cobriu.

V

Sei que as apparencias culpadas
 Estiveram contra mim..
 Mas julgar, punir assim
 E sem ouvir.....

.....
 Oh ! como eu então vivi !

Como de ancia e de amargura
 Nesses dias não morri !
 Foram seculos pesados,
 Longos, lentos, — e contados
 Hora a hora de tortura.

VI

Via-te, e nem vêr-te ousava:
 N'um tremor, n'um paroxismo,
 De tua vista recuava
 Como se fosse do abysmo.
 Fugia de ti: — mesquinho !
 Com te não vêr me matava...
 Triste de mim ! e era morte
 Mais cruel se te encontrava.
 Teus olhos, aquelles olhos
 Onde bebi tanto amor,
 Teus olhos, fugia d'elles,
 Cobrei-lhes medo e terror.

.....
 E se os traidores, um dia,
 Por cruel divertimento,
 Renovando o engano antigo,
 Me dessem novo tormento?...
 Co'a só ideia do p'rigo
 Todo eu estremecia,
 E do horrivel pensamento
 Como um covarde tremia.
 Jurei, protestei mil juras .
 —Para insensato as quebrar !
 Bastou-te querel-o um dia,
 E eu proprio—fui-me entregar.

VII

Espessa treva fazia
 N'aquella solemne estancia,
 E em pausada consonancia
 A voz da oração se ouvia.
 Interno presentimento
 'o coração me batia ..
 Mas era o fatal momento,
 —Fatal, funesto, fadado...

E ninguem foge ao seu fado.
 Não fugi, fiquei,—perdi-me.
 E sem combater—rendi-me.
 Com um só de teus sorrisos
 —D'aquelles que dás a mil!—
 Em meu peito árido, morto
 Mais esperanças nasceram
 Do que flores tem abril:
 Tristes flores, que vieram
 Sem abrigo nem conforto,
 E açoitadas dos granizos,
 Dos varios ventos, morreram!

VIII

Que novos sonhos sonhei
 De amor, de felicidade!
 Com que feia crueldade
 Teus lindos olhos fingiam,
 Tam expressivos diziam,
 Cruéis!... o que não sentiam!

IX

Ah! quebrou-se emfim o encanto,
 Já me não torno a illudir;
 Foi sonho de que acordei
 E que não volvo a dormir:
 Que d'esta vez entrou n'alma
 Socegado desengano,
 E, um por um, co' dedo experto
 Os golpes do coração
 Andou sondando sem dó:
 Hade curar-se, elle diz,
 Fica leso—e porque não?
 De que me serve elle agora?
 Para amar-te o tinha eu só,
 Só para t'o dar o quiz...

X

Vae... de quanto coração
 Em peito de homem batia
 O mais valente quebraste,
 Pois com tanto amor podia,

Todo o amor que lhe inspiraste.
 Vae... como este coração
 Não fez outro a natureza,
 Formou-o co'a mesma mão
 Com que fez tua belleza:
 Unicos ambos! — Já agora
 Brilharás entre os mortaes,
 Reinarás, serás senhora,
 Serás admirada. — Embora!
 Mas amada... nunca mais.

1837,

IX

A MINHA ROSA

QUEM, se uma vez pôz os olhos
 N'aquella face tam bella,
 Não viu n'ella — a sua estrêlla,
 Rainha dos seus amores?
 Em seus labios um sorriso
 E' a luz do paraizo;
 E o corar da face linda
 E' desabrochar de rosa
 Que a manhan, com a sua vinda,
 Debruçou n'hástea mimosa
 Para inveja das mais flores.
 — Assim fôra ella — singela
 A minha rosa tam bella,
 Nem mudasse assim amores
 Com as outras folhas e côres!

183...

X

SUSPIRO D'ALMA

SUSPIRO que nasce d'alma,
 Que á flor dos labios morreu...
 Coração que o não entende
 Não n'ó quero para meu.

Fallou te a voz da minha alma,
 A tua não n'a entendeu:

Coração não tens no peito,
Ou é diff'rente do meo.

Queres que em lingua da terra
Se digam coisas do céu?
Coração que tal deseja,
Não n'ó quero para meu.

183 ..

XI

O EMPRAZADO

They seem'd... unto the last
To... forget the present in the past,
To share between themselves some separate fate
Whose darkness none beside should penetrate

Brasos, Lara.

I

No chão a hástea da lança está cravada;
E a luzente armadura
Em tropheu se encastella
De emtorno da hástea dura.
I rilha, na cinzelada,
Ponderosa rodella,
O antigo emblema heraldico sabido,
Que o nome conhecido
Do senhor d'essas armas apregôa.
O elmo emplumado, que brilhante c'roa
O soberbo tropheu,
Ao vento baloiçando, ouco rebôa.
Vae socegada resvalando a'lua
No puro azul do céu,
E nas fulgentes laminas
Cáem seus raios tremulos,
Como o vago lampejo
De luz que surge de encantado brejo,
O pendão enrolado,
Mas mysteriosas, variadas côres
Traz segredo de amores
A ninguem revelado:
Oh, se alguém o entendeu, não n'ó dissera,
Que n'essa hora morrêra.

II

É a justa ámanhan, cavalleiros.
 É a justa; acudi a brigar.
 Quem ficar na tranqueira estendido,
 É signal que era fraco no amar.

Pois venha já brigar, pois venha já morrer,
 Quem diz que tem amor, quem n'ó quer merecer

Tropheu que ahi se ergue arrogante,
 Um nobre senhor o arvorou:
 Quer ser elle o mais fino amante;
 Sua bella, a mais bella a jurou.

Quem se atreve a dizer-lhe que não?
 Quem se atreve a tocar-lhe no escudo
 Com a ponta da lança ou contão?
 Quem se atreve? Ninguem. Ficou mudo
 O tropel dos guerreiros então.

III

Arreda, arredar, fasta, affasta!
 Que ahi vem, brida sôlta, correndo
 Guerreiro de aspecto tremendo
 Montado n'um negro corcel.

No escudo não tem mais quartel,
 Tenção nem lettreiro que diga
 A empreza de guerra que siga,
 A dama que sirva de amor.

Da guerra d'el-rei Almançor
 Virá co'essas armas sangrando,
 Ou foi que na estrada algum bando,
 O quiz, por má traça, matar!

Não sabe ninguem decifrar
 Mystério de tanto segredo...
 Chegou elle,—investe sem medo
 O altivo tropheu do senhor:

Feriu-o no ponto d'honôr,
Do conto da lança lhe dava,
O escudo insolente voltava
Ao nobre, soberbo campeão . .

IV

Em sua tenda de damasco
Bordado de oiro á porfia,
Alli junto ás suas armas,
O nobre dono dormia.

Ouviu o golpe atrevido
Que no escudo lhe batia;
Chamou pagens, escudeiros,
Muito á pressa se vestia.

No escudo das suas armas,
O coração lhe dizia
Que um homem só neste mundo
A tocar se atreveria.

Não quer lança nem cavallo,
Seus homens não requeria;
Co'a espada nua na mão,
Só, pela tenda sahia:

— «Aqui estou, diz, que me queres?»
E a forte voz lhe tremia . . .
— A tua vida, emprazado,
Que já passou anno e dia.

V

Não houve mais falas; o nobre emprazado
Montou na garupa do negro corcel.
Partiram por monte e vallado,
O estrondo fazendo d'um grande tropel . . .

D'alli a tres dias, tres noites contadas,
Sahiu saimento com grande primor
De além do castello de Penamacôr:
Duas tumbas levava pregadas, fechadas . . .

Juntava-se o povo de todo o arredor
A ver saimento de tanto primor.
Mas cruz nem caldeira, ninguém n'a levou:
Sem rezas nem frades, o enterro passou...

VI

N'aquelle castello dois irmãos viviam...
Nunca mais os viam.
E a bella condessa
De Penamacôr
D'alli a um anno é freira professa
Em San Salvador.

1841.

XII

A ESTRELLA

HA uma estrella no céu
Que ninguém vê senão eu:
Inda bem! — que a não vê mais ninguém

Como as outras não reluz;
Mas dá tam serena luz,
Que, inda bem! — não a vê mais ninguém.

No cantinho azul do céu
Onde ella está, não digo eu
A ninguém! — sei o eu só: inda bem;

184...

XIII

L'ALCYON AU CAP

DE M.^{LLE} DE FLAUGERGUES

This is so be alone, this is solitude.

CHANTE et rase les flots d'une aile paresseuse!
 Tel qu' un enfant riant sur sa couche bercé,
 Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
 Vogue mollement balancé!

Moi, je sens que je touche au terme du voyage,
 Quelques douleurs encore: puis la paix du cercueil!
 Ne me plains pas! long-temps sur moi gronda l'orage;
 Mieux vaut dormir, au port, que trembler sur l'écueil.

Mais, toi! rase les flots d'une aile paresseuse!
 Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
 Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
 Vogue mollement balancé!

Heureux! tu n'as point fui ta famille chérie,
 Tu n'es point triste et seul par la vague emporte,
 Ton doux nid t'accompagne, et toute une patrie
 Te suit et vogue à ton côté.

Loin, bien loin, de ma vue est le toit que j'implore;
 Loin, bien loin de mon cœur tout ce qu'il a chéri.
 Me sera-t-il donné de voir, d'entendre encore
 Un regard, un accent ami?

XIII

O ALCYON NO CABO

TRADUÇÃO

Isto sim que é estar só.

CANT, e co'a ponta d'aza priguiçosa
 Varre a onda serena!
 Como o innocente que no berço embalam
 Com branda cantilena,
 Canta, suave Alcyon, e mollemente
 Voga ao som d'agua amena!

Por mim, já da viagem chego ao termo.
 Mais uma dôr talvez...
 E o tûmulo depois: ninguem me cuite!
 Descançarei de vez.
 Antes quero dormir no porto agora,
 Que ir dar n'outro revés.

Tu canta, e varre co'a aza priguiçosa
 Essa onda serena!
 Como o innocente que no berço embalam
 Com branda cantilena,
 Canta, suave Alcyon, e mollemente
 Voga ao som d'agua amena.

Feliz és tu, que nem os teus deixaste,
 Nem vaes triste e sosinho
 Das ondas tempestuosas arrojado
 A ignorado caminho:
 Comtigo a patria, aonde vaes, a levas
 Bolando no teu ninho.

Longe, ai! tam longe, eu tenho o lar que choro;
 Quanto á vida me liga
 Tam longe me ficou... Oh! ser-me-ha dado
 Que eu ainda consiga
 O vêr um doce olhar, o ouvir ainda
 Um som de voz amiga?

Noble fille du ciel, amitié, pure flamme !
Partout où tu n'es point, est le froid du tombeau...
Eh ! quoi, vivre et mourir sans révéler mon âme !
De ma pensée ardente éteindre le flambeau !...

Quoi ! rien qu' un roc muet, rien, rien qu' un sable aride !
Une atmosphère lourde, un ciel tempétueux !
Plus triste que la nuit, rien que ce jour livide
Qui blesse mes débiles yeux !

S'il était seulement sur ce morne rivage,
Un écho solitaire à ma voix s'éveillant,
Une fleur sans éclat, un arbre sans feuillage,
Si je voyais au ciel un astre vacillant.

Oh ! j'aimerais l'écho plaintif, la fleur mourante,
L'étoile qui pâlit et l'arbre foudroyé !
Je leur dirais : — Rendez à mon âme souffrante
Sympathie et pitié ! —

Oui, pitié : car je souffre et respire avec peine,
D'un fardeau meurtrissant mon cœur est oppressé,
Oui, pitié ; car je meurs, et la mouvante arène
Va, comme un blanc linceul, couvrir mon front glacé !

Je disais : tu passas sur l'onde frémissante,
De ton aile d'azur à peine l'effleurant.
Ton doux chant répondit à ma voix gémissante,
Comme les sons d'un luth entre mes doigts vibrant.

Nobre filha do céu, doce amizade,
Tua chamma não consente,
Tua chamma só, que ao gêlo do sepulchro
A vida se arrefente...
E eu heide assim viver, morrer, sumir-me
Com este facho ardente
A quei nar-me alma—e eu a apagal-o á força,
Não me revele a mente!

Que! só, n'este areal deserto e mudo,
Só, essa penedia!
Ar que se não respira, um céu pezado,
E esta má luz de dia...
Uma luz alyacenta que me cega
Mais que a noite sombria!

Oh! se encontrasse ao menos n'essa praia
Um ecco a minha voz!...
Se uma flor murcha, uma árvore sem folhas
Eu vira ahí tam sós!...
E trémula no céu, vira uma estrella
Entre o negrume atroz!...

A esse ecco gemedor á flor mortíca,
Oh, como lhe eu quizera!
Á estrella que desmaia, ao tronco sêcco
Oh, como eu dissera:
«Piedade, sympathia para uma alma
Que a mágoa dilacera!»

Piedade sim, porque eu padeço muito:
Um pezo que o matou,
Me opprime o coração; e já presinto
Na agonia em que estou,
Sudario alvo de areia ir-me cobrindo
A frente que gelou.

Eu dizia, e tu vinhas rente d'agua,
Ao som dos ais sentidos,
Roçando-a com as pennas azuladas.
Aos tristes sons carpidos
Teu canto respondeu, como o alahude
Que vibra estes gemidos.

Reviens, réponds encore au cri de ma souffrance!
Tu plais à ma douleur, oiseau mélodieux!
Ton chant d'amour me semble un hymne d'espérance,
Et ta couleur brillante est la couleur des cieux!

Chante et rase les flots d'une aile paresseuse !
Tel qu'un enfant riant sur sa couche bercé,
Chante, doux Alcyon, et par l'onde amoureuse,
Vogue mollement balancé!

Volta, responde ainda aos meus lamentos,
Que em vêr-te a alma descança!
O teu canto de amor nos meus ouvidos
É um hymno de esperança,
E a tua côr brilhante a côr do céu
Quando ri na bonança.

Canta, e co'a ponta d'aza prigueirosa
Varre a onde serena!
Como o innocente que no berço embalam
Com branda cantilena,
Canta, suave Alcyon, e mollemente
Voga ao som d'agua amena!

XIV

O PHAROL E O BAIXEL.

Como está segura a tôrre
 No meio d'agua! não vês?
 No cimo a luz da esperança,
 O escólho da morte aos pés...
 Assim luz amor na vida,
 Que é pharol de salvação,
 Assim tem aos pés traidores
 O escólho da perdição.
 E' bonança, e junto á torre
 Dorme tranquillo o baixel!
 Mas quem pôs firmeza em ventos,
 Quem teve o mar por fiel?

Na torre ardia o pharol,
 A onda morta se espelhava
 E o baixel já fatigado
 Pela brisa suspirava
 O baixel é novo e lindo,
 Velha a torre e desdentada;
 Ouvirás o que ella diz
 Com a voz cava e rachada:

—Baixelzinho tam ligeiro,
 Que essa calma impaciente,
 Ai! não chames tanto a brisa,
 Que póde vir a tormenta.

*Tu és uma torre velha,
 Ali prêsa n'esse escólho:
 Cega todo o dia, apenas
 Te accendem de noite um ôlho.

Que sabes tu do que vae
 No immenso campo do mar?
 Eu tenho mais fé na vida,
 Quero vêr, viver e andar.*

— Sólta pois no mar da vida,
 Lindo baixel, sólta as vellas;
 Ventura te assopre os ventos,
 Guie-te amor das estrellas!

Mas se ao voltar (na viagem
 Da vida, o p'rigo é voltar)
 Te vires perdido... Oh! vem,
 Vem a mim, que me has de achar.

1842...

XV

SENTENÇA D'AMOR

NO ALBUM DE UMA JOVEN SENHORA

TIROU das azas a penna
 E lavrou aqui Amor,
 N'este livro de primor,
 Sentença que já condemna,
 Por sacrilego e traidor,
 A todo o que a mão impura
 N'estas paginas pozer,
 Tomando, com falsa jura,
 O seu santo nome em vão,
 Para n'ellas escrever
 O que impresso não tiver,
 Bem fundo no coração.

1842..

XVI

GRINALDA

Date illia.
Vna.

ANDEI pelo prado vagando, vagando
 Em busca da flor
 Que aqui heide pôr.
 Grinalda tam bella, que se vae trançando
 Com tanto primor.
 Que flor lhe heide eu pôr?

Vou-me á borboleta, que n'esses vergeis
 Anda a namorar,
 Vou-lh'o perguntar...
 Não: heide ir á abelha que mais sábias leis
 Tem no seu gostar;
 Ir-lh'o hei perguntar.

Mas a borboleta é doida, coitada,
 Não sabe das flores
 Senão viço e côres;
 E a pobre da abelha sempre carregada,
 Não vê no vergel
 Senão o seu mel.

E eu n'esta flor quero da rosa a belleza,
 Do lirio a candura,
 Do nardo a doçura...
 Diz-me o coração que nem natureza
 Fez tal formosura,
 Nem arte ou cultura.

Mas tambem me diz — e eu creio — oh! que sim:
 Que o jardim d'amor
 Produz a tal flor.
 Mancebos, correi, correi lá por mim:
 O que achar a flor.
 Que a venha aqui pôr.

184...

XVII

JÁ NÃO SOU POETA

Eu queria apanhar uma rosa
 De um rosal que já tive no céu,
 Quando eu era poeta — e mimosa
 D'essas flores que a tantos já deu,
 Minha mão punha a c'roa ao valor,
 E prendia em grinaldas amor.

Eu queria apanhar uma rosa
 Do rosal que já tive no céu
 Rosa pura, singela e mimosa,
 Para a dar a quem tanto a mer'ceu,
 A quem junta ao precioso valor
 D'alma bella, as mais graças d'amor.

Mas não sou já poeta; cahiu-me
 Da cabeça a corôa, o poder:
 A innocencia do Eden fugiu-me,
 Fructo amargo provei do saber...

Sei, perdi-me. . . e na triste memoria
Nem saudades já tenho da gloria.

Bem o vês, o alahude cahiu-me
D'estas mãos que não têm já poder;
E o som derradeiro fugiu-me
Do hymno eterno que ergui ao nascer.
Ai por ti, por ti só, á memoria
Vêm saudades do tempo da gloria!

184...

XVIII

LIVRO DA VIDA

NO ALBUM DO SR. J. M. DO AMARAL

VAE o talento e a amizade
Nas folhas brancas pintando
D'este livro os seus primores.
Memorias de saudade
Aqui ficam retratando
As várias, dispersas flores

Que no caminho da vida
Se vão colhendo e esfolhando...
E esta é a historia sabida
De toda a vida — e da flor
Que é, que foi, ou que fôr.

Eu deixo aqui só memoria
De uma sincera vontade,
De affeição, de lealdade:
Deve ter logar na historia
De que este livro é padrão,
Que é historia do coração.

1843.

XIX

AS MINHAS AZAS

EU tinha umas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,

Que, em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao céu.

—Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo que m'as deu:
Eu innocente? como ellas,
Por isso voava ao céu.
Veiu a cubiça da terra,
Vinha para me tentar;
Por seus montes de thesouros
Minhas azas não quiz dar.
—Veiu a ambição, co'as grandezas,
Vinham para m'as cortar,
Davam-me podêr e gloria;
Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Em me eu cansando da terra,
Batias-as, voava ao céu.

Mas uma noite sem lua
Que eu contemplava as estrellas,
E já suspenso da terra,
La voar para ellas,
—Deixei descahir os olhos
Do céu alto e das estrellas...
Vi entre a névoa da terra,
Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Já não se erguiam as céu.
Cegou-me essa luz funesta
De infetiçados amores...
Fatal amor. negra hora
Foi aquella hora de dores !

—Tudo perdi n'essa hora
Que provei nos seus amores
O doce fel do deleite,
O acre prazer das dores.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Penna a penna me cahiram. . .
Nunca mais voei ao céu.

184...

XX

KYRIELEISÃO

A SENHOR CHRISTELEIJOEM
EGAS MONIZ?

ESTE é o hymno derradeiro
Que, no fim do seu caminho,
Cantava o triste romeiro:

No cansaço e desalinho
Do longo peregrinar
Não sabia já cantar;
Nem as cordas do alahude
Lhe podiam affinar...

Teimou, e pôz-se a cantar
Este cantar tosco e rude:

«A' porta santa de Roma
Eu bati c'o meu bordão;
O padre santo me abria
Lizendo: Kyrieleisão!

«Kyrieleisão! — por minha alma,
Que morro sem confissão,
Se não digo áquelles olhos
Que me dêem a absolvição.»

— Absolvição! — aqui tendes;
Tomae-a com devoção:
E uma bulla cruzada
Que manda ter compaixão

«Compaixão! — minha senhora,
Tende-a de mim, que é razão
O que manda o santo padre,
Fazêl-o fiel christão.

Christão! — é este meu peito ;
 O vosso, infiel pagão !
 As indulgencias que trago
 Não sei se cá valerão . . .

Valer! — só Deus á minha alma,
 Que morro sem confissão!
 Senhora, vós, que a matastes,
 Dizei-lhe: Kirieleisão !»

182 . . .

XXI

OLHOS NEGROS

Por teus olhos negros, negros,
 Trago eu negro o coração,
 De tanto pedir-lhe amores . . .
 E elles a dizer que não.

E mais não quero outros olhos,
 Negros, negros como são;
 Que os azues dão muita esp'rança,
 Mas fiar-me eu'n'elles, não.

Só negros, negros os quero;
 Que, em lhes chegando a paixão,
 Se um dia disserem sim . . .
 Nunca mais dizem que não.

184 . . .

XXII

A UMA VIAJANTE

Que heide eu dizer á amavel estrangeira
 Que lhe fique em memoria
 D'esta terra onde viça a laranjeira
 Co'a doce flor d'amor
 Junto ao louro da gloria?
 Eu cantei como canta no verdor
 Do bosque o rouxinol,

Sem saber o que faz—ledo co'a aurora,
 E triste ao pôr do sol...
 Deixei de ser poeta como o fôra,
 Não sci porquê,—sei que o não sou j'agora

184...

XXIII

ELLA

Où, mon âme se plaît à secouer ses chaînes:
 Déposant le fardeau des misères humaines,
 Laisant errer mes sens dans ce monde des corps.
 Au monde des esprits je monte sans efforts.
 De LAMARTINE, *Méd.*

I

Eu caminhava só e sem destino
 No deserto da vida,
 N'alma apagada a luz, e o desatino
 Na vista esmorecida:
 E afastava de mim, que me empeciam
 No caminhar adiante.
 Os prazeres dos homens que sorriam,
 E a turba delirante
 De seus empenhos vão. — Aos que gemiam
 Sorria eu de inveja...
 Quem podéra gemer!... mas arredava
 Esses também: não seja
 Traição a sua dor? — Eu caminhava
 Só, triste, só, sem luz e sem destino,
 A vista esmorecida,
 A alma gasta, apagada, e ao desatino
 No deserto da vida.

II

Olhava para o céu, não via estrella,
 Nem eu buscava norte:
 Que importava o guiar da luz mais bella,
 Se das trevas da morte
 Se enneoavam meus olhos, que a não via?...
 Morte d'alma que morre
 De enfado e dissabor... e sêca e fria

Pezando jaz no coração! — ahi corre
 O sangue com a vida:
 A vida que é da terra, a bruta, a grossa,
 Que, da outra desprendida,
 Caiu n'essa existencia absurda, insôssa,
 Que é durar só, andar, cansar com ella...
 E eu ia d'esta sorte,
 Olhava para o céu, não via estrella,
 Nem eu buscava norte.

III

A aurora para mim não tinha flores,
 Nem o sol resplendores;
 E a morte-luz da lua, que é tam bella,
 — Lembra-me inda de vê-la! —
 Branquejava-me só como um sudario
 Que ondeia ao vento vário,
 Pendão de spectros que por noite fria
 Vão a alguma aziaga romaria.
 Os campos arrelvados,
 Que de longe me riam, matizados
 De viçosas boninas;
 Em chegando, eram áridas campinas,
 Gandras salgadas e ermas,
 De uma areia alvacenta e nua — enfêrmas
 E feias de avistar
 Como terras malditas... — Oh! nem flores
 Não tinha que esfolhar
 A aurora para mim, nem resplendores
 O sol que derramar.

IV

E sentei-me cansado n'um rochedo
 Triste como eu e só,
 No meio d'este valle de degrêdo,
 De lagrimas e dó.
 Caiu-me a frente sôbre as mãos pesada,
 E meditei commigo:
 «Não é melhor pôr fim a esta jornada
 E poisar no jazigo?»
 Vagar, peregrinar sem fim, sem termo,
 Sem causa, sem esp'rança,

Só nas cidades, abafando no êrmo,
Faminto na abastança,
Morto na vida, e só, só só! . . . — Quem dera,
Quem me dera uma dor
Das que eu sentia d'antes quando era,
Quando impio e sem temor
Bradava ao céu: «Fatal presente d'alma
Que tanto, tanto sente!»
Puniu-me Deus: coalhou-se em podre calma
O oceano fervente
Das paixões tempestuosas de meu peito;
As velas lassas batem,
Baloíça o baixel torpe e desconfeito,
E, nas cordas que latem
De impaciente priguíça, balanceia.
A vida que me aneia,
Oh! quem já naufragára n'um rochedo
Êrmo como eu, e só
No meio d'estes mares de degrêdo
De lagrimas e dô!

V

Que é do anjo que, ao gerar da minha vida,
Recebeu a palavra proferida
Da bôcca do Senhor,
O verbo creador
Que me deu alma e sêr? o guarda, o guia
Que, desde esse momento,
Em fiel companhia
Habitar veiu o coração que enchia,
De minha mãe banhal-o de contento,
De amor e de ternura?
O que depois, na tímida candura
De minha tam ingénua puberdade,
Quando os olhos sequiosos de ventura
Se ergueram a pedir felicidade
A primeira mulher que viram bella,
M'os guiou com piedade
Para os olhos d'aquella
Que amei quasi co'a simplice innocencia
Com que amei minha mãe? . . . Pobres amores!
Sem fogo, sem vehemencia,
Mas suaves e brandos como as flores. . .

Como ellas, desbotaram á luz viva
 Com que, na quadra estiva,
 Dardeja o sol—e a terra ha sêde, sêde
 Que orvalhos não apagam;
 Quer torrentes onde a agua se não mede,
 E que, a afogar, saciam quando alagam...

.....
 Ai! esse anjo onde está que a minha vida
 Da bocca do Senhor
 Recebeu na palavra proferida,
 No verbo creador?

VI

Com um longo suspiro derradeiro,
 Um longo, ultimo olhar de piedade
 Elle me abandonou,
 Quando ao festim grosseiro
 Me viu sentar nas salas da impiedade,
 Quando, ai Deus! blasphemou
 Minha bôcca em palavras consagradas,
 E jurou fé e prometeu verdade
 A essas imagens vans, falsas, pintadas
 Que a torpe necedade
 Do mundo idolos fez d'amor...—Que amores!

.....
 Ellas, como a saloia vende as flores
 Que achou na horta ou no prado,
 E as traz, em môlhos feitos, ao mercado,
 Murchas no viço, pallidas nas côres,
 Do atar, do repartir...
 Assim vendem, nos bailes e nas festas,
 A preço de vaidades e mentir
 De ambiciosas requestas,
 O que só tem valor
 Quando se dá — e que o dá amor...

.....
 Co' esse longo suspiro derradeiro,
 N'um longo, último olhar de piedade
 O anjo me abandonou
 Quando ao festim grosseiro
 Me viu sentar nas salas da impiedade.

VII

Eu corri-me, chorei, quebrei a fronte
 Na lage dura que soava em ouco,
 Quando acordei de meu sonhar tam louco,
 E vi enlodaçada e sêca a fonte
 D'esse impio templo—o do prazer... Corri-me,
 Bradei, chorei, carpi-me,
 E tornei a vogar só, sem destino
 No deserto da vida,
 N'alma apagada a luz, e o desatino
 Na vista amortecida.

VIII

E fui a erguer os olhos com despeito
 Para o céu, ás estréllas scintillantes
 Queria perguntar se esta era a vida
 Que me fadavam d'antes
 Quando me entrou no peito
 Esta ância, este desejo, esta incendida
 Sêde tatal de amar...
 Olhei... e vi o azul do firmamento
 Só, sem nenhum brilhar
 De estréllas ou de lua...
 Mas logo se inundava n'um momento
 De uma luz alva, doce e resplendente,
 Que me entrou toda n'alma. A névoa caiu
 Da terra, mais e mais, se encruécia
 E cerrava—que a vista já não via...
 Mas tam suavemente
 Elevada d'aquella doce luz
 A alma subia, placida subia...

 Deve subir assim
 Abraçada na Cruz,
 A alma do justo no bemdito dia
 Que ao martyrio da vida lhe põe fim...

 Já não erguia os olhos com despeito
 Para o céu, ás estréllas scintillantes
 Não perguntava já se esta era a vida
 Que me fadavam d'antes.

IX

Eu subia, subia... O brilho, a alvura
 Da luz mais requintava,
 E como que o meu sêr compenetrava.
 Então na immensa altura
 Vi, claramente vista, a face pura
 Da primitiva, etherea Formosura
 Que que á terra só vae reflexo baço,
 Vislumbre froixo, escasso
 Que um momento, revela
 Na face virginal—e a faz tam bella! —
 Esse mysterio da eternal Grandeza
 Que desde a eternidade,
 Antes de todo o sêr, fez a belleza.

.....
 Disse a minha alma: «Esta é a Formosura
 E o que eu sinto, Amor...»
 E eram. Que fiz eu pois téqui? A impura,
 Falsa imagem de um idolo traidor
 Trouxe a alma rendida,
 E sem remorso prostitui a vida...

X

O meu amor primeiro,
 Unico, derradeiro,
 Achei-o pois: é ELLA.—Ella, um mysterio,
 Um sonho—um véo cahido
 Sobre um symbolo! um mytho...
 Mas é ELLA... Oh! é ella! Eterno imperio
 Lhe foi, desde o principio, concedido
 Em meu sêr immortal Sou, fui... escripto
 Está que sou: que fui, que era já d'ella,
 Desde que ha sêr em mim.
 Não tem comêço, nunca terá fim
 Este amor, que é do céu:
 Vida não n'o accendeu, morte o não gela,
 Que não póde morrer—se não nasceu!
 No sempiterno Seio
 Coexistiu c'o meu sêr:
 N'este da vida turbulento enleio
 Passará a gemer
 Como eu gemo. Mas toda a eternidade
 Seré nossa, depois, co'a Divindade.



Filha do mar, recebe-a!

XXIV

NOVA HELOIZA

I

Junto á ribeira do Tejo
Ha um valle escuso e quieto,
Que escolheu nova Heloiza
Para novo Paraclete.
Alli um doce bafejo
De perfumes tem a brisa;
E n'um longo, longo beijo
Flora e Zephyro esquecidos
Alli se ficam detidos
Em dobrada primavera;
Alli não murcham as flores...
Se hãode então murchar amores!

II

Onde a relva é mais mimosa
E a verdura mais viçosa,
De alto cume despenhado
Cae um lençol de agua pura
Nas brancas orlas franjado
De mais reluzente alvura.
Emtôrno da penedia
Cresce o jasmim, vive a rosa;
E a hera crespa e luzedia,
A madresilva cheirosa
Não deixam chegar do dia
Aquella estancia sombria,
Senão já meio perdidos,
Os raios amortecidos...
Luz querida dos amores
Que alli vivem sós co'as flores!

III

O nome d'aquelle valle
É mysterio... não o sei:
Mandado me foi que o calle...
O seu nome callarei.
Tambem querem que o esqueça...

Esquecel-o é que eu não sei.
 Quiz a sorte — e se era avêssa,
 Se propicia, não direi —
 Que um dia allí descuidado
 Por acaso eu fosse ter.
 E' um labyrintho encantado:
 Quem lá for, se hade perder...
 Que andam allí os amores
 Escondidos entre as flores.

IV

Entre as flores — tantas eram
 Vi uma, duas. . . vi mais. . .
 Que não sei nem qual nem quaes
 O coração me prenderam.
 Sei bem certo que o levava
 Aqui no peito, ao entrar:
 Aos baques que me elle dava
 Milagre foi não quebrar!
 Antes quebrasse. . . perdi-o:
 La me anda como um vadio,
 Doido, doido, entre essas flores,
 O louco! a sonhar d'amores. . .

V

Lindo valle escuso e quieto
 Que banhas os pés no Tejo,
 E floreces ao bafejo
 Da suave aura d'amor,
 Tu serás o Paracleto
 Adonde se accoite a dor
 Du nova, terna Heloiza.
 Tuas aguas a correr,
 A suspirar a tua brisa,
 Os teus bosques a gemer,
 Vós todos lhe heisde dizer
 Que allí no seio das flores
 Não é que esquecem amores

VI

e com lagrimas salgadas
 Ella as tuas flores regar,

Tu bem sabes, valle umbroso,
Que t'as não póde queimar.
Tristes rosas desbotadas
Bem poderá desfolhar...
E a tez ao jasmim cheiroso
Com os suspiros crestar...
Mas, por cada flor d'amor
Que assim matar sem piedade,
Verá crescer-lhe ao redor
Mais dobrada a — saudade.
Que a mate... não mata, não;
Que a queime... torna a florir:
Vegeta em toda a estação,
Sol e chuva a faz abrir.
Oh, mal vae viver co'as flores
Quem se quer deixar d'amores!

VII

Mas vá a bella Heloiza,
Vá para o seu Paraclete;
E que tome por devisa
Triumphar de um doce affecto.
Vá com esse crêdo vão
Que a condemna á solidão...
Vá com sua fortaleza
Desafiar a natureza
A duello singular...
Vá... que póde batalhar,
Póde, vá... mas vencer, não:
Que no melhor da peleja,
Quando o contrario fraqueja,
E' que cede o coração.
Verá então entre as flores
Como riem os amores!

XXV

O NATAL DE CHRISTO

Verbe incréé, source féconde
 De justice et de liberté !
 Parole que guéris le monde,
 Rayon vivant de vérité !
 LAMARTINE, *HÉRÉS.*

I

O Cesar disse do alto do seu throno :
 «Pereça a liberdade !
 Quero contar os homens que ha na terra,
 Que é minha a humanidade.»
 E, cabeça a cabeça, como rêzes,
 As gentes são contadas.
 Proconsules e reis fazem resenha
 Das escravas manadas,
 Para mandar a seu senhor de todos
 Que, um pé na Aguia romana,
 Com o outro opprime o mundo. A isto chegára
 A vil pro genie humana.

II

E era noite em Bethlem, cidade illustre
 Da vencida Judéa,
 Que a domada cabeça já não cinge
 Com a palma idumea:
 Dois afflictos e pobres peregrinos
 Cansados vêm chegando
 Aos tristes muros, a cumprir do Cesar
 O imperioso bando...
 Tarde chegaram; já não há poisadas.
 Que importa que elles venham
 Da stirpe de Jessé, e o sangue regio
 Em suas veias tenham?
 Na geral servidão só uma avulta
 Distinção — a riqueza;
 Na corrupção geral só uma avulta
 Degradação — pobreza.
 Os filhos de David foram coitar-se
 No presepe entre o gado,
 E dos animaes brutos receberam
 Amparo e gasalhado.

III

E alli nasceu Jesus... alli a eterna,
Immensa Magestade
Appareceu no mundo — alli começa
A nova liberdade.
Cantam-na os anjos que no céu pregóam
Gloria a Deus nas alturas,
E paz na terra aos homens! — Paz e gloria,
Promessas tam seguras
Do céu á terra n'esta noite santa,
O que é feito de vós?
Jesus, filho de Deus, que alli vieste
Humanar-te por nós,
Tu que mandaste os côros dos teus anjos
Aos humildes pastores
Que dormiam na serra — ao pobre, ao povo,
Primeiro que aos senhores,
Que aos sabios e que aos reis, te revelaste—
Oh! que é d'ellas, senhor,
Que é das tuas promessas? — Resgatados,
Divino salvador,
Do antigo captiveiro não seriam
Os homens que fizeste
Livres c'ò sôpro teu, quando os criaste,
Livres, quando nasceste,
Livres pelo Evangelho de verdade
Que em tua lei lhes deste,
Livres em fim pelo teu sangue puro
Que por elles verteste
Do alto da Cruz, no Gólgotha de infamia
Em que por nós morreste?

IV

Vê, ó filho de Deus! quasi passados
Dois millenios já são
Que, esta noite em Bethlem principiava
Tua longa paixão;
E o edicto do Cesar inda impera
No mundo avassallado.
Os Cesares, seu throno—e quantos thronos!
Têem cahido prostrados...
Embalde! — as leis iniquas, que destróem
A Santa liberdade

Que n'esta pia noite annunciaste
 A' oppressa human'dade,
 Essas estão em pé. Será que o pacto,
 Será que o testamento
 Celebrado na Cruz tu quebrarias,
 Senhor no ethereo assento?...

V

Não meu, Deus, não: eterna é a Palavra,
 Eterno é o Verbo teu
 Que, antes do sêr dos seculos, nos dêste
 Que o mundo recebeu
 N'esta noite solemne e sacrosanta.
 Nós, nós é que o quebrámos,
 Nós, sim, o novo pacto e juramento
 Sacrilegos violámos;
 Esaús do Evangelho, nós vendemos,
 Com torpe needade,
 Por appetites sordidos, a herança
 Da gloria e liberdade.
 Por isso os reis da terra inda nos contam
 Escravos, ás manadas;
 Por isso, em vão, do jugo sacudimos
 As cervizes chagadas.
 Porque não temos fé, não temos crença,
 E a Cruz abandonámos.
 D'onde sómente está, só vem, só fulge
 A luz que procurámos.
 E os vãos sabedores, esses magos
 Que a vaidade cegou,
 Não olham para o céu, não vêm a estrella
 Que hoje em Bethlem raizou.

184...

XXVI

O REDEMPTOR

SEQUENCIA

Ave spes unica.
 HERN.

Tu morreste por nós na cruz da affronta,
 E o sangue derradeiro

Derramaste do alto do madeiro,
Jesus, filho de Deus, Deus verdadeiro!

Aos crimes do homem não lançaste a conta.
Innocente cordeiro,
Quando foste no alto do madeiro
Lavar, com sangue, o último e o primeiro.

E n'aquella hora o mundo foi mudado:
A antiga, frouxa luz
Se apagou no Calvario ao pé da Cruz;
E agora é novo sol o que reluz.

Por deseguaes direitos, affrontosos
Para o pobre que lida,
Que trabalha, que súa pela vida
Andava a terra pelos reis regida.

Vãos sabedores, ricos poderosos
A tinham submettida
Ao êrro torpe que embrutece a vida
E que apaga a razão n'alma perdida.

Acabaram se as leis dos reis da terra;
E esta só lei ficou:
«O rei que está na Cruz nos libertou,
E com seu sangue a todos igualou.»

184...

AVULSA

DA VERSÃO DE CATULLO

ODE A FÁBULLO

Cedo commigo se lhe apraz aos nunes
Mui lautamente ceará o Fábullo
E farta boa ceia, e generoso
Vinho, e mais galhofeiras bagatellas,
(Sem que alva moça apetitosa esqueça)

As trouxeres contigo: sim, meu caro,
Se as trouxeres, terás mui lauta ceia:
Que o teu pobre, o teu misero Catullo
Tem ás aranhas alugada a bolsa;
Em troca te darei pelos amores,
Ou se mais guapa, mais suave que elles,
Alguma coisa houver dar-t'a-hei contente:
Perfumes te darei, que á minha bella
Deram Graças, e Amor, Cupidos deram:
Taes, que ao provar-lhe o cheiro delicioso
Aos deuses pedirás, Fábullo amigo,
Que em nariz todo inteiro te convertam.

NOTAS AO LIVRO PRIMEIRO

Nota A

Cuja sciencia... não vê mais coisa nenhuma entre o céu e a terra do que as que sonha a sua philosophia pag. 4

Shakespeare faz dizer esta sentença a um dos profundos pensadores que elle põe a falar n'aquelles seus dramas immortaes;

There are more things in heaven and earth, Horatio,
Than are dreamt of in your philosophy.

São justamente essas coisas de cuja existencia não sonha a philosophia humana, as com que não contou, em seus calculos, esta moderna sciencia da Economia politica; sciencia que hade estragar a civilização e o mundo, porque nos lançou no individualismo absoluto e exclusivo, consequencia inevitavel das doutrinas dos utilitarios.

Já se vae percebendo no coração da Europa, não tardará a sentir-se em toda ella amargamente, a fatal verdade d'esta observação, que não é para aqui estender, mas que era forçoso apontar para se entender o texto citado.

Nota B

Esse principe allemão que è tanto moda... não cuidem que è... o aventureiro que aqui andou ha dois annos. pag. 6

O principe Muskaw, engraçado auctor de «Tutti-frutti» das Viagens de Semí lasso e de outras rhapsodiegantes e desgarradas, é um escriptor bem conhecido e geralmente estimado. Receou-se porém que

algun litterato de botequim o não confundisse com ess'outro apenas conhecido pela sua publicação sobre Hespanha, em que tam insultada é a memoria de D. Pedro IV (de Portugal). Da brochura que elle ultimamente deu á luz sobre a nossa terra, crê-se que o bom do principe não é senão o «editor responsavel.»

Nota C

Recontar fadigas

De procellas, de calmas acintosas..... pag. 13

Este fragmento foi escripto no mar em uma longa e penosa viagem de Lisboa á ilha Terceira. Em parte já tinha sido publicado no numero IV do jornal litterario *O Chronista*, que saia em Lisboa em 1827.

Nota D

Belleza e bondade (de Sapho)..... pag. 13

Na elegante collecçãosinha publicada nos fins do seculo passado em Paris com o titulo *Ouvres de Sapho*, vem-lhe attribuida esta especie de epigramma, ou antes, apothegma poetico. D'ahi o traduzi como tal; mas procurei depois, em vão, o texto grego, tanto nos *Poetae graeci veteres*, como na rara collecção de Lyricos gregos de Henrique Stephano impressa em Paris em 1626.

O mesmo me succedeu com a peça seguinte a esta (V do Liv. I) que tem por titulo *O Sacrificio*.

Nota E

Foi Anacreonte

Que ao seu bem amado..... pag. 24

Eliminou-se, na traducção d'esta linda Ode, o nome de Bactylo, a quem no original é consagrada por Anacreonte, do mesmo modo que Virgilio dedicou a *Alexis* a sua segunda Egloga.

Salva esta infidelidade, que a decencia dos nossos costumes exige, em tudo o mais os presentes estudos sobre Anacreonte são traducções tam severamente litteraes quanto o genio das duas linguas o permite. O mesmo digo das de Alceu, Horacio, etc.

Nota F

Não me enganei; era de Ossian a sombra,
E assim cantou..... pag. 29

A especie de introdução que chega até estes versos não é de Macpherson, ou de quem quer que foi o auctor das «Poesias de Ossian»; fil-a eu para me exercitar n'um genero que, nos meus primeiros annos, me parecia o sublime dos sublimes—como elle já pareceu a Napoleão e a Cesarotti. O epilogo, que se contém nos ultimos oito versos do poemeto, tambem é da mesma lavra.

Nota G

Caverna de Viriatho..... pag. 36

Na que póde considerar-se como «a primeira parte» do que chamarei minhas «Poesias menores» a qual se publicou em Londres 1819, sob o titulo de *Lyrical de João Minimo*, vem já incluída esta ode ou canção a pag. 161. A melhor chronologia com que agora se ordenou, tanto aquella primeira parte como esta segunda, obrigou a collocar aqui a *Caverna de Viriatho*.

Mademoiselle de Flaugergues, no seu lindo livrinho *Au bord du Tage*, Paris, 1841, publicou a tradução franceza que aqui se dá aopé do texto, que foi o mais lisongeiro cum rimento que o auctor podia receber. Veja a nota I ao Liv. II da presente collecção.

Nota H

O anno velho..... pag. 46

Foram já impressos, por engano de data, estes versos na *Lyrical de João Minimo*. Veja nota antecedente (G ao Liv. I), e o que se diz no prologo da presente collecção.

NOTAS AO LIVRO SEGUNDO

Nota A

Desdobrando o manto
 O verde pavilhão nas altas pópas
 Treme ao sopro da brisa..... pag. 52

A joven Rainha de Portugal então de onze annos, e a joven Imperatriz do Brasil com poucos mais, partiram de Inglaterra em 1720 n'uma fragata brasileira, acompanhada por mais dois navios de Guerra da mesma nação. Horas antes da sua partida chegava a Inglaterra a noticia da victoria da Praia, nos Açores. Esta notavel coincidência inspirou o presente poemeto, que primeiro se publicou em Londres no jornal portuguez intitulado *O Chaveco*, num. III de 23 de setembro d'aquelle anno, com o titulo: *A Lealdade, ou a Victoria da Terceira*, canção v'ahi a pouco, no mesmo anno ainda, com estoutro titulo: *A Lealdade em triumpho, ou a victoria da Terceira—C. nção—ao general conde de Villflor e ao valoroso batalhão da Senhora D. Maria II.—Londres—etc. etc. M DCCC XXIX.*

Nota B

Estandarte de morte aziaço...
 São as côres da nova Carthago..... pag. 54

Allude-se á fragata ingleza que seguia os navios brasileiros, e que, á vista do procedimento que o governo britannico tinha tido com a Rainha e com os portuguezes emigrados, com razão entendiamos todos que ia mais para a vigiar, do que para lhe fazer honra.

O mesmo sentimento, bem natural, inspirou muitos outros versos analogos n'esta peça. Até para a Russia, que então se achava com o seu exercito sobre Constantinopla, appellavamos nós, para vêr por alli começar a destruição do obnoxio poder inglez que tanto nos avexava.

Commentar todo este poemeto seria quasi escrever a historia d'aquelle anno tam cheio—1829.

Nota C

Uma ilha vezejante e pampinosa..... pag. 56

A ilha Terceira, onde, poucos dias antes, as reliquias do partido liberal tinham ganho a célebre batalha da Praia, em 11 d'Agosto d'esse mesmo anno de 1829.

Nota D

E quem são esses nobres defenatres..... pag. 58

O batalhão de Voluntarios da Rainha, que não eram soldados de profissão, foi o que ganhou a victoria da Praia.

Nota E

Quaes injúrias, que affrontas pag. 58

Na camara dos Pares em 1826-27 tinham-se dito e feito as maiores injúrias aos voluntarios, que, por amor da liberdade e do soberano, se armavam e pelejavam pela causa commum. Pouco menos lhes tinha feito o governo. Elles desaffrontaram-se como o soldado de Vieira, que, em sua inimitavel linguagem, — *Morre... e vinga-se.*

Nota F

Cinzas que a mão do algoz devia aos mares.....Pag. 60

Este verso cuja barbara allusão é bem óbvia, sente-se da exaltação em que a guerra civil trazia os animos depois da contenda, que ninguem accusará nunca o auctor de que, em verso ou em prosa, em publico ou em particular, soltasse taes expressões, e menos ainda tivesse taes pensamentos. Nem o reclama como grande merito: é vulgar virtude a generosidade entre Portuguezes. Se não fosse meia duzia de más almas que ahi ha por desgraça, talvez se podesse escrever sem sangue toda ésta historia das desavenças politicas.

Nota G

A mão innocente e bella
Que o triste ramo colheu..... Pag. 66

Na ante-vespera da nossa partida de San'Miguel com a expedição para o Porto, uma joven senhora —que hoje deve ser anjo no céu—colheu um ramo de cypreste e o deu ao auctor... no dia seguinte exigiu que elle lh'o restituísse; e o ramo voltou acompanhado d'estes versos. É quanto basta para se elles entenderem; com o mais não tem nada o leitor.

Nota H

O emprazado..... pag. 74

Talvez não devesse collocar-se aqui esta composição, que pertenceria melhor ao Romanceiro. —Romance é ella, mas não no estylo casto e singelo dos nossos romances antigos, como o auctor se lisongeia que são as suas outras composições da mesma natureza. N'este quiz-se mais imitar a eschola de Schiller, e provar forças por todos ou quasi todos os metros que a nossa lingua comporta: por isto é que o não quiz incluir no Romanceiro a par d'ess'outros.

Penamacor só deixou de ser um titulo vago e um nome vão depois de impresso este livro; aliás, ter-se-hia mudado: agora é impossivel fazê-lo.

Nota I

O alyon no cabo..... pag. 79

O texto de Mademoiselle de Flaugergues, que aqui se dá ao pé da tradução, appareceu, a primeira vez em um jornal francez *L'Abeille*, que se começou a publicar em Lisboa em 1836. Residia então aqui a auctora d'estes lindos versos. Traduzi-os logo, e sahiram impresos, n'esse mesmo anno, no *Portuguez Constitucional*. Nem a tradução foi esmerada nem a publicação correcta. Apesar d'isso, M.^{lle} de Flaugergues teve a bondade de a incluir na sua collecção, já por vezes citada, *Au bord du Tage*. Mas ahi appareceu muito peor ainda, graças aos compositores

francezes que decerto não entendiam o que compunham.

Agora não vae só restituída, vae refeita a tradução, porque realmente o merecia a belleza do original e a obsequiosa civilidade da auctora. (*)

Nota K

Não olham para o céu, não vêem a estrella
Que hoje em Bethlem raiou..... pag. 102

Ponho uma só nota a este verso, a toda a ode, e serve tambem para a seguinte: — é em duas linhas mas vale um livro:

Onde a liberdade se não abraçar com a cruz, onde o povo não derivar os seus direitos immediatamente de Deus e do Evangelho —ahi, liberdade verdadeira, não a hade nunca haver. As theorias philosophicas valem para o espirito; e o espirito é o menos para os povos. O coração é tudo e ao coração só a religião pode chegar.

Appareceu a primeira vez impressa esta ode na *Revista universal Lisboense* de dezembro 1844.

(*) Para illustração do que se diz n'esta nota I, transcrevemos n'este logar outra nota, que é a que Mlle. de Flaugergues poz á tradução portugueza do Sr. Garrett quando a publicou em Paris:

«Le poète qui nous a fait l'honneur de traduire cette petite pièce est un des hommes plus marquans qu'il y ait aujour d'hui en Portugal, soit dans les lettres, soit dans la politique: le nombre de ses écrits en divers genres est très considérable, et la tribune législative lui doit le plus grand éclat dont elle ait brillé en ce pays. Au nombre de ses œuvres poétiques est un recueil de *romans* qu'il a publié sous le pseudonyme singulier de *Jão Mínimo* (il est Jean). Nous avons pris dans cet ouvrage la belle ode intitulée: *L'Anire de Virgiate* dont nous nous hasardons à donner une traduction, en prose pour plus de fidélité. Si cet essai passe sous les yeux du poète et qu'il obtienne son approbation, nous oserons donner la version complète du recueil.

LYRICA

IV

ULTIMOS VERSOS

FOLHAS CAHIDAS

DOS EDITORES

Cumpre-se a promessa feita no primeiro volume d'esta collecção reunindo aqui, em segunda edição muito augmentada e correctá, as FOLHAS CAHIDAS.

Apezar de estarem no prelo desde 1851, o auctor tinha descuidado na primeira edição o seu habitual escrupulo de revêr e corrigir; e não teve pacienciã para as augmentar com muitas peças que agora vão, e que então não estavam postas a limpo. Trabalhos mais serios o distrahiram durante os dois annos que levaram a imprimir tam poucas paginas.

Julgou-se agora melhor dividir em dois livros o que, assim augmentado, ficaria demasiado para um só.

Maio—1853.

LYRICA IV

ADVERTENCIA ¹

Antes que venha o inverno e disperse ao vento essas folhas de poesia que por ahi cahiram, vamos escolher uma ou outra que valha a pena conservar, ainda que não seja senão para memoria.

A outros versos chamei eu já as ultimas recordações de minha vida poetica. Enganei o publico, mas de boa fé, porque me enganei primeiro a mim. Protestos de poetas que sempre estão a dizer adeus ao mundo, e morrem abraçados com o louro—às vezes imaginario, porque ninguem os corôa.

Eu pouco mais tinha de vinte annos quando publiquei certo poema, e jurei que eram os ultimos versos que fazia. Que juramentos!

Se dos meus se rirem, têm razão; mas saibam que eu tambem primeiro me ri d'elles. Poeta na primavera, no estio e no outomno da vida, heide sel-o no inverno se lá chegar, e heide sel-o em tudo. Mas d'antes cuidava que não, e n'isso ia o erro.

Os cantos que formam esta pequena collecção pertencem todos a uma epocha de vida intima e recolhida que nada tem com as minhas outras collecções.

Essas mais ou menos mostram o poeta que canta deante do publico. *DIS FOLHAS CAHIDAS* ninguem tal dirá, ou bem pouco entende de *stylos* e modos de cantar.

Não sei se são bons ou maus estes versos; sei que gosto mais d'elles do que de nenhuns outros que fizesse. Porque? E' impossivel

¹ Do auctor na primeira edição.

dizel-o, mas é verdade. E como nada são por elle nem para elle, é provavel que o publico sintá-bem diversamente do auctor. Que importa?

Apezar de sempre se dizer e escrever ha cem mil annos o contrario, parece-me que o melhor e mais recto juiz que pôde ter um escriptor, é elle proprio, quando o não cega o amor proprio. Eu sei que tenho os olhos abertos, ao menos agora.

Custa-lhe a uma pessoa, como custava ao Tasso, e ainda sem ser Tasso, a queimar os seus versos, que são seus filhos; mas o sentimento paterno não impede de vêr os defeitos das crianças.

Emfim, eu não queimo estes. Consagrei-os *Ignoto deo*. E o deus que os inspirou que os anniquille se quizer: não me julgo com direito de o fazer eu.

Ainda assim, no *Ignoto deo* não imaginem alguma divindade meia-velada com cendal transparente, que o devoto está morrendo que lhe caia para que todos a vejam bem clara. O meu deus desconhecido é realmente aquelle mysterioso, occulto e não definido sentimento d'alma que a leva ás aspirações de uma felicidade ideal, o sonho de oiro do poeta.

Imaginação que porventura se não realisa nunca. E d'ahi quem sabe? A culpa é talvez da palavra, que é abstracta de mais. Saude, riqueza, miseria, pobreza, e ainda coisas mais materiaes, como o frio e o calor, não são senão estados comparativos, approximativos. Ao infinito não se chega, porque deixava de o ser em se chegando a elle.

Logo o poeta é louco, porque aspira sempre ao impossivel. Não sei. Essa é uma disputação mais longa.

Mas sei que as presentes FOIHAS CAHIDAS representam o estado d'alma do poeta nas variadas, incertas e vacillantes oscillações do espirito que, tendendo ao seu fim unico, a posse do IDEAL, ora pensa tel o alcançado, ora estar a ponto de chegar a elle — ora ri amargamente porque reconhece o seu engano — ora se desespera de raiva impotente por sua credulidade van.

Deixae o passar, gente do mundo, devotos do poder, da riqueza, do mando, ou da gloria. Elle não entende bem d'isso, e vós não entendeis nada d'elle.

Deixae-o passar, porque elle vae onde vós não ides; vae, ainda que zombeis d'elle, que o calumnieis, que o assassineis. Vae, porque é espirito, e vós sois materia.

E vós morrereis, elle não. Ou só morrerá d'elle aquillo em que se pareceu e se uniu comvosco. E essa falta que é a mesma de Adão, tambem será punida com a morte.

Mas não triumphais, porque a morte não passa do corpo, que é tudo em vós, e nada ou quasi nada no poeta.

FOLHAS CAHIDAS

LIVRO PRIMEIRO

I

IGNOTO DEO

D. D. D.

CREIO em ti, Deus: a fé viva
De minha alma a ti se eleva
És: — o que és não sei. Deriva
Meu sêr do teu: luz... e treva,
Em que—indistinctas!—se envolve
Este espirito agitado,
De ti vem, a ti devolve.
O Nada, a que foi roubado
Pelo sópro creador
Tudo o mais, o ha-de tragar.
Só vive de eterno ardor
O que está sempre a aspirar
Ao infinito d'onde veiu.
Belleza és tu, luz és tu,
Verdade és tu só. Não creio
Senão em ti; o olho nu
Do homem não vê na terra
Mais que a dúvida, a incerteza,
A fôrma que engana e erra.
Essencia! a real belleza,
O puro amor — o prazer
Que não fatiga e não gasta...
Só por ti os póde vêr
O que inspirado se affista,
Ignoto Deus, das ronceiras,
Vulgares turbas: despídos
Das coisas vans e grosseiras

Sua alma, razão, sentidos,
 A ti se dão, em ti vida,
 E por ti vida têm. Eu, consagrado
 A teu altar, me prostro e a combatida
 Existencia aqui ponho, aqui votado
 Fica este livro — confissão sincera
 Da alma que a ti vôou e em ti só spera.

II

ADEUS!

ADEUS! para sempre adeus!
 Vae-te, oh! vae-te, que n'esta hora
 Sinto a justiça dos céus
 Esmagar-me a alma que chora.
 Choro porque não te amei,
 Choro o amor que me tiveste;
 O que eu perco, bem n'ó sei,
 Mas tu... tu nada perdeste;
 Que este mau coração meu
 Nos secretos escaninhos
 Tem venenos tam damninhos
 Que o seu podêr só sei eu.

Oh! vae... para sempre adeus!
 Vae, que ha justiça nos céus.
 Sinto gerar na peçonha
 Do ulcerado coração
 Essa vibora medonha
 Que por seu fatal condão
 Hade rasgal-o ao nascer:
 Hade sim, serás vingada,
 E o meu castigo hade ser
 Ciúme de vêr-te amada,
 Remorso de te perder.

Vae-te, oh! vae-te, longe embora,
 Que sou eu capaz agora
 De te amar—Ai! se eu te amasse!
 Vê-se no árido pragal
 D'este peito se ateass:
 De amor o incendio fatal!
 Mais negro e feio no inferno
 Não chammeja o fogo eterno.

Que sim? Que antes isso? — Ai, triste!
 Não sabes o que pediste.
 Não te bastou supportar
 O ceo-rei; impaciente
 Tu ousas a deus tentar
 Pedindo-lhe o rei-serpente!

E cuidas amar-me ainda?
 Enganas-te: é morta, é finda,
 Dissipada é a illusão.
 Do meigo azul de teus olhos
 Tanta lagrima verteste,
 Tanto esse orvalho celeste
 Derramado o viste em vão
 N'esta seara de abrolhos,
 Que a fonte seccou. Agora
 Amarás... sim, hasde amar,
 Amar deves. . . Muito embora...
 Oh! mas n'outro hasde sonhar
 Os sonhos de oiro encantados
 Que o mundo chamou amores.

E eu réprobo... eu se o verei?
 Se em meus olhos encovados
 Der a luz de teus ardores...
 Se com ella cegarei?
 Se o nada d'essas mentiras
 Me entrar pelo vão da vida...
 Se, ao vêr que feliz deliras,
 Tambem eu sonhar... Perdida,
 Perdida serás — perdida.

Oh! vae-te, vae, longe, embora!
 Que te lembre sempre e agora
 Que não te amei nunca... ai! não;
 E que pude a sangue frio,
 Covarde, infame, villão,
 Gosar-te — mentir sem brio,
 Sem alma, sem dó, sem pejo,
 Commettendo em cada beijo
 Um crime... Ai! triste, não chores,
 Não chores, anjo do ceu,
 Que o deshonorado sou eu.

Perdoar-me tu?... Não mereço.
 A immundo cerdo voraz

Essas perolas de preço
 Não as deites: é capaz
 De as desprezar na torpeza
 De sua bruta natureza.
 Irada, te hade admirar,
 Despeitosa, respeitar,
 Mas indulgente . Oh! o perdão
 É perdido no villão,
 Que de ti hade zombar.

Vae, vae... para sempre adeus!
 Para sempre aos olhos meus
 Sumido seja o clarão
 De tua divina estrella,
 Faltam-me olhos e razão
 Para a vêr, para entendê-la:
 Alta está no firmamento
 Demais, e demais é bella
 Para o baixo pensamento
 Com que em má hora a fitei;
 Falso e vil o encantamento
 Com que a luz lhe fascinei.
 Que volte a sua belleza
 Do azul do ceu á pureza,
 E que a mim n'ê deixe aqui
 Nas trevas em que nasci,
 Trevas negras, densas, leias,
 Como é negro este aleiãõ
 D'onde me vem sangue ás veias,
 Este que foi coração,
 Este que amar-te não sabe
 Porque é só terra — e não cabo
 N'elle uma idea dos ceus...
 Oh! vae, vae; deixa-me, adeus!

III

QUANDO EU SONHAVA

QUANDO eu sonhava, era assim:
 Que nos meus sonhos a via;
 E era assim que me fugia,
 Apenas eu despertava,

Essa imagem fugidia
 Que nunca pude alcançar,
 Agora que estou desperto,
 Agora a vejo fixar...
 Para quê? — Quando era vaga,
 Uma idéa, um pensamento,
 Um raio de estrella incerto
 No immenso firmamento,
 Uma chymera, um vão sonho,
 Eu sonhava — mas vivia:
 Prazer não sabia o que era,
 Mas dor, não n'a conhecia...

IV

AQUELLA NOITE

ERA a noite da loucura,
 Da seducção, do prazer,
 Que em sua mantilha escura
 Costuma tanta ventura,
 Tantas glórias esconder.
 Os felizes .. e ai! são tantos!
 — Eu por tantos os contava!
 Eu que o signal de meus prantos
 Do afflicto rosto lavava —
 Os felizes presumçosos
 lam nos coches ruidosos
 Correndo aos salões doirados
 De mil fogos alumiados,
 D'onde em torrentes, sahia
 A clamorosa harmonia
 Que á festa, ao prazer tangia.

Eu sentia esse ruido
 Como o confuso bramar
 De um mar ao longe movido
 Que á praia vem rebentar:
 E disse commigo: — «Vamos,
 Os luctos d'alma dispamos,
 A festa heide ir tambem eu!»

E fui: e a noite era bella,
 Mas não vi a minha estrella

Que eu sempre via no ceu:
 Cubriu-a de espesso véo
 Alguma nuvem a ella,
 Ou era que já vendado
 Me levava o negro fado
 Onde a vida me perdeu?

Fui; meu rosto macerado,
 A funda melancholia
 Que todo o meu sêr revia,
 Qual o atahude levado
 A egypcio festim, dizia:
 —Como vós fui eu também;
 Folgae, que a morte ahi vem!—
 Dizia-o, sim, meu semblante,
 Que, onde eu chegava, o prazer
 Cessava no mesmo instante;
 E o labio que ia a dizer
 Doçuras de amor, gelava;
 E o riso que ia a nascer
 Na face linda, expirava.
 Era eu — e a morte em mim,
 Que só ella espanta assim!

Quantas mulheres tam bellas
 Ebrias de amor e desejos,
 Quantas vi saltar-lhe os beijos
 Da hõcca ardente e lasciva!
 E eu, que ia chegar-me a ellas...
 Para logo a fronte esquivava
 De recatos se envolvia
 E, toda pudor, tremia.

Quantas o seio anhelante,
 Nu, ardente e palpitante
 Andavam como entregando
 A cubiça mal desperta,
 Gasta já e desdenhosa;
 Dos que as estavam mirando
 Com vaga luneta incerta
 Que diz: — «Aquella é formosa,
 Não se me dava de a ter.
 E ésta? É só baroneza,
 Vale menos que a duqueza:
 Não sei a qual attender.»

E a isto chamam prazer!
A grande ventura é ésta?
Vale a pena vir á festa
E vale a pena viver.
Como então quix á tristura
Do meu viver isolado!
Fique-se embora a ventura,
Que eu quero ser desgraçado.

Levantei alto a cabeça,
Senti-me crescer — e a frente
Desanuviar-se contente
Do feio negrume espesso
Que assustava aquella gente.
Logo os sorrisos cahiam
Para o meu lado também;
Já como um dos seus me viam
Que em mim não viam ninguém.
Eu, de olhos desencantados,
A ellas, como as eu via!
Meus enthusiasmos passados,
Oh! como eu d'elles me ria!

Frio o sarcasmo sabia
De meus labios descórados,
E sem dó e sem pudor
A todas falei de amor...
De amor bruto, degradante
Que no seio palpitante,
Na espadua nua se accende...
Amor lascivo que offende,
Que faz córar... Ellas riam
E oh que não, não se offendiam!

Mas a orchestra bradou alta:
—Festa, festa! e salta, salta!—
Os seus guizos delirantes
Sacode a louca Folia...
Adeus, requebros de amantes!
Suspiros, quem n'os ouvia?
As palavras meias ditas,
Meias nos olhos escritas,
Voavam todas perdidas,
Dispersas, rotas no ar;
Que se foram almas, vidas
Tudo se foi a walsar.

Quem é esta que mais voltas
 Gira, gira sem cessar?
 Como as roupas leves, sóltas,
 Aéreas leva a ondular
 Em torno á tórma graciosa,
 Tam flexivel, tam airosa,
 Tam fina! — Agora parou,
 E tranquilla se assentou.
 Que rosto! Em linhas severas
 Se lhe desenha o perfil;
 E a cabeça, tam gentil,
 Como se fóra devéras
 A rainha d'essa gente,
 Como a levanta insolente!
 Vive Deus! que é ella... aquella,
 A que eu vi na tal janella,
 E que triste me sorria
 Quando passando me via
 Tam pasmado a olhar para ella.
 A mesma melancholia
 Nos olhos tristes — de luz
 Oblíqua, viva mas fria;
 A mesma alta intelligencia
 Que da face lhe transluz;
 A mesma altiva impaciencia
 Que de tudo, tudo cansa,
 De tudo o que foi, que é,
 E na erma vida so vê
 O raio da vaga esp'rança.

«Pois isto sim, que é mulher»
 Disse eu — e aqui ha que vêr.»

Já vinha a pallida aurora
 Annunciando a manhan fria,
 E eu falava e eu ouvia
 O que até áquella hora
 Nunca disse, nunca ouvi...
 Toda a memoria perdi
 Das palavras proferidas...
 Não eram d'estas sabidas,
 Nem quaes eram não n'ó sei...
 Sei que a vida era outra em mim,
 Que era outro sêr o meu sêr,

Que uma alma nova me achei
Que eu bem sabia não ter.

E d'ahi? — D'ahi, a historia
Não deixou outra memoria
D'essa noite de loucura,
De seducção, de prazer...
Que os segredos da ventura
Não são para se dizer.

V

O ANJO CAHIDO

ERA um anjo de Deus
Que se perdêra dos céus
E terra a terra voava.
A setta que lhe acertava
Partira de arco traidor,
Porque as pennas que levava
Não eram pennas de amor.

O anjo cahiu ferido,
E se viu aos pés rendido
Do tyranno caçador.
De azal morta e sem splendor
O triste, peregrinando
Por estes valles de dôr,
Andou gemendo e chorando.

Vi-o eu, o anjo dos céus,
O abandonado de Deus,
Vi-o, n'essa tropelia
Que o mundo chama alegria,
Vi-o a taça do prazer
Pôr ao labio que tremia...
E só lagrimas beber.

Ninguém mais na terra o via,
Era eu só que o conhecia...
Eu que já não posso amar!
Quem n'ô havia de salvar?
Eu, que n'uma sepultura
Me fóra vivo enterrar?
Loucural ai, cega loucural!

Mas entre os anjos dos céus
 Faltava um anjo ao seu Deus;
 E remil-o e resgatal-o,
 D'aquella infamia salval-o
 Só fôrça de amor podia.
 Quem d'esse amor hade amal-o,
 Se ninguem o conhecia?

Eu só.—E eu morto, eu descrido,
 Eu tive o arrojo atrevido
 De amar um anjo sem luz.
 Gravei-a eu n'essa cruz
 Minha alma que renascia,
 Que toda em sua alma puz.
 E o meu sêr se dividia.

Porque ella outra alma não tinha
 Outra alma senão a minha...
 Tarde, ai! tarde o conheci,
 Porque eu o meu sêr perdi,
 E elle á vida não volveu...
 Mas da morte que eu morri
 Tambem o infeliz morreu.

VI

O ALBUM

MINHA Julia, um conselho de amigo;
 Deixa em branco este livro gentil:
 Uma só das memorias da vida
 Vale a pena guardar, entre mil.

E essa n'alma em silencio gravada
 Pelas mãos do mysterio hade ser;
 Que não tem lingua humana palavras,
 Não tem letra que a possa escrever.

Por mais bello e variado que seja
 De uma vida o tecido matiz,
 Um só fio da telia bordada,
 Um só fio hade ser o feliz.

Tudo o mais é illusão, é mentira,
 Brilho falso que um tempo seduz,
 Que se apaga, que morre, que é nada,
 Quando o sol verdadeiro reluz.

De que serve guardar monumentos
 Dos enganos que a esp'rança forjou?
 Vãos reflexos de um sol que tardava
 Ou vans sombras de um sol que passou!

Crê-me, Julia: mil vezes na vida
 Eu co'a trinha ventura sonhei;
 E uma só, d'entre tantas, o juro,
 Uma só com verdade a encontrei.

Essa entrou-me pela alma tam firme,
 Tam segura por dentro a fechou,
 Que o passado fugiu da memoria,
 Do porvir nem desejo ficou.

Toma pois, Julia bella, o conselho:
 Deixa em branco este livro gentil,
 Que as memorias da vida são nada,
 E uma só se conserva entre mil.

VII

SAUDADES

LEVA este ramo, Pepita,
 De saudades portuguezas;
 É flôr nossa, e tam bonita
 Não n'a ha n'outras devezas.

Seu perfume não seduz,
 Não tem variado matiz,
 Vive á sombra, fuge á luz,
 As glorias de amor não diz,

Mas na modesta belleza
 De sua melancholia
 É tam suave a tristeza,
 Inspira tal sympathia!...

E tem um dote esta flôr
 Que de outra igual se não diz :
 Não perde o viço ou frescor
 Quando a tiram da raiz. *emigrante*

Antes mais e mais floresce
 Com tudo o que as outras mata;
 Até ás vezes mais cresce
 Na terra que é mais ingrata.

Só tem um cruel senão.
 Que te não devo esconder:
 Plantada no coração,
 Toda outra flôr faz morrer. X

E, se o quebra e despedaça
 Com as raizes mofinas,
 Mais ella tem brilho e graça,
 É como a flôr das ruinas.

Não, Pepita, não t'a dou...
 Fiz mal em dar-te essa flôr,
 Que eu sei o que me custou
 Tratal-a com tanto amor.

VIII

ESTE INFERNO DE AMAR

ESTE inferno de amar — como eu amo!
 Quem m'o pôz aqui n'alma... quem foi?
 E'sta chamma que alenta e consome,
 Que é a vida — e que a vida destroe —
 Como é que se veiu a atear,
 Quando — ai quando se ha-de ella apagar? X

Eu não sei, não me lembra: o passado,
 A outra vida que d'antes vivi
 Era um sonbo talvez .. — foi um sonho —
 Em que paz tam serena a dormi!
 Oh! que doce era aquelle sonhar...
 Quem me veiu, ai de mim! despertar?

Só me lembra que um dia formoso
 Eu passei .. dava o sol tanta luz!

E os meus olhos, que vagos giravam.
 Em seus olhos ardentes os puz.
 Que fez ella? eu que fiz? — Não n'ó sei;
 Mas n'essa hora a viver comecei...

IX

DESTINO

QUEM disse á estrella o caminho
 Que ella hade seguir no céu?
 A fabricar o seu ninho
 Como é que a ave aprendeu?
 Quem diz á planta — Florece!
 E ao mudo verme que tece
 Sua mortalha de seda
 Os fios quem lh'os enreda?
 Ensinou alguém á abelha
 Que no prado anda a zumbir
 Se á flor branca ou á vermelha
 O seu mel hade ir pedir?
 Que eras tu meu sêr, querida,
 Teus olhos a minha vida,
 Teu amor todo o meu bem.
 Ai! não m'ó disse ninguem.

Como a abelha corre ao prado,
 Com no céu gira a estrella,
 Como a todo o ente o seu fado
 Por instincto se revela:
 Eu no teu seio divino
 Vim cumprir o meu destino...
 Vim, que em tí só sei viver,
 Só por tí posso morrer.

X

GOSO E DOR

SE estou contente, querida,
 Com esta immensa ternura
 De que me enche o teu amor?
 — Não. Ai! não; falta-me a vida,
 Succumbe-me a alma á ventura:
 O excesso do goso é dor.

Doe-me alma, sim; e a tristeza
 Vaga, inerte e sem motivo,
 No coração me poisou.
 Absorto em tua belleza,
 Não sei se morro ou se vivo,
 Porque a vida me parou.

É que não ha sêr bastante
 Para este gosar sem fim
 Que me inunda o coração
 Tremo d'elle, e delirante
 Sinto que se exhaure em mim
 Ou a vida — ou a razão.

XI

PERFUME DA ROSA

QUEM bebe, rosa, o perfume
 Que de teu seio respira?
 Um anjo, um sylpho? Ou que nume
 Com esse aroma delira?

Qual é o deus que, namorado,
 De seu throno te ajoelha,
 E esse nectar encantado
 Bebe occulto, humilde abelha?

Ninguem? — Mentiste: essa frente
 Em languidez inclinada,
 Quem t'a pôz assim pendente?
 Dize, rosa namorada.

E a côr de purpura viva
 Como assim te desmaiou?
 E essa pallidez lasciva
 Nas folhas quem t'a pintou?

Os espinhos que tam duros
 Tinhas na rama lustrosa,
 Com que magos esconjuros
 T'os desarmaram, ó rosa?

E porquê, na hástea sentida
 Tremes tanto ao pôr do sol?

Porque escutas tam rendida
O canto do rouxinol ?

Que eu não ouvi um suspiro
Sussurrar-te na folhagem ?
Nas aguas d'este retiro
Não espreitei a tua imagem.

Não a vi afflicta, anciada...
—Era de prazer ou dor?—
Mentiste, rosa, és amada,
E tambem tu amas, flor.

Mas ai! se não for um nume
O que em teu seio delira,
Hade matal-o o perfume
Que n'esse aroma respira.

XII

ROSA SEM ESPINHOS

PARA todos tens carinhos,
A ninguem mostras rigor !
Que rosa és tu sem espinhos ?
Ai, que não te entendo, flor!

Se a borboleta vaidosa
A desdem te vae beijar,
O mais que lhe fazes, rosa,
É sorrir e é corar.

E quando a sonsa da abelha,
Tam modesta em seu zumbir,
Te diz: — O' rosa vermelha,
Bem me pódes acudir:

Deixa do calix divino
Uma gotta só libar...
Deixa, é nectar peregrino,
Mel que eu não sei fabricar...--

Tu de lãstima rendida,
De maldita compaixão,

Tu á súpplica atrevida
Sabes tu dizer que não ?

Tanta lástima e carinhos,
Tanto dó, nenhum rigor !
Es rosa e não tens espinhos !
Ai ! que não te entendo flor.

XIII

ROSA PALLIDA

Rosa pallida, em meu seio
Vem, querida, sem receio
Esconder a afflita côr.
Ai ! a minha pobre rosa !
Cuida que é menos formosa
Porque desbotou de amor.

Pois sim... quando livre, ao vento,
Sôlta de alma e pensamento.
Forte de tua isempção,
Tinhas na folha incendida
O sangue, o calor e a vida
Que ora tens no coração.

Mas não eras, não, mais bella
Coitada, coitada d'ella,
A minha rosa gentil !
Coravam-n'a então desejos,
Desmaiam-n'a agora os beijos...
Vales mais mil vezes, mil.

Inveja das outras flores !
Inveja de quê, amores ?
Tu, que vieste dos céus,
Comparar tua belleza
As filhas da natureza !
Rosa, não tentes a Deus.

E vergonha !... de quê, vida ?
Vergonha de ser querida,
Vergonha de ser feliz !
Porquê?... porquê em teu semblante

A pallida côr da amante
A minha ventura diz?

Pois quando eras tam vermelha
Não vinha zangão e abelha
Emtôrno de ti zumbir?
Não ouvias entre as flores
Historias dos mil amores
Que não tinhas, repetir?

Que hãode elles dizer agora?
Que pendente e de quem chora
É o teu languido olhar?
Que a tez fina e delicada
Foi, de ser muito beijada,
Que te veiu a desbotar?

Deixa-os: pallida ou corada,
Ou isempta ou namorada,
Que brilhe no prado flor,
Que fulja no céu estrella,
Ainda é ditosa e bella
Se lhe dão só um amor.

Ai! deixa-os, e no meu seio
Vem, querida, sem receio
Vem a frente rec'inar.
Que pallida estás, que linda!
Oh! quanto mais te amo ainda
Des que te fiz desbotar.

XIV

FLOR DE VENTURA

A flor de ventura
Que amor me entregou,
Tam bella e tam pura
Jámais a creou:

Não brota na selva
De inculto vigor,
Não cresce entre a relva
De virgem frescor;

Jardins de cultura
 Não póde habitar
 A flor de ventura
 Que amor me quiz dar.

Semente é divina
 Que veiu dos céus;
 Só n'alma germina
 Ao sópro de Deus.

muito e morte

Tam alva e mimosa
 Não ha outra flor;
 Uns longes de rosa
 Lhe avivam a cõr;

E o aroma... Ai! delirio
 Suave e sem fim!
 E' a rosa, é o lirio,
 E' a nardo, o jasmim;

E' um philtro que apura,
 Que exalta o viver;
 E em doce tortura
 Faz de âncias morrer. X

Ai! morrer... que sorte X
 Bem dita de amor!
 Que me leve a morte X
 Beijando-te, flor.

XV

BELLA D'AMOR

Pois essa luz scintillante
 Que brilha no teu semblante
 D'onde lhe vem o splendor?
 Não sentes no peito a chamma
 Que aos meus suspiros se inflamma
 E toda reluz de amor?
 Pois a celeste fragrancia
 Que te sentes exhalar,
 Pois, dize, a ingenua elegancia
 Com que te vês ondular,
 Como se baçoica a flor

Na primavera em verdor,
 Dize, dize: a natureza
 Póde dar tal gentileza?
 Quem t'a deu senão amor?

Vê-te a esse espelho, querida,
 Ail vê-te por tua vida,
 E diz se ha no céu estrella,
 Diz-me se ha no prado flor
 Que Deus fizesse tam bella
 Como te faz, meu amor.

XVI

OS CINCO SENTIDOS

São bellas — bem o sei, essas estrellas,
 Mil côres — divinaes têm essas flores;
 Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas:
 Em toda a natureza
 Não vejo outra belleza
 Senão a ti — a til

Divina — ail sim, será a voz que affina
 Saudosa — na ramagem densa, umbrosa.
 Será; mas eu do rouxinol que trina
 Não oiço a melodia,
 Nem sinto outra harmonia
 Senão a ti — a til

Respira — n'aura que entre às flores gira,
 Celeste — incenso de perfume agreste.
 Sei... não sinto: minha alma não aspira,
 Não percebe, não toma
 Senão o doce aroma
 Que vem de ti — de til

Formosos — são os pòmos saborosos,
 E' um mimo — de nectar o racimo;
 E eu tenho fome e sêde... sequiosos,
 Famintos meus desejos
 Estão... mas é de bejos,
 E' só de ti — de til

Macia — deve a relva luzidia
 Do leito — ser por certo em que me deito;
 Mas quem, ao pé de ti, quem poderia
 Sentir outras caricias,
 Tocar n'outras delicias
 Senão em ti — em ti!

A ti! ai, a ti só os meus sentidos
 Todos n'um confundidos,
 Sentem, ouvem, respiram;
 Em ti, por ti deliram.
 Em ti a minha sorte,
 A minha vida em ti: X
 E quando venha a morte, X
 Será morrer por ti.

XVII

ROSA E LIRIO

A rosa
 E' formosa;
 Bem sei
 Porque lhe chamam — flor
 D'amor,
 Não sei

A flor,
 Bem de amor
 É o lirio;
 Tem mel no arôma, — dor
 Na côr
 O lirio.

Se o cheiro
 E fagueiro
 Na rosa;
 Se é de belleza — mor
 Primor
 A rosa:

No lirio
 O martyrio
 Que é meu

Pintado vejo: — côr
 É ardor
 É o meu.

A rosa
 É formosa,
 Bem sei...
 E será de outros flor
 D'amor...
 Não sei.

XVIII

COQUETTE DOS PRADOS

COQUETTE dos prados,
 A rosa é uma flor
 Que inspira e não sente
 O encanto d'amor.

De purpura a vestem
 Os raios do sol;
 Suspiram por ella
 Ais do rouxinol:

E as galas que traja
 Não as agradece,
 E o amor que accende
 Não o reconhece.

Coquette dos prados
 Rosa, linda flor,
 Porquê, se não sentes,
 Inspiras amor?

XIX

CASCAES

ACABAVA alli a terra
 Nos derradeiros rochedos;
 A deserta arida serra
 Por entre os negros penedos
 Só deixa viver mesquinho
 Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados
 :opravam rijos na rama,
 E os céus turvos, annueados,
 O mar que incessante brama...
 Tudo alli era braveza
 De selvagem natureza.

Ahi, na quebra do monte,
 Entre uns juncos mal-medrados,
 Sêcco o rio, sêcca a fonte,
 Ervas e matos queimados,
 Ahi n'essa bruta serra,
 Ahi foi um céu na terra.

Alli sós no mundo, sós,
 Santo Deus! como vivemos!
 Como eramos tudo nós
 E de nada mais soubemos!
 Como nos folgava a vida
 De tudo o mais esquecida.

Que longos beijos sem fim,
 Que falar dos olhos mudo!
 Como ella vivia em mim,
 Como eu tinha n'ella tudo,
 Minha alma em sua razão,
 Meu sangue em seu coração!

Os anjos aquelles dias
 Contaram na eternidade:
 Que essas horas fugidias,
 Seculos na intensidade,
 Por millenios marca Deus
 Quando as dá aos que são seus.

Ai! sim, foi a tragos largos,
 Longos, fundos, que a bebi
 Do prazer a taça:— amargos
 Depois... depois os senti
 Os travos que ella deixou...
 Mas como eu ninguem gosou.

Ninguem: que é preciso amar
 Como eu amei—ser amado
 Como en fui; dar, e tomar

Do outro sêr a quem se ha dado
Toda a razão, toda a vida
Que em nós se annulla perdida.

Ai, ai! que pesados annos
Tardios depois vieram!
Oh! que fataes desenganos,
Ramo a ramo a desfizeram
A minha choça na serra,
Lá onde se acaba a terra!

Se o visse... não quero vê-lo
Aquelle sitio encantado;
Certo est u não conhecel o,
Tam outro estará mudado,
Mudado como eu, como ella,
Que a vejo sem conhecel-a!

Inda alli acaba a terra,
Mas já o céu não começa;
Que aquella visão da serra
Sumiu-se na treva espessa,
E deixou núa a bruteza
D'essa agreste natureza.

XX

ESTES SITIOS!

OLHA bem estes sitios queridos,
Vê-os bem n'este olhar derradeiro...
Ail o negro dos montes erguidos,
Ai! o verde do triste pinheiro!
Que saudades que d'elles teremos...
Que saudade! ai, amor, que saudade!
Pois não sentes, n'este ar que bebêmos,
No acre cheiro da agreste ramagem,
Estar-se alma a tragar liberdade
E a crescer de innocencia e vigor!
Oh! aqui, aqui só se engrinalda
Da pureza da rosa selvagem,
E contente aqui só vive Amor.
O ar queimado das salas lhe escalda
De suas azas o niveo candor,
E na frente arrugada lhe cresta

A innocencia infantil do pudor.
 E oh! deixar taes delicias como esta!
 E trocar este céu de ventura
 Pelo inferno da escrava cidade!
 Vender alma e razão á impostura,
 Ir saudar a mentira em sua côrte,
 Ajoelhar em seu throno á vaidade,
 Ter de rir nas angústias da morte,
 Chamar vida ao terror da verdade...
 Ail não, não... nossa vida acabou,
 Nossa vida aqui toda ficou.
 Diz lhe adeus, n'este olhar, derradeiro,
 Dize á sombra dos montes erguidos,
 Dize-o ao verde do triste pinheiro,
 Dize-o a todos os sitios queridos
 D'esta ruda, feroz soledade,
 Paraizo onde livres vivemos,
 Oh! saudades que d'elle teremos,
 Que saudade! ai, amor, que saudade!

XXI

NÃO TE AMO

Não te amo, quero-te: o amar vem d'alma,
 E eu n'alma — tenho a calma,
 A calma — do jazigo.
 Ail não te amo, não.

Não te amo, quero te: o amor é vida,
 E a vida — nem sentida
 A trago eu já commigo.
 Ail não te amo, não!

Ail não te amo, não; e só te quero
 De um querer bruto e fero
 Que o sangue me devora,
 Não chega ao coração.

Não te amo. Es bella; e eu não te amo, ó bella.
 Quem ama a aziaga estrella
 Que lhe luz na má hora
 Da sua perdição?

E quero-te, e não te amo, que é forçado,
 De mau feitiço azado
 Este indigno furor.
 Mas oh! não te amo, não.

E infame sou, porque te quero, e tanto
 Que de mim tenho espanto,
 De ti medo e terror...
 Mas amar!... não te amo, não.

XXII

NÃO ÉS TU

ERA assim, tinha esse olhar,
 A mesma graça, o mesmo ar,
 Córava da mesma côr,
 Aquella visão que eu vi
 Quando eu sonhava de amor,
 Quando em sonhos me perdi.

Toda assim; o porte altivo,
 O semblante pensativo,
 E uma suave tristeza
 Que por toda ella descia
 Como um véo que lhe envolvia,
 Que lhe adoçava a belleza.

Era assim; o seu falar,
 Ingenuo e quasi vulgar,
 Tinha o poder da razão
 Que penetra, não seduz;
 Não era fogo, era luz
 Que mandava ao coração.

Nos olhos tinha esse lume,
 No seio o mesmo perfume,
 Um cheiro a rosas celestes,
 Rosas brancas, puras, finas,
 Viçosas como boninas,
 Singelas sem ser agrestes.

Mas não és tu... ah! não és:
 Toda a illusão se desfez,
 Não és aquella que eu vi,

Não és a mesma visão,
 Que essa tinha coração,
 Tinha, que eu bem lh'o senti.

XXIII

BELLEZA

VEM do amor a Belleza,
 Como a luz vem da chamma.
 É lei da natureza:
 Queres ser bella?—ama.

Fórmulas de encantar,
 Na tela o pincel
 As póde pintar;
 No bronze o buril
 As sabe gravar;
 E estatua gentil
 Fazer o cinzel
 Da pedra mais dura...
 Mas Belleza é isso?—Não; só formosura.

Sorrindo entre dores
 Ao filho que adora
 Inda antes de o vêr,
 Qual sorri a aurora
 Chorando nas flores
 Que estão por nascer—

A mãe é a mais bella das obras de Deus.
 Se ella ama!—O mais puro do fogo dos céus
 Lhe ateia essa chamma de luz crystalina:

E a luz divina
 Que nunca mudou,
 E a luz... é a Belleza
 Em toda a pureza
 Que Deus a creou

XXIV

ANJO ÉS

ANJO és tu, que esse poder
 Jámais o teve mulher,
 Jámais o hade ter em mim.
 Anjo és, que me domina
 Teu sêr o meu sêr sem fim;
 Minha razão insolente
 Ao teu capricho se inclina,
 E minha alma forte, ardente,
 Que nenhum jugo respeita,
 Covardemente sujeita
 Anda humilde a teu poder.
 Anjo és tu, não és mulher.

Anjo és. Mas que anjo és tu?
 Em tua frente annueada,
 Não vejo a c'roa nevada
 Das alvas rosas do céu.
 Em teu seio ardente e nu
 Não vejo ondear o véo
 Com que o sóffrego pudor
 Vela os mysterios de amor.
 Teus olhos têm negra a côr,
 Côr de noite sem estrella;
 A chamma é vivaz e é bella,
 Mas luz não tem.—Que anjo és tu?
 Em nome de quem vieste?
 Paz ou guerra me trouxeste
 De Jehovah ou Belzebú?

Não respondes—e em teus braços
 Com freneticos abraços
 Me tens apertado, estreito!...
 Isto que me cae no peito
 Que foi?... — Lagrima? — Escaldou-me...
 Queima, abraza, ulcéra... Dou-me,
 Dou-me a ti, anjo maldito,
 Que este ardor que me devora
 É já fogo de precito,
 Fogo eterno, que em má hora
 Trouxeste de lá... De d'onde?

Em que mysterios se esconde
Teu fatal, estranho sêr !
Anjo és tu ou és mulher ?

XXV

VIBORA

Como a vibora gerado,
No coração se formou
Este amor amaldiçoado
Que á nascença o espedaçou.

Para elle nascer morri;
E em meu cadaver nutrido,
Foi a vida que eu perdi
A vida que tem vivido.

LIVRO SEGUNDO

I

BARCA BELLA

Pescador da barca bella,
Onde vás pescar com ella,
Que é tam bella,
Oh pescador?

Não vês que a última estrella
No céu nublado se vela?
Colhe a vela,
Oh pescador!

Deixa o lanço com cautella,
Que a sereia canta bella...
Mas cautella,
Oh pescador!

Não se enrede a rêde n'ella,
Que perdido é remo e vela
Só de vê-la,
Oh pescador.

Pescador da barca bella,
Inda é tempo, fuge d'ella,
Foge d'ella
Oh pescador!

II

A CORÔA

Bem sei que é toda de flores
Essa corôa de amores
Que n'a frente vaes cingir.

Mas é*corôa — é reinado;
 E a pôsto mais arriscado
 Não se pôde hoje subir.

N'esses reinos populosos
 Os vassallos revoltosos
 Tarde ou cedo dão a lei.
 Quem hade conter, domal-os,
 Se são tantos os vassallos
 E um só o pobre do rei?

Não vejo, rainha bella,
 Para fugir essa estrella
 Que os reis persegue sem dô,
 Mais que um meio — falo serio:
 E' pôr limites ao imperio
 E ter um vassallo só.

III

SINA

✕
 POR todas quantas estrellas
 Tem o céu que possam mais,
 Pelas flores virginaes
 De que se c'roam donzellas,
 Pelas lagrimas singelas
 Que o primeiro amor derrama,
 Por aquella etherea chamma
 Que a mão de Deus accendeu
 E que na terra allumia
 Quanto ha na terra do céu!
 Por tudo quanto eu queria
 Quando eu sabia querer,
 E por tudo quanto eu cria
 Quando me era dado crêr!
 Bem fadada seja a vida
 Que por estas folhas brancas ¹
 Sua historia hade escrever!
 Que as dores lhe venham mancas
 E com azas o prazer!

¹ As folhas do album em que se escreveram estes versos.

E'sta sina que lhe dou,
Bruxa não n'a adivinhou,
Nem duende m'a ensinou:
Li-a eu por meu condão
Em seus olhos innocentes,
Transparentes — transparentes
Até dentro ao coração.

IV

AI HELENA!

Ai, Helena! de amante e de espôso
Já o nome te faz suspirar,
Já tua alma singela presente
Esse fogo de amor delicioso
Que primeiro nos faz palpar!...
Oh! não vás, donzellinha innocente,
Não te vás a esse engano entregar:
É amor que te illude e te mente,
É amor que te hade matar!
Quando o sol n'estes montes desertos
Deixa a luz derradeira apagar,
Com as trévas da noite que espanta
Vêm os anjos do inferno encobertos
A sua victima incauta affagar.
Doce é a voz que adormece e quebranta,
Mas a mão do traidor... faz gelar,
Treme, foge do amor que te encanta,
É amor que te hade matar.

V

THE ROSE — A SIGH¹

IF this delicious, grateful flower,
Which blows but for a little hour,
Should to the sight so lovely be,
As from it's fragrance seems to me,
A sigh must then it's colour show,
For that is the softest joy I know,
And sure the rose is like a sigh,
Born just to soothe and then — to die.

¹ By a young lady born blind.

V

A ROSA — UM SUSPIRO

Se esta flor tam bella e pura,
Que apenas uma hora dura,
Tem pintado no matiz
O que o seu perfume diz,
Por certo na linda côr
Mostra um suspiro de amor:
Dos que eu chego a conhecer
É este o maior prazer.
E a rosa como um suspiro
Hade ser; bem se discorre:
Tem na vida o mesmo giro,
É um gôsto que nasce e — morre.

¹ Por uma menina cega de nascença

VI

RETRATO

(N'UM ALBUM)

AH! despreza o meu retrato
 Que lhe eu queria aqui pôr!
 Tem medo que lhe desfeie
 O seu livro de primor?
 Pois saiba que por despique
 Eu sei tambem ser pintor:
 Co'esta penna por pincel,
 E a tinta do meu tinteiro,
 Vou fazer o seu retrato
 Aqui já de corpo inteiro.

Vamos a isto — Sentada
 Na cadeira, *moyen-âge*,
 O cabello *en chateaines*,
 As mangas sôltas. — E' o traje.

Em longas prégas negras
 Caia o velludo e arraste;
 De si com desdem regio
 Com o pésinho o affaste. . .

N'essa attitude! Está bem:
 Agora mais um geitinho;
 A airosa cabeça a um lado
 E o lindo pé no banquinho.

Aqui estão os contornos, são estes,
 Nem Daguerre lh'os tira melhor.
 Este é o ár, esta a *rose*, eu lh'o juro,
 E o trajar que lhe fica melhor.

Vamos agora ao difficil:
 Tirar feição por feição;
 Entendel-as, que é o ponto,
 E dar-lhe a justa expressão

Os olhos são côr da noite,
 Da noite em seu começar,
 Quando inda é joven, incerta,
 E o dia vem de acabar;

Têm uma luz que vae longe,
 Que faz gosto de queimar;
 É uma especie de lume
 Que serve só de abraçar.

Na bocca ha um sorriso amavel.
 Amavel é... mas queria
 Saber se é todo bondade
 Ou se meio é zombaria.

Ninguem m'o diz? O retrato
 Incompleto ficará,
 Que n'estas duas feições
 Todo o sêr, toda a alma está.

Pois fiel como um espelho
 É tudo o que n'elle fiz;
 E o que lhe falta—que é muito,
 Tambem o espelho o não diz.

VII

LUCINDA

ERGUE a frente, lirio,
 Ergue a branca frente!
 O astro do delirio
 Já surgiu no oriente.

Vês o sol ardente,
 Lá cahiu no mar;
 A frente pendente
 Ergue a respirar!

Alvo é o luar,
 Teu alvor não cresta;
 A hora de gosar,
 De viver, é esta.

Longa foi a sésta,
 Longo o teu dormir;
 Ergue a branca testa,
 Tempo é de surgir!

Já se abre a sorrir
Tua bocca linda...
Despertar, sentir
Ou sonhar é ainda?

Sonho que não finda
Será o teu sonhar,
Se a dormir, Lucinda,
Te sentes amar.

VIII

AS DUAS ROSAS

Sobre se era mais formosa
A vermelha ou branca rosa,
Ardeu seculos a guerra
Em Inglaterra.

Paz entre as duas, jámais!
Reinar ambas as rivaes,
Tambem não; e uma ceder
Como hade ser?

Faltei eu lá na Inglaterra
Para acabar com a guerra.
Eil-as aqui bem eguaes,
Mas não rivaes.

Atei-as em laço estreito:
Que artista fui, com que geito!
E oh! que lindas são, que amores
As minhas flores!

Dirão que é cópia;—bem sei:
Que todo inteiro o roubei
Meu pensamento brilhante
Do teu semblante...

Será. Mas se é tam bello
Que lhe dêm esse modello,
Do meu quadro, na verdade,
Tenho vaidade.

IX

VOZ E AROMA

A brisa voga no prado,
 Perfume nem voz não tem;
 Quem canta é o ramo agitado,
 O aroma é da flor que vem.

A mim tornem-me essas flores
 Que uma a uma eu vi marchar,
 Restituam-me os verdores
 Aos ramos que eu vi seccar...

E em torrentes de harmonia
 Minha alma se exalará,
 Esta alma que muda e fria
 Nem sabe se existe já.

X

SEUS OLHOS

Seus olhos—se eu sei pintar
 O que os meus olhos cegou—
 Não tinham luz de brilhar,
 Era chamma de queimar;
 E o fogo que a ateou
 Vivaz, eterno, divino,
 Como o facho do Destino.

Divino, eterno!—e suave
 Ao mesmo tempo; mas grave
 E de tam fatal poder,
 Que, um só momento que a vi,
 Queimar toda alma senti...
 Nem ficou mais de meu sêr,
 Senão a cinza em que ardi.

XI

A DÉLIA

Cuidas tu que a rosa chora,
 Que é tamanha a sua dor,

Quando, já passada a aurora,
O sol ardente de amor,
Com seus beijos a devora?
—Feche virgineo pudor
O que ainda é botão agora
E amanhã hade ser flor;
Mas ella é rosa n'esta hora,
Rosa no arôma e na côr.

—Para amanhã o prazer
Deixe o que amanhã viver.
Hoje, Délia, é nossa a vida;
A'manhã... o que hade ser?
A hora de amor perdida
Quem sabe se hade volver?
Não desperdices, querida,
A duvidar e a soffrer
O que é mal gasto da vida
Quando o não gasta o prazer.

XII

A JOVEN AMERICANA

D'ONDE é que te eu vi, donzella,
E o que eras tu n'esta vida
Quando não tinhas vestida
A fórma de virgem bella
Que ora te vejo trajar?

Estrella foste no céu,
Serias no prado flor?
Ou, no diaphano splendor
De que Iris faz o seu véo,
Estavas, Silpha, a bordar?

Não houve poeta ainda
Que te não visse e cantasse,
Mulher que não te invejasse,
Nem pintor que a face linda
Te não fôsse copiar.

Seculos tens. — E ahl... já sei
 Quem és, quem foste e hasde ser:
 Bem te eu estava a conhecer
 Quando primeiro te olhei
 Sem te podêr estranhar.

Com Deus e co'a Liberdade
 De nossas terras fugiste
 Quando perdidos nos viste,
 E te foste á soledade
 Do novo mundo accoitar.

Pois que ora piedosa vens
 F. nos sentes resurgir,
 Oh! não tornes a fugir,
 Que melhor patria não tens
 Nem que mais te saiba amar.

Teu natal celebraremos
 Hoje e sempre: teus amigos
 Somos na lealdade antigos,
 E no ardor novos seremos,
 No desvéllo em te adorar:

Porque tu és o Ideal
 Da só belleza — do Bem;
 Não és estranha a ninguem,
 E de ti só foge o mal
 Que te não pôde encarar.

XIII

ADEUS MÃE

Adeus, mãe!, adeus, querida,
 Que eu já não posso co'a vida
 E os anjos chamam por mim.
 Adeus, mãe, adeus!... Assim,
 Junta os teus labios aos meus,
 E recebe o último adeus
 N'este suspiro. . . Não chores,
 Não chores: aquellas dores
 Já sinto accalmar em mim.
 Adeus, mãe, adeus!... Assim,

Junta os teus lábios aos meus...
Um beijo—um ultimo... Adeus!

E o corpo desanimado
No collo da mãe cahia;
E ella o corpo... só pesado,
Só mais pesado o sentia!
Não se lamenta, não chora,
E quasi a sorrir, dizia:
—Que tem este filho agora,
Que tanto pèsa? Não posso...—
E uma a uma, osso por osso,
Com a mão trémula tenta
As mãosinhas descarnadas,
As faces cavas, myrradas,
A testa inda morna e lenta.
—Que febre, que febre!—diz;
E em tudo pensa a infeliz,
Tudo que ha mau lhe occorreu,
Tudo—menos que morreu.

Como nos gelos do norte
O somno traidor da morte
Engana o desfalecido
Que imagina adormecer,
Assim cansado, esvahido
De tam longo padecer,
Já não ha no coração
Da mãe força de sentir;
Não tem já lume a razão
Senão só para a illudir.

Acorda, ó mãe desgraçada,
Que é tempo de despertar!
Anda vêr a eça armada,
As luzes que ardem no altar.
Ouves? É a rouca toada
Dos padres a psalmear!..
Vamos, que a hora é chegada,
É tempo de o amortalhar.

E os anjos cantavam:
—Alleluia!
E os santos clamavam:
—Hossanna!

Ao triste cantar da terra
 Responde o cantar do céu;
 Todos lhe bradam:—Morreu!
 E a todos o ouvido cerra.

E os sinos a tocar,
 E os padres a rezar,
 E ella ainda a accalantar
 Nos braços o filho morto,
 Que já não tem mais conforto,
 Mais socego n'este mundo
 Que o jazigo humido e fundo
 Onde hade ir a sepultar.

Levae, ó anjos de Deus,
 Levae essa dor aos céus.
 Com a alma do innocente
 Aos pés do Juiz Clemente
 Ahi fique a santa dor
 Rogando á Eterna Bondade
 Que estenda a immensa piedade
 A quantos peccam de amor.

XIV

AVE, MARIA!

MARIA, doce mãe dos desvallidos,
 A ti clamo, a ti brado!
 A ti sobem, senhora, os meus gemidos,
 A ti o hymno sagrado
 Do coração de um pae vòo, ó Maria,
 Pela filha innocente.
 Com sua debil voz que balbucia,
 Piedosa mãe clemente,
 Ella já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,
 Pedir ao Pae dos céus
 O pão de cada dia. As preces minhas
 Como irão ao meu Deus,
 Ao meu Deus que é teu filho e tens nos braços.
 Se tu, mãe de piedade,
 Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços
 Da velha humanidade;

Despe de mim todo outro pensamento
 E van tenção da terra ;
 Outra glória, outro amor, outro contento
 De minha alma desterra.
 Mãe, oh ! mãe, salva o filho que te implora
 Pela filha querida.
 De mais tenho vivido, e só agora
 Sei o preço da vida,
 D'esta vida, tam mal gasta e prezada
 Porque minha só era . . .
 Salva-a, que a um santo amor está votada,
 N'elle se regenera.

XV

OS EXILADOS

A SENHORA ROSSI-CACCIA 1

ELLES tristes, das praias do desterro,
 Os olhos longos e arrazados de agua
 Estendem para aqui . . . Cravado o ferro
 Da saudade têm n'alma ; e é negra mágua
 A que lhes rala os corações afflictos,
 É a maior da vida — são proscritos.

Dôr como outra não ha, é a dor que os mata !
 Dizer eu: «Essa terra é minha . . . minha,
 Que nasci n'ella, que a servi, a ingrata !
 Que lhe dei . . . dei por ella quanto tinha,
 Sangue, vida, saúde, os bens da sorte . . .
 E ella, por galardão, me entrega á morte !»

Morte lenta e cruel — a de Ugolino ! 2
 Bem lhes quizeram dar . . .

Mas não será assim : sôpro divino
 De bondade e nobreza
 Não o póde apagar

¹ Cantando em um baile de subscrição que se deu em Lisboa em 29 de Março de 1845 a favor dos que n'esse anno estavam emigrados por fugir ás perseguições do Governo.

² Foi morto á fome com os filhos.

Nos corações da gente portugueza
 Esse rancor de fera
 Que em almas negras, negro e vil impera.

Tu, genio da Harmonia,
 Tu solta a voz em que triumpha a glória,
 Com que suspira amor!
 Bella de enthusiasmo e de fervor,
 Ergue-te, ó Rossi, tua voz nos guia:

A tua voz divina
 Hoje um ecco immortal deixa na historia.
 Inda no mar d'Egina
 Sôa o hymno de Alceu;
 E atravessaram seculos
 Os cantos de Tyrteu,
 Mais poderosa e válida
 A tua voz será;
 A tua voz etherea,
 Tua voz não morrerá.

Nós no templo da patria pendurâmos
 Esta c'roa singela
 Que de myrtho e de rosas entrançâmos
 Para essa fronte bella:
 Aqui, de voto, ficará pendente,
 E um culto de saudade
 Aqui, perennemente,
 Lhe daremos no altar da Liberdade.

XVI

PREITO

É lei do tempo, Senhora,
 Que ninguem domine agora
 E todos queiram reinar.
 Quanto vale n'esta hora
 Um vassallo bem sujeito,
 Leal de homenage e preito
 E facil de governar?

Pois o tal sou eu, Senhora:
 E aqui juro e firmo agora
 Que a um despotico reinar
 Me rendo todo n'esta hora,

Que a liberdade sujeito...
Não a reis!—outro é meu preitor:
Anjos me hão de governar.

XVII

NO LUMIAR

ERA um dia de Abril; a primavera
Mostrava apenas seu virgineo seio
Entre a folhagem tenra; não vencêra,
De todo, o sol o mysterioso enleio
Da nevoa rara e fina que estendera
A manhã sobre as flores; o gorgueio
Das aves inda tímido e infantil...
Era um dia de Abril,
E nós iam os lentos passeando
De vergel em vergel, no descuidado
Socêgo d'alma que se está lembrando
Das luctas do passado,
Das vagas incertezas do porvir.
E eu não cansava de admirar, de ouvir,
Porque era grande, um grande homem de véras
Aquelle Duque—alli maior ainda,
Alli no seu Lumiar, entre as sinceras
Bellezas d'esse parque, entre essas flores,
A qual mais bella e de mais longe vinda
Esmaltar de mil côres
Bosque, jardim, e as relvas tam mimosas,
Tam suaves ao pé—muito ha cansado
De pisar alcatifas ambiciosas,
De trepear no perigoso estrado
Das vaidades da terra.
E o velho Duque, o velho homem d'Estado,
Ao falar d'essa guerra
Distante—e das paixões da humanidade,
Sorria malicioso
D'aquelle sorrir fino sem maldade,
Que tam seu era, que, entre desdenhoso
E benevolo, a quanto lhe sahia
Dos labios dava um cunho de nobreza,
De razão superior.
E então como elle a amava e lhe queria
A esta pobre terra portugueza!

Velha tinha a razão, velha a experiencia,
Joven só esse amor.

Tam joven, que inda cria, inda esperava,
Inda tinha a fé viva da innocencia!...

Eu, na força da vida,
Tristemente de mim me envergonhva.
—Passeavamos assim, e em reflectida
Meditação tranquilla descuidados
Iamos sós, já sem falar, descendo
Por entre os velhos olmos tam copados,
Quando sentimos para nós crescendo
Rumor de vozes finas que zumbia
Como enxame de abelhas entre as flores,
E vimos, qual Diana entre os menores
Astros do céu, a fórma que se erguia,
Sôbre todas gentil, d'essa estrangeira
Que se esperava alli. Perfeita, inteira
No velho amavel renasceu a vida
E a graça facil. Cuidei vêr o antigo
O nobre Portugal que resurgia
No venerado amigo;
E na formosa dama que sorria,
O genio da subida,
Rara e fina elegancia que a nobreza,
O gôsto, o amor do Bello, o instincto da Arte
Reune e faz irmãos em toda a parte:
Que affere a grandeza
Pela medida só dos pensamentos,
Do stylo de viver, dos sentimentos,
Tudo o mais como futil desprezando.

Pensei que a saudar o velho illustre

Em seus ultimos dias

E a despedir-se, até Deus sabe quando,
De nossas praias tristes e sombrias,
Vinha esse genio... Tristes e sombrias,
Que o sol lhe foge, lhe esmorece o lustre,
E onde tudo o que é alto vae baixando...

O triste, o que não tem já sol que o aqueça
Sou eu talvez — que, á mingua de fé, sinto
O cerebro gelar-me na cabeça,

Porque no coração o fogo é extinto.

Elle não era assim,

Ou, sabia fingir melhor do que eu!

— Como o nobre corcel que envelheceu
 Nas guerras, ao sentir o aureo telim
 E as armas sôbre o dorso descarnado,
 Remoça o garbo, em juvenil meneio
 Franja de espuma o freio,
 E honra os braços da casa em que foi nado.

Nunca me hade esquecer aquelle dia!
 Nem os olhos, as talas, e a sincera
 Admiração da bella dama ingleza
 Por tudo quanto via;
 O fructo, a flor, o arôma, o sol que os gera,
 E esta vivaz, vehemente natureza,
 Toda de fogo e luz,
 Que ama iacessante, que de amar não cansa,
 E continua produz
 Nos fructos o prazer, na flor a esp'rança.

Alli as nações todas se juntaram,
 Alli as várias linguas se falaram;
 A Europa convidada
 Veiu ao festim — não ao festim, ao preito.
 Vassallagem rendida foi prestada
 Ao talento, á belleza,
 A quanto n alma infunde amor, respeito,
 Porque é devéras grande: — que a grandeza
 Os homens não a dão;
 Põe-na por sua mão
 N'aquelles que são seus,
 Nos que escolheu — só Deus.

Oh! minha pobre terra, que saudades
 D'aquelle dia! Como se me aperta
 O coração no peito co'as vaidades,
 Co'as miserias que ahí vejo andar álerta,
 A' sôlta, appregoando-se! Na intriga
 Na traição, na calúmnia é forte a liga,
 É fraca em tudo o mais...

Tu, socegado
 Descansa no sepulchro; e cerra, cerra

Bem os olhos, amigo venerado,
Não vejas o que vae por nossa terra.
Eu fecho os meus, para trazer mais viva
Na memoria a tua imagem
E a d'essa bella Ingleza que se esquivava
De nós entre a folhagem
Dos bosques de Parthenope. Cansado,
Fito n'esta miragem
Os olhos d'alma, em quanto que arrastado
Vae o tardio pé
Por este que inda é,
Que cedo não será, bem cedo—em mal!
O velho Portugal. ¹

¹ Estes versos foram inspirados pela visita da celebrada Mrs. Norton á quinta do Lumiar, onde o fallecido duque de Palmella reunia, para a festejar, alguns poucos amigos escolhidos. Foi nos ultimos tempos de sua vida. Mrs. Norton reside actualmente em Napoles, a Parthenope, de que fala o texto.

XVIII

A UM AMIGO

FIEL ao costume antigo,
Trago ao meu joven amigo
Versos proprios d'este dia.
E que de os vêr tam singelos,
Tam simples como eu, não ria:
Qualquer os fará mais bellos,
Ninguem tam d'alma os faria.

Que sobre a flor de seus annos
Soprem tarde os desenganos;
Que emtôrno os bafeje amor,
Amor da espôsa querida,
Prolongando a doce vida
Fructo que succeda á flor.

Recebe este voto, amigo,
Que eu fiel ao uso antigo
Quiz trazer-te n'este dia
Em poucos versos singelos;
Qualquer os fará mais bellos,
Ninguem tam d'alma os faria.

XIX

OS LUSIADAS

EPÍLOGO DE PAGGI 1

I

Co'a doce voz o Cysne lusitano
 Assim as proprias fêras abrandava;
 Mas nem o Tejo, de seu canto ufano,
 Nem as ingratas Tagides tocava:
 De seu impio destino deshumano
 Nunca as iras fataes, nunca domava;
 Nem achou entre os seus humanidade
 Quem moveria as pedras á piedade.

II

Ingrata patria, o engenho sublimado
 Digno de um capitolio em Roma antiga,
 Tu não o ergueste d'esse baixo estado
 Em que só por tua glória se afadiga!
 O engenho que te inveja mallogrado
 Toda a nação de meritos amiga,
 Tu na vida em miserias o deixaste,
 E em leito vil á fome o assassinaste!

III

Vae! Sua glória é mais hoje a maravilha
 Das gentes, porque mais o perseguiste;
 Morre o teu nome quando o seu mais brilha,
 Despojam d'elle a tua lingua triste;
 Iberia o adoptou, França o perfilha,
 Britannia o quer; e agora eterno existe,
 Que n'um e n'outro italico idioma
 Entre os seus vates o colloca Roma.

1 Paggi esteve muitos annos em Lisboa, e aqui publicou duas edições da sua tradução dos LUSIADAS, que, se não tem o valor poetico da de Nervi, nem a fidelidade da de Briccolani, é todavia muito apreciavel. Este epílogo foi tirado da seg. edição de 1659, que é a mais correcta, conservando-se-lhe a propria orthographia.

XIX

LA LUSIADA

EPILOGO DI PAGGI

I

COTAL cantava il lusitano cigno
 Molcendo con sue voce anco le fere,
 Non che l'amato patrio Tago e'l Migno,
 E le del canto suo Tagide altere:
 Che pur del suo destino empio e maligno
 Non puote unqua addolcir l'ire severe;
 Non trovando fra suoi humanitate
 Quei ch'i scelsi avria mossi anco a pietade.

II

Potesti, ingrata patria, un spirito degno
 D'un campidoglio in una Roma antica,
 Non sollevar da basso stato, indegno
 Di cui fiè per te gloria ogni fatica?
 Un spirito che t'invidia al maggior segno
 Ogni altra nazione di mer'ti amica,
 Veder soffristi vivo egro e scontento
 Ed in vil letto di disagio spento!

III

Ma vanne pur che, quanto iniqua, austera
 Fusti con lui, tanto fra l'altre genti
 Sorgerà la sua gloria ove tua pera,
 Fino a cacciarne i tuoi nativi accenti.
 Adotteranno la nazione ibera,
 La franca, use adottar spirti eminenti,
 L'angla; ed ambe le italiche favelle
 Vorràn che viva fra suoi poeti anch'elle.

IV

Tu fica-te c'os ossos deshonorados
 Que te accusam de ingrata ao céu e á terra;
 Seu espirito, esse vae onde prezados
 São virtude e talento, e onde impia guerra
 Stulto o poder não faz aos mais honrados:
 Mais de outros já que teu, já não se encerra
 N'um canto do orbe sua altiva fama,
 Que Augusto a ampara e um Alexandre a acclama.

V

Lá onde surge de alto monte, e brilha
 Sobre a escolhida grey de Deus a estrella,
 E igual áquella antiga maravilha
 Que os reis guiou a Deus, sobre os reis véla,
 Lá onde ao merito o poder se humilha,
 Beija a paz da justiça a face bella,
 E de illustre carvalho á sombra amena
 Descansa Roma no velar de Siena. ²

VI

Lá vae, minha obra, e d'esta luz roubada
 Tu leva á patria musa esses primores;
 Em fala ignota estava sepultada,
 Raios de extranho sol são seus fulgores.
 Vae, viverás: tambem com luz furtada
 Deu vida Prometheu. Se mais não fores,
 Serás reflexo de belleza, lustre,
 E de eterno splendor émula illustre. ³

² Cidade do gran-ducado de Toscana, patria do papa Alexandre VII, a quem a versão dos *LUSTADAS* foi dedicada.

³ Publicando-se a primeira vez esta traducção dos versos de Paggi no 2.^o num. do vol. II do jornal a *SEMANA*, appareceu com uma introdução, da qual julgamos dever extractar alguns paragraphos:

«Um nome illustre e portuguez, germanado pela inspiração pelas tradições patrias com a gloria de Camões, associa-se hoje á nobre desaffronta que um estrangeiro soube, há seculo e meio, escrever no fim dos *LUSTADAS* em honra das esquecidas cinzas de Camões. O estrangeiro foi Carlos Antonio Paggi, que na sua traducção italiana dos *LUSTADAS* accrescentou, como Epilogo, seis formosas strophes em honra do poeta que a patria, ou antes a corte do seu tempo, votára á humiliação e á indigência. O nome glorioso na historia contemporanea das nossas lettras é o de Almeida Garrett, que em bellissimos versos portuguezes trasladou a elegia melancolica com que o italiano Paggi apostrophou a indifferença, ou o despreso que foram em vida de Camões a tença mais avultada que os poderosos lhe destinaram no seu livro de mercês.

«Quem gravou mais estes versos na loisa de Camões, quem

IV

Tienti pur l'ossa inonorate ancora
 Che t'accusan d'ingrata anco sepulte;
 Che lo spirito di lui, gia di te fuora
 Non errará, ne sien sue pene inulte;
 Vedrailo accolto ove virtu s'onora:
 Gia piu d'altri che tuo, fra le piu culte
 Genti del orbe, è maturar sua speme
 Sotto un Augusto e un Alessandro insieme

V

La ve ad illuminar da eccelso monte
 Astro di Dio, l'eletta greggia, surge,
 Che al par di quel che ad inchinar la fronte
 Condussi i regi a Dio, i regi scorge,
 La dove il merto abbatte sforzi ed onte,
 La giustizia á la pace il labro porge,
 E di quercia Feretria á l'ombre amena
 Riposa Roma al vigilar di Siena.

VI

Or la vanne, opra, ed á le patrie muse,
 Quasi terzo cristal le luci rendi
 Che sotto ignoto dir sepolte e chiuse
 Da sol che altrove splende or furi e prendi.
 Vanne, e qual gia Prometteo anima infuse
 Con le luci non sue, tu vita attendi:
 Spechio del altrui bello, emulo industrie
 E d'eterno splendor riflesso illustre.

lhe refrescou as cinzas com mais esta saudade, foi o poeta, que resume no seu nome, como n'um traço conciso, toda uma regeneração litteraria, o poeta que marca no stadio das lettras um repouso ameno depois do servilismo, ou da inanición da poesia nacional; o mesmo que celebrou Camões em versos ungiões de sentimento e de saudade intima; aquelle que interrogou os portuguezes sobre o lugar onde jaziam os ossos do maior genio da nossa terra; foi o proprio que em Portugal, onde só a opulencia tem monumentos, e a nullidade estatuas, levou-tou o mais clamoroso brado a favor d'aquella pobre usada, perdida, profanada, pisada talvez sacrilegamente pelos filhos degenerados d'uma patria envelhecida; foi aquelle mesmo que rematou tambem um dos seus mais graciosos e sentidos poemas, com esta apostrophe, tenerosa e solemne, já tantas vezes citada por nacionaes e estrangeiros:

Onde jaz, portuguezes, o moimento
 Que do immortal cantor as cinzas guarda?
 Homagem tardia lhe pagastes
 No sepulchro siquer? Faça de ingratos!

XX

O TEJO

AO SENHOR VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

PELO CONDE DE CANDUZZANO

N^{essas} margens risonhas do Tejo
 Não ha som que não cante de amor;
 Em suas ondas azues o lampeio
 Das estrellas, no albor, se espelhou.

Essa terra produz a violeta
 Ao primeiro sorrir da manhã,
 Vago Zephyro a flor indiscreta,
 Sussurrando, lascivo beijou.

É loquaz este bosque sombrio,
 Cheio ainda do canto dos bardos;
 Aqui é Tempe, aqui o Ménalo frio,
 E o Meandro que os cysnes produz.

Oiço uns eccos de magica lyra
 Pela noite ir ao longo da praia...
 Quem é esse tam fero que ahi gira
 E do dia desdenha da luz?

É Catão,¹ — só a este não doma
 Quem a terra fez muda a seu mando;
 É Catão — a infamia de Roma
 Na sua frente jámais não pesou.

Como geme alva pomba ferida,
 Assim Mérope² gem e e lamenta;
 Sôam trompas guerreira alarida,
 E a alegria ao seu peito voltou.

Nas cumiadas de Herminio³ nevosas,
 Que dos horridos gelos se c'róam,

1 Allude á tragedia CATÃO do Sr. Garrett.

2 Allude á tragedia MÉROPE do Sr. Garrett.

3 Do mesmo modo allude á CAVERNA DE VIBIATHO, publicada ultimamente nas FLORES SEM FRUCTO, com a tradução franceza por M. de Flaugergues.

XX

IL TAGO

AL SIGNOR VISCONTE DE ALMEIDA-GARRETT

DAL CONTE DI CAMBUZANO

SULE sponde ridenti del Tago
 Dice ogni eco canzone d'amore,
 In que' flutti d'azzurro si vago
 C'ogni stella al mattin si sp'chiò.

Quella terra produce la viola
 Al primiero d'ell' alba sorriso,
 Zefiretto che lene trasvola
 Susurrando quel fiore baciò.

Son loquaci le brune foreste,
 Piene ancora del canto de' bardi;
 Quivi è Tempe, qui Menalo agreste,
 E'l Meandro che i cigni nutri.

Odo un suono di magica lira
 Lungo il lido sull' umida sera...
 Chi è colui che si fiero s'aggira
 E disdegna la luce del dì?

Egli è Cato, ¹ lui solo non doma
 Chi la terra fè muta á suoi cenni;
 Egli è Cato, l'infamia di Roma
 Sul suo capo giammai non pesò.

Come gemon le bianche colombe,
 Così Merope ² piange e lamenta;
 Ma improvviso squillare di trombe
 Alta gioja id suo cuore versò.

Su le cime d'Erminio ³ nevose,
 Cui fan gl'orridi ghiacci corona,

1 Idem.

2 Idem.

3 Idem.

Vê a aurora coberta de rosas
De belleza em que pompa surgiu!

Na hastea debil as tenras florinhas
Vão o puro rocio bebendo,
Cada gota do céu, nas hervinhas,
Rica perola ardente luziu.

Mas o Genio do monte, que horrendo
Entre as sombras impera da noite,
Bate as azas, já foge e fremendo
No profundo do mar mergulhou.

Repentino lá surge um guerreiro,
Torvo o cenho, a armadura de ferro...
É Viriatho... a seus pés--o primeiro!--
Cae as Aguias que o mundo adorou.

Da caverna que os ossos lhe encerra
Surde a voz... Inclinae as cabeças
Ante o livre que impavido á terra
—Ou morrer— ou salva-a jurou...

Emmudece a harpa.—O nome adorado
Da sua Julia⁴ as Dryades cantem!
Sôbre a fronte ao poeta sagrado
Phebo proprio os seus loiros poisou.

XXI

CANÇÃO DA DONZELLA FINLANDEZA

Oh! se o meu Bem me volver,
Se quem d'antes via, eu vejo,
Traça elle a bôcca a escorrer
e lobo em sangue, lh'a beijo;
E a mão vou lh'a apertar,
Cobras lh'a andem a enroscar.
Ah! se o vento alma tivera,
Lingua o ár da primavera,
Fôra a sua voz bastante:

⁴ Allude igualmente á ode ou canção II do livro primeiro — FLORES SEM FRUCTO.

Ve' l'aurora cosparsa di rose
Qual fa pompa di rara beltà

I floretti sul gracile stelo
Van bevendo la pura rugiada,
Ogni stilla caduta dal cielo
Fra l'erbette una perla si fa.

Ma lo Spirto del monte, che orrendo
Tiene impero fra l'ombre di notte,
Bate l'ali, già fugge fremendo
Nel profondo dei mari piombò.

Um guerriero repente si desta,
Torvo il ciglio, rachiuto nell'arme,
È Viriato... un vessillo calpesta
Che tremante la terra mirò.

Dallo speco che l'ossa ne serra
Una voce si parte — t'inchina
A colui che la libera terra
O far salva o perire giurò...

Tace l'arpa... Di Giulia⁴ ripeta
Ogni Driade il nome soave!...
Su la fronte del sacro poeta
Febo istesso l'alloro posò.

XXI

EYTON RUNO SUOMALAISEN

Jos mun tuttuni tulisi,
Ennen nähtyni näkyisi,
Silleä suuta suikkajaisin;
Jos olis suu suden weressä;
Sillen kättä käppäjäisin.
Jospa käärme kämmen-päässä
Olisko tuuli mielellisnä,
Ahawainen kielellisnä
Sanan toisi, sanan weisi,

4 Idem.

Novas levára e trouxera
 Entre um e outro amante.
 Desprézo finos guizados,
 Deixo ao cura os seus assados;
 Só quero amar, ser constante
 A quem o verão me deu
 E o inverno affez a ser meu. ¹

XXI

CARMEN FENICAE PUELLAE

Ille si meus veniret,
 Visus ante si veniret;
 Illitum lupi cruore
 Os libenter oscularer;
 Si ter implicaret anguis,
 At manum manu tenerem.
 Si qua mens adesset austro,
 Si qua lingua veris aurae;
 Ferret aura, ferret auster,
 Et referret usque verba,
 Nuntians, amanti amantis.
 Nil moror dapes opimas,
 Presbiter nihil quod assat,
 Dum mihi meum reservem,
 Quem mihi subegit aestas,
 Bruma quem dedit domandum.

A. HEDNER.
 Praepositus Yoriensis.

¹ O original é phênicio ou finlandez.
 Esta pequena Runa, canção em metro runico, é considerada no Norte como um d'esses raros exemplares da litteratura primitiva dos povos que a caracterizam. Como tal tem sido traduzida em muitas linguas com o auxilio das versões litteraes, que para isso se publicaram em Stokolmo.

Senan liian liikuttaisi,
 Kahden kaunihin välillä.
 Ennen heitän herkkuruuat,
 Paistit pappilan unohdan,
 Ennenkun heitän herttaseni,
 Kesän kestytytyäni,
 Talwen taiwuteituanani. ¹

XXI

ΕΙΣΑΓΟΜΟΝ ΦΕΝΝΙΚΟΝ

Ὡς ἴκεθ' ὁ προσφύγιός μοι,
 Τὸν πόδα φράζοντ' ἴδοιμι,
 Γινώσκω λάκκοιο φροδὶμ ὄν
 Λιματοσταγῆ τὰ χεῖδη.
 Ἐν χερσὶν αὐτοῦ δὲ φῖσα
 Ὅφρασ' οὐ ταρβήσῃς ἐλιγμοῦ.
 Εἰ γὰρ κεν ἔμψρων μὲν αἶψα,
 Εἰ πῶτα ὁ ἔνπιλος ἦρος.
 Σὺν τάχει πρὸσω πόδεν τε,
 Τους ὄν ὀλλέλιον ἐρώστω.
 Πίστειος ἰσχυροῦ καρμίζοι.
 Πῖλον λιγυροματ' ὄν μεθείων,
 Ὅπτα κρέα θ' ἰσχυροῦ ἐργασί.
 Μάλλον, ἔ τάνδρα; λαθουμπυ,
 Τούπερ ἐν θέσει θαρμέντος.
 Ἐν κρῖσι κατακρότῃσα.

J. Sponczano
 Professor Linguae Graecae

Por este modo se fez a portugueza: e creio ser a primeira que apparece nas linguas do Sul. Dou com ella as versões todas, poeticas e litteraes, que me chegaram á mão. Muito aproveitaria ao estudo das linguas, e litteraturas da Europa se os nossos litteratos se dessem com o mesmo empenho ao estudo das runas e sagas do Norte, com que alli se dão ao das nozess xacaras e solãos.

TRADUÇÕES LITTERAES

ALLEMAN

Oh! wenn mein Geliebter¹ kommen würde,
 Der früher gesehene, w-un er erschiene (erscheinen würde):
 Sogleich würde ich einen Kuss auf seinen Mund drücken,²
 Auch wenn es (der Mund) mit Wolfsblut besudelt,³ wäre!
 Seine Hand würde ich zugleich auch warm (berührt) fassen,⁴
 Wenn auch eine Schlange sich um seine Finger schlängelt!
 Ach! wenn der Wind Verstand hätte,⁵
 Der frische Lenzeshauche, wenn er einer Sprache mächtig wäre⁶
 Ein Wort würde er hinbringen,⁷ ein Wort würde er zurückbringen;
 Mit Nachrichten würde er schnell eilen⁸
 Zwischen zwei Liebenden —
 Lieber verschmähe ich die kostbarsten Speisen,⁹
 Vergesse lieber den Braten auf des Priesters Tische,¹⁰
 Als dass ich meines H rzens Geliebten verlasse,
 Den, welchen ich im Sommer mir ergeben machte¹¹
 Den, welchen ich in Winter (an mich) befestigte.¹²

¹ Eigentl.: mein Bekannter.

² Ganz wörtlich: ihm den Mund sogleich hinhalten würde, d. h. ihn küssen.

³ Ganz wörtl.: wäre auch sein Mund in Wolfsblut, d. h. wäre er mit Wolf-blut befleckt.

⁴ Wörtlicher: ich würde ihm einen leichten Handschlag geben.

⁵ Ganz wörtlich: wäre der Wind als Verstand-besitzend.

⁶ Oder: wäre als sprachmächtig.

⁷ Eigentl.: holen.

⁸ Ganz wörtl.: ein Wort zur Genüge, würde er (der Wind, der Hauch) in Bewegung bringen (rege machen), d. d. würde er wechselseitig bringen zwischen, etc. (Dieser Vers ist, wie man sieht, ein Parallelismus zu dem nächst vorangehenden. Solche findet man nicht selten in der finnischen Runen-Dichtung.)

⁹ Uebrigens: Herrenessen.

¹⁰ Ganz wörtl.: des Pfarrhauses Braten (Plur.) ich lieber vergesse.

¹¹ Oder: mit antockte, d. h. machte dass er sich an mich schloss.

¹² Oder: bändigte, d. h. nach meinem Sinne lenkte.

II

INGLEZA

Oh! if my beloved¹ would come,
 The before seen, if he would appear;
 Instantly I should press a kiss on his mouth,²
 Even though it (the mouth) were stained with the blood of a wolf.³
 His hand I should at the same time warmly (cordially) seize,⁴
 Even though a snake wound round his fingers!
 Oh! if the wind had understanding,⁵
 The fresh zephyrs of the spring, if they were capable of speech:
 A word they would bring hither,⁶ a word they would return,
 With intelligence they would quickly hasten⁷
 Between two lovers—
 I should sooner give up the most dishes,⁸
 Forget rather the roast-meat on the priest's table⁹
 Than I forsake my dear beloved,
 Him, whom in the summer I made attached to me,¹⁰
 Him, whom in the winter I captivated.¹¹

¹ Or: intimate; properly; well-known.

² Literally: to him I should instantly offer my mouth, that is to say: kiss him.

³ Quite literally: even though his mouth were in the blood of a wolf; that is to say: it it were besmeared with the blood of a wolf.

⁴ More literally: I should give him a light squeezing of the hand.

⁵ Quite literally: if the wind were as if possessing understanding.

⁶ Properly: fetch.

⁷ Literally: a word which were sufficient, they (the winds, the zephyrs) would set a-going; that is to say: they would alternately bring between, etc. This verse forms, as it appears, in sense and thought, a parallelism with the preceding verse. Such are not seldom met with in the Finlancian runic poetry.)

⁸ Very near: the gentlemen's (the lord's) meat.

⁹ Quite literally: forget rather the roast meats of the priest's house.

¹⁰ Or: attracted to me, that is to say: caused him to become attached to me.

¹¹ Or: tamed, that is to say: made him submit to my mind or will.

III

LATINA

O, si ille familiaris meus veniret,
 Antea visus mihi appareret!
 Statim ei os porrigerem,¹
 Etiam si esset (os) lupi cruore maculatum.²
 Manum ejus calide³ premerem,
 Etiam si anguis digitos cingeret.⁴
 O! si ventus esset ment praeditus,⁵
 Si flamen⁶ veris alacre⁷ linguae esset potens;
 Verbum hoc ferret, verbum referret,⁸
 Nuntium vicissim motu ageret⁹
 Inter duos amantes. —
 Rejiciam potius lautissimas cupedias,
 Quam carnis assae de mensa presbyteri¹⁰ obliviscar,
 Quam meum ex corde amatum dederam;
 Quem aestate mihi deditum reddidi,¹¹
 Quem hieme satis mansuefecit.¹²

¹ Eum mox oscularer.

² *Proprie*: etiam si in lupi cruore os esset, *i. e.* etiam si lupi crur in ore ejus esset.

³ *Proprie*: facile.

⁴ *Proprie*: etiam si anguis in extrema manu (esset).

⁵ *Sive*: O, si ventus esset intellectus!

⁶ *Sive*: aura.

⁷ *Recreans*.

⁸ *Sive*: verbum adduceret, verbum reportaret.

⁹ *Proprie*: verbum plus quam sufficiens in motum ageret (moveret).

¹⁰ *Proprie*: de villa presbyteri, *i. e.* quae in villa presbyteri solet esse. Carnis assae frustra presbyteri mensae apposita.

¹¹ *Sive*: quem aestate ita tractavi, ut se mihi dederet.

¹² *Sive*: quem hieme ita tractavi, ut mihi obediret.

IV

FRANCEZA

Ah ! si mon bien-aimé ¹ voulait venir,
 Celui que je voyais jadis, voulût-il reparaitre !
 A l'instant je presserais un baiser sur sa bouche, ²
 Si même elle était tachée de sang de loup. ³
 Je saisiserais ardemment sa main ⁴
 Quand même un serpent fût roulé autour de ses doigts.
 Oh ! si le vent avait de la raison, ⁵
 La fraîche haleine du printemps, si elle savait une langue ;
 Elle irait chercher un mot, un mot elle rapporterait ;
 Vite elle se hâterait avec des nouvelles ⁶
 Entre deux amants. —
 Plutôt je me passerais des mets les plus délicats, ⁷
 J'oublierais plutôt le rôti sur la table du pasteur, ⁸
 Que je n'abandonne le chéri de mon cœur,
 Celui qu'en été je m'attachai, ⁹
 Celui que j'enchaînai pendant l'hiver. ¹⁰

¹ Proprement dit: mon bien-connu.

² Littéralement: je lui tendrais à l'instant la bouche, c'est-à-dire: je le baiserais.

³ Tout-à-fait littér.: fût même sa bouche d'ns le sang d'un loup, c.-à-d.: fût-elle souillée de sang de loup.

⁴ Plus littér.: je lui donnerais un léger serrement de main.

⁵ Tout-à-fait littér.: si le vent était possédant de la raison.

⁶ Plus littér.: un mot, qu'il suffirait déjà, elle le mettrait en mouvement, c.-à-d.: elle le porterait alternativement entre, etc. (Ce vers ne forme, comme il le paraît, qu'un parallélisme de d'esprit et de pensée avec le vers précédent; on en trouve souvent dans la poésie française.)

⁷ A peu-près: nourriture des Messieurs.

⁸ Tout-à-fait littér.: j'oublierais plutôt les rôtis du presbytere.

⁹ Ou: attirais vers moi, c.-à-d.: fis qu'il s'attachât à moi.

¹⁰ Ou: apprivoisais, c.-à-d.: que je fis plier à ma volonté.

NOTAS

Nota A

Coquette dos prados..... pag. 137

A palavra *coquette* não é portugueza. Mas não ha remedio senão accital-a e dar-lhe a carta de naturalisação desde que a coisa se afforou tanto entre nós.

Nota B

Voz e aroma..... pag. 152

Parece-me, e quero confessal-o, que estes versos são uma reminiscencia de Lamartine.

Nota C

No Lumiar..... pag. 159

Tinha promettido estes versos sobre a visita de Mrs. Northon ao Lumiar, ha tres para quattros annos, ao nosso commum amigo S. de L. Perdõe-me elle se tam tarde cumpro a minha promessa. — Dezembro, 1851.

Nota D

O Tejo..... pag. 165

O Sr. Conde de Camburzano, secretario da Logaçon de Sardenha em Lisboa, foi aqui mui pouco conhecido da nossa sociedade, nem o seria com vantagem, porque dansar e jogar, jogar e dansar, de verão e de inverno, nossa occupação exclusiva e unica, não podia ser a de um homem de forte pensar e de vehemente sentir.

Manda-lhe aqui éstas saudades um dos poucos portuguezes que tiveram a fortuna de o conhecer.

Nota E

Deixo ao cura os seus assados..... pag. 172

Este pequeno poema foi-me enviado de Stockolmo pelo illustre litterato o Sr. Zetterquist, com as

traduções poeticas e litteraes que publico juntamente com o texto, e que me serviram para fazer a tradução portugueza que com tanta instancia me pediram. Vem tudo acompanhado da seguinte explicação em francez, que aqui ponho textualmente tambem para melhor esclarecimento do assumpto:

REMARKES DIVERSES SUR CETTE RUNA FINOISE ¹

Ce petit poëme, que l'on peut appeler une réminiscence de l'état d'innocence primitive des peuples et des langues, fut composé il y a peut-être quelques siècles, par une jeune paysanne finoise. Comme le chant l'indique, elle paraît avoir eu un amant auquel elle avait donné son cœur et son premier amour, mais qui, plus tard, pour une cause quelconque, l'abandonna, malgré les promesses de mariage qu'il avait jurées à sa fiancée. Une circonstance pareille n'a jamais été et ne sera jamais rien d'extraordinaire; c'est, nonobstant, le thème de ce chant si simple. Simple, il est vrai mais il ne manque pas pour cela d'originalité, ni même de poésie, pareil en cela, du reste, à tous les vieux et sublimes chants nationaux du Nord. Je pourrais même à cet égard soutenir sans exagération que celui qui nous occupe est l'un des plus beaux produits de la poésie populaire. Où trouver, par exemple, une pensée plus sublime que celle de la seconde strophe, où cette Sapho, quoique n'étant pourtant pas de Lesbos, donne sous l'inspiration du moment, l'essor aux brûlants sentiments de son cœur: *«Oh! si le vent était doué de raison, et la fraîche haleine du printemps, si elle savait une langue: ils porteraient alors un mot d'amour et le rapporteraient entre deux amants.»* Mais que l'on n'oublie pas non plus que c'est l'amour, chez cette poëte toute d'inspiration naturelle, née et grandie dans un pays de forêts couvertes de neiges et de glaces, qui lui a mis sur les lèvres ces paroles d'une si douce poésie. Quant à la 3^{ème} ou dernière strophe, il me semble aussi nécessaire d'y fixer l'attention plus spé-

¹ *Runa* est un mot finois qui signifie *Chanson*. Les plus anciens caractères des peuples germaniques et scandinaves, qu'ils employaient surtout dans le style lapidaire, porte-t, comme l'on sait, le nom de *Runes* d'où le terme *Runographie* pour désigner ce genre d'écriture.

cialle du lecteur. On pourrait, par aventure, regarder comme une espèce d'étrangeté les expressions suivantes: «*Plûtôt je me passerais des mets les plus délicats, j'oublierais plutôt le rôti sur la table du pasteur, que je n'abandonne le cheri de mon cœur.*» Pour celui qui ne connaît pas les particularités caractéristiques des paysans finlandais, et leur appréciation des choses une image ou un objet concret pareil au *rôti sur la table du pasteur*, pourrait paraître quelque chose d'étonnant en poésie: mais cette pensée ou cette image ne présente par contre rien d'étonnant, lorsque l'on est initié à la vie nationale de la Finlande, et surtout, si l'on sait quelle profonde vénération les paysans finois avaient jadis pour leur prêtre, pour leur instituteur religieux: mais outre cette sainte vénération, que touchait presque à une adoration mystique, ils donnaient à ses biens matériels une valeur et leur montraient un respect non moins grands. La jeune fille, inspirée par le dieu de l'amour, n'aurait donc voulu pour les friandises les plus recherchées au monde, pas même pour les mets les plus délicats que la table du pasteur pût offrir, se départir de l'objet aimé. Cette strophe renferme aussi, en conséquence, une pensée tout aussi raisonnable que belle. — Et quoique ce petit morceau lyrique soit un modèle de style simple et naturel, il ne se fait, on vient de le voir, pas moins remarquer par un sentiment ardent, par sa force et surtout par de ces images hardies comme des poètes plus exercés et plus instruits on cherche en vain.

J'ose dans tous les cas espérer qu'on ne m'imputera raisonnablement pas à blâme, d'avoir, comme base de mon entreprise, choisi de préférence ce simple chant antique, au lieu de prendre un morceau moderne d'une autre tendance. Un original de caractère religieux, n'aurait, par exemple, indubitablement pas convenu; d'autant plus que comme il s'agit ici d'obtenir le plus grand nombre possible de traductions, non seulement en langues écrites mais encore en idiomes provinciaux, le morceau que j'ai choisi me paraît plus que tout autre propre à conduire à ce résultat.

Si j'en viens maintenant au but même de mon travail, je crois pouvoir déclarer à ce sujet, qu'à tous égards, une collection polyglotte semblable doit in-

dubitavelmente être fort intéressante pour les personnes possédant des connaissances philologiques plus ou moins grandes, et surtout pour celles qui s'occupent de linguistique comparée. Un résultat pareil dépend naturellement de la fidélité, de l'exactitude qui sera apportée à chaque traduction. L'on ne doit, en conséquence, pas considérer cette entreprise comme une affaire de curiosité, ni comme un simple amusement, mais comme un travail utile, autant que possible, pour l'histoire générale des langues.

Sous le point de vue de la réunion d'un si grand nombre de traductions, tant en dialectes qu'en langues écrites mortes et vivantes, elles seront rangées en ordre systématique basé sur leurs origines et leurs affinités. Le nombre d'idiomes dont cette *carte philologique* se composera, dépendra naturellement de la quantité de traductions que j'obtiendrai. Cependant, me fondant sur la bienveillance dont j'ai déjà été l'objet pendant le cours de quelques années, j'ose espérer que la collection se composera d'environ 200 ou 300 idiomes, dont je possède déjà un nombre assez considérable. Cet ouvrage sera encore augmenté de quelques appendices de musique, et d'une introduction philologico-historique. Ensuite, les traductions seront autant que possible imprimées avec les caractères particuliers à chaque langue.

Enfin, que l'on me permette d'ajouter au sujet de cette Runa finnoise, qu'avant moi déjà, diverses personnes l'ont remarquée avec intérêt; je dois nommer entr'autres le Conseiller d'État suédois S. E. Mr. A. F. de Skjöldebrand, lequel publia en 1810 à Stockholm une magnifique collection de gravures sur la Suède, la Finlande et la Japonie, suivie d'une description en langue française, et portant le titre de *Voyage pittoresque au Cap Nord*. La Runa que j'ai choisie se trouve dans cet ouvrage, tant en original, qu'en traduction française en prose. L'auteur y annonce qu'elle lui fut communiquée par Fr. Mich. Franzen (alors professeur à l'Académie d'Abo) comme un des meilleurs échantillons de la poésie runique finnoise. et l'un des plus propres à montrer à quel riche degré la nation finnoise possède l'inspiration poétique. Mais la langue finnoise est aussi sous le point de vue grammatical singulièrement flexible, elle est surtout

fort mélodieuse, ce qui lui donne une certaine ressemblance avec le Grec antique.

A peu près vers le même temps que l'ouvrage de Mr. de *Skjöldebrand*, apparut en anglais, d'un certain *Joseph Arcebi*, une description de Voyage en Suède, en Finlande et en Laponie, dans laquelle se trouve aussi la même Runa, en traduction anglaise, faite toutefois assez librement. Cette description de Voyage, fort intéressante a été traduite en français et en allemand. Mais ces deux auteurs ne sont pas les seuls: le célèbre poète allemand *Goethe* a fait aussi de ce chant une traduction imprimée dans ses : *Poetische und Prosaische Werke*.

QUELQUES INDICATIONS PARTICULIÈRES POUR LES TRADUCTEURS DE CE CHANT

1.^o MM. les traducteurs voudront bien suivre, *aussi fidèlement que possible*, l'une des trois traductions verbales ci-dessous. 2.^o Quant aux idiomes dans lesquels il serait difficile et peut-être même impossible de faire des traductions en vers, l'on devra, dans un tel cas, se contenter de les faire en prose, plutôt que de n'en point faire du tout. Je désire toutefois que ces traductions soient en *vers blancs* (non-rimés), comme les trois traductions verbales. 3.^o Si le traducteur voulait communiquer quelques explications grammaticales sous forme de notes, elles seraient reçues avec la plus grande reconnaissance. 4.^o De même, si quelqu'un voulait se charger, en cas que ce fût possible, de procurer de la musique à l'une des traductions, ce serait aussi une chose que je désirerais volontiers. 5.^o MM. les traducteurs sont priés d'écrire leurs traductions, *aussi distinctement que possible*, pour éviter les fautes typographiques qui pourraient s'y glisser. 6.^o L'on ne doit pas oublier de traduire le titre: *Chant d'une jeune paysane finnoise*. 7.^o Chaque traducteur voudra bien signer sa traduction.

G. G. ZETTERQUIST.

INDICE

	Pag.
LYRICA III—Advertencia.....	1
Flores sem fructo	3
LIVRO PRIMEIRO:	
I Hymno á poesia.....	9
II A Julia	11
III O mar.....	13
IV Belleza e bondade	19
V O sacrificio	20
VI A lyra.....	20
VII Goso da vida.....	21
VIII A força da mulher.....	22
IX A rosa	23
X A pombinha.....	23
XI O genio de Pindaro.....	25
XII Glycera	26
XIII O hynverno	26
XIV A espada do poeta	27
XV Osear	28
XVI A Domingos Sequeira	34
XVII A caverna de Viriato	36
XVIII O Anno Velho	46
XIX A tempestade	46
XX Tronco despido	48
XXI Solidão	48
LIVRO SEGUNDO:	
I A victoria na Praia.....	52
II O juramento.....	63
III No album d'um amigo	65
IV Não creio n'esse rigor.....	65
V O ramo de Cypreste.....	66
VI Flor singela.....	67
VII Ramo secco.....	67
VIII Nunca mais.....	69

	Pag.
IX A minha rosa	73
X Suspiro d'alma	73
XI O Emprazado	74
XII A estrella	77
XIII L'Alcyon au Cap....	78
XIII O Alcyon no Cabo	79
XIV O pharol e o baixel	84
XV Sentença d'amor	85
XVI Grinalda	85
XVII Já não sou poeta	86
XVIII Livro da vida	87
XIX As minhas azas	87
XX Kyrieleisão	89
XXI Olhos negros	90
XXII A uma viajante	90
XXIII Ella	91
XXIV Nova Heloiza	97
XXV O Natal de Christo	100
XXVI O Redemptor	102
Avulsa (Ode a Fábullo)	103
Notas	105
LYRICA IV—Últimos versos: <i>Folhas cahidas</i> .—	
Dos Editores	113
Advertencia	114
LIVRO PRIMEIRO:	
I Ignoto Deo	117
II Adetus	118
III Quando eu sonhava	120
IV Aquella noite	121
V O anjo cahido	125
VI O album	126
VII Saudades	127
VIII Este inferno de amar	128
IX Destino	129
X Goso e dor	129
XI Perfume da rosa	130
XII Rosa sem espinhos	131
XIII Rosa pallida	132
XIV Flor de ventura	133
XV Bella d'amor	134
XVI Os cinco sentidos	135
XVII Rosa e lirio	136
XVIII Coquette dos prados	137
XIX Cascaes	137
XX Estes sitios!	139

	Pag.
XXI Não te amo	140
XXII Não és tu	141
XXIII Belleza	142
XXIV Anjo és	143
XXV Vibora	144
LIVRO SEGUNDO:	
I Barca bella	145
II A corôa	145
III Sina	146
IV Ai Helenal..	147
V The rose—A sigh	148
A rosa—Um suspiro	
VI Retrato	149
VII Lucinda	150
VIII As duas rosas	151
IX Voz e aroma	152
X Seus olhos	152
XI A Delia	152
XII A joven americana	153
XIII Adeus mãe	154
XIV Ave, Maria	156
XV Os exilados	157
XVI Preito	158
XVII No Lumiar	159
XVIII A um amigo	163
XIX Os Lusíadas	164
XX O Tejo	168
XXI Cancão da donzella Finlandeza	170
Traducções litteraes	174
Notas	179